

**RESPOSTAS A PERGUNTAS
TEXTOS COLECCIONADOS
DIVERSOS**

(originalmente disponível em: <https://respostas-a-perguntas.blogspot.com>)

Revisto para o português de Portugal.
0.01. 20-07-2019

1.1 A religião do amor

Pergunta: Como acontece que a grande religião do amor deve ser chamada, com razão, apenas de religião dos fracos, para os quais ela é consolo?

Resposta: A religião do amor é apenas compreendida erroneamente, devido às múltiplas desfigurações e deturpações do conceito *amor*; pois a maior parte do verdadeiro amor é severidade! O que *actualmente* é chamado de amor é tudo, menos amor. Se forem examinados inexoravelmente a fundo todos os assim chamados amores, nada restará a não ser egoísmo, vaidade, fraqueza, comodismo, presunção ou instintos.

O verdadeiro amor não verificará o que agrada ao outro, o que lhe proporciona prazer e alegria, e sim cuidará apenas do que lhe *seja útil*! Não importando se isso lhe causa ou não alegria. Este é o verdadeiro amar e servir.

Portanto, se está escrito: “Amai vossos inimigos!”, então isso quer dizer: “Fazei o que lhes for útil! Castigai-os, portanto, também, se por outra maneira não puderem chegar ao reconhecimento!” Isso é servi-los. Só que nisso deve imperar a justiça; pois o amor não se deixa separar da justiça, são uma só coisa! Condescendência imprópria equivaleria a cultivar ainda mais os erros dos inimigos e desse modo continuar a deixá-los deslizar pelo caminho em declive. Seria isso amor? Pelo contrário, sobrecarregar-se-ia assim com uma culpa!

Apenas devido a desejos manifestados das criaturas humanas, a religião do amor foi transformada em uma religião de frouxidão, como também a pessoa do portador da Verdade, Cristo Jesus, foi rebaixada a uma moleza e indulgência que jamais possuía. Exactamente por causa do amor universal, foi ele áspero e severo entre as criaturas humanas de intelecto. Sua tristeza, que o acometia muitas vezes, era apenas natural, em vista de sua elevada missão e do material humano que tinha de enfrentar. Com moleza ela não tinha absolutamente nada a ver.

Após a eliminação de todas as deturpações e estreitezas dogmáticas, *(No que se refere à doutrina) a religião do amor será uma doutrina da mais rigorosa consequência, na qual não se encontra qualquer fraqueza nem condescendência ilógica.

2.1 Imaculada concepção

Pergunta: De acordo com as explicações de até agora nos Folhetos do Graal, todos os acontecimentos realizam-se dentro das leis tecidas pelo Criador para toda a Criação, portanto, *nunca* estarão em desacordo com as leis da natureza, mesmo sendo os acontecimentos mais extraordinários. Como é então no caso da “imaculada concepção” da Virgem Maria?

Resposta: A imaculada concepção não deve ser tomada apenas em sentido corpóreo, mas acima de tudo, como tanta coisa na Bíblia, em sentido puramente espiritual. Somente quem reconhece e intui o mundo espiritual, como existindo realmente e actuando de modo vivo, consegue encontrar a chave para a compreensão da Bíblia, o que, unicamente, é capaz de tornar viva a Palavra. Para todos os outros ela permanecerá sempre um livro com sete selos.

Imaculada concepção, em sentido corpóreo, é toda concepção oriunda de um amor *puro*, em profundo erguer dos olhos para o Criador, onde os instintos sensuais não constituem a base, mas sim permanecem apenas como forças co-participantes.

Esse fenómeno é na realidade tão raro, que foi justificado o seu destaque especial. A garantia da postergação de instintos sensuais foi conseguida mediante a anunciação, que por esse motivo é mencionada especialmente, pois do contrário faltaria um elo na cadeia dos fenómenos naturais e da firme colaboração

com o mundo espiritual. A virgem Maria, em todo o caso já provida com todos os dons para poder cumprir sua alta missão, entrou em tempo certo, através da condução espiritual, em contacto com pessoas profundamente compenetradas das revelações e profecias referentes ao Messias em vias de chegar. Foi esse o primeiro preparativo na Terra que impulsionou Maria no rumo de sua verdadeira finalidade, deixando-a a par de tudo aquilo, no que ela própria então deveria representar um papel tão importante, sem que naquela época já soubesse disso.

Dos escolhidos, a venda é afrouxada sempre de modo cauteloso e pouco a pouco, para não se antecipar ao desenvolvimento indispensável; pois todos os estágios intermediários devem ser vivenciados seriamente, para, no final, possibilitar uma realização. Conhecimento demasiado prematuro da própria missão deixaria lacunas no desenvolvimento, que dificultam uma realização posterior. No constante olhar para a meta final, surge o perigo de um avançar demasiadamente rápido, pelo que muita coisa passa despercebida ou é aprendida apenas superficialmente, o que, para o preenchimento da verdadeira destinação, tem de ser vivenciado necessariamente de modo sério. Vivenciar seriamente, porém, pode o ser humano sempre só aquilo que no momento considera como a verdadeira missão de sua vida. Assim também com Maria.

Quando então chegou o dia em que se encontrava interna e externamente preparada, ela tornou-se repentinamente, num

momento de completo repouso e equilíbrio anímico, clarividente e clariaudiente, isto é, seu íntimo abriu-se ao mundo de outra matéria e ela vivenciou a anunciação descrita na Bíblia. Com isso, a venda caiu, ela entrou conscientemente na sua missão.

A anunciação foi para Maria uma vivência espiritual tão poderosa e abaladora que, dessa hora em diante, preencheu por completo toda sua vida anímica. Daí por diante ficou sintonizada unicamente em uma direcção, a de poder esperar uma elevada graça divina. Esse estado de alma era *desejado* pela Luz através da anunciação, a fim de assim postergar, de antemão e para longe, manifestações de instintos inferiores e preparar o solo, onde um puro receptáculo terreno (o corpo infantil) pudesse surgir para a imaculada concepção espiritual. Com essa extraordinariamente forte sintonização anímica de Maria, tornou-se “imaculada” a concepção corpórea posterior, correspondente às leis naturais.

Que Maria já trouxera todos os dons para a sua missão, portanto, que era pré-natalmente destinada para tornar-se a mãe terrena do vindouro portador da Verdade, Jesus, não é difícil de ser compreendido com algum conhecimento do mundo espiritual e de sua respectiva actividade amplamente ramificada que, preparando todos os grandes acontecimentos, passa como que brincando por cima de milénios.

Com esse corpo de criança em formação, que sob tais contingências tornou-se o receptáculo mais puro, foram dadas agora novamente as condições terrenas para uma “imaculada concepção *espiritual*”, a encarnação que se realiza no meio da gravidez.

Nesse caso então não se trata de uma das almas ou centelhas espirituais, que frequentemente aguardam encarnação, e que querem ou têm de percorrer uma vida terrena para o desenvolvimento, cujo corpo de matéria fina (ou invólucro) está mais ou menos turvo, isto é, maculado, com o que a ligação directa com a Luz fica obscurecida e, por momentos, completamente cortada. Foi levada em consideração uma parte completa da pura essência divina, que por amor foi dada à humanidade perdida na escuridão, suficientemente forte para não deixar que se interrompesse jamais a ligação directa com a Luz primordial. Disso resultou uma íntima ligação entre a divindade e a humanidade nesse um, que se assemelhou a uma coluna luminosa de força e pureza jamais esgotável, da qual tudo quanto é inferior tinha de resvalar. Assim surgiu também a possibilidade para a transmissão sem turvação da Verdade, haurida da Luz, bem como a força para as acções que pareciam milagres.

A narrativa das tentações no deserto mostra como os esforços de correntezas escuras para a conspurcação resvalaram na pureza da intuição, sem poder causar danos.

Após a imaculada concepção corpórea de Maria, pôde advir a encarnação proveniente directamente da Luz, o que se dá no meio da gestação, com tal vigor, que não permitiu qualquer turvação nos estágios intermediários entre a Luz e o corpo materno, resultando assim também “uma imaculada concepção *espiritual*”.

Portanto, é perfeitamente certo falar de uma imaculada concepção, a qual, na geração de Jesus, deu-se corporal e espiritualmente, sem que qualquer lei da Criação tivesse sido contornada, alterada ou necessariamente criada para esse caso especial.

2.2 Transformações

Pergunta: Para quando são esperadas as grandes transformações e acontecimentos, anunciados de tantas partes, que preconizam o início de uma nova era?

Resposta: Essa pergunta não deve ser respondida. As autoridades considerariam mesmo uma profecia séria ou uma revelação intuída como “adivinhação”, que está sujeita à lei penal. Essa medida também é oportuna, porque oferece protecção ao público contra os numerosos exploradores, charlatões e fantasistas ou pequenos presunçosos, que consciente ou inconscientemente já provocaram tanta desgraça e que são prejudiciais a cada boa causa. A poderosa onda dos acontecimentos também deve trazer mudança nisso.

O que adiantaria se ele, por exemplo, soubesse agora que em primeiro lugar viriam sete pragas que, já neste verão, iniciariam com uma seca desastrosa, à qual seguiriam inundações devastadoras? E outras mais?

Ninguém ganharia com isso. Levaria apenas a especulações erradas. Por isso, é melhor aguardar os acontecimentos com firme confiança em Deus, e cumprir calmamente os seus compromissos.

2.3 Boas acções por ambição

Pergunta: A dissertação sobre “Destino” no Caderno 2 sugere a pergunta de como se manifesta a Justiça, na reciprocidade, nos seres humanos que fazem grandes doações, mas sem participação da intuição, praticando a caridade somente por “modismo” ou para ganhar “nome”.

Resposta: O processo é fácil de compreender. Efectua-se exactamente de acordo com as leis. O ambiente de cada pessoa é impregnado pela espécie de seu *verdadeiro* intuir, formando desse modo uma camada de matéria fina de igual espécie ao redor dela. Auto-ilusões eliminam-se por si só em tais acontecimentos, por não terem condições de vida. Se uma pessoa criou em seu íntimo um sincero e bom querer, então a camada que a circunda também será da mesma espécie. Efeitos recíprocos de espécie malévola, que retornam de tempos anteriores, são retidos, agora, por essa camada que se opõe, e desviados, ou absorvidos e desintegrados, antes que possam atingir a própria pessoa, e assim completamente eliminados ou então muito enfraquecidos, de modo que com isso ela obteve, devido ao seu sério e bom querer, a remissão de males anteriores.

Ao contrário ocorre com as pessoas que, mediante doações, criam algo verdadeiramente bom, mas o fazem apenas com o objectivo de lucro pessoal, ainda que seja só para serem bastante

comentadas, portanto por vaidade, ou para obterem alguma posição ou renome, portanto por ambição.

A lei da reciprocidade cumprir-se-á nisso incondicionalmente em todos os sentidos. De lá, onde sua doação causou bênçãos, retorna de qualquer maneira o bem para o doador, na mesma medida do bem que causou. Agora, pois, o íntimo do doador e conseqüentemente também o seu ambiente estão impregnados de egoísmo, do desejo de vantagens pessoais, ou também de outros males. O bem que então reflui atingirá primeiramente essa camada, será igualmente retido, desviado, absorvido e desintegrado por ela, de modo que a própria pessoa nada poderá receber dessa boa reciprocidade ou então somente uma parte muito enfraquecida.

Depende unicamente da força do âmago da intuição do ser humano, se o bem que reflui é desviado por completo ou até que ponto enfraquecido, antes de alcançar o íntimo do mesmo, chegando então ao verdadeiro efeito. Se esse íntimo é muito malévolos, então ele mesmo é culpado pelo fato de o bem a ele destinado pela reciprocidade não poder atingi-lo. Sendo, porém, seu íntimo menos malévolos, penetrará, pois, uma parte do bem até ele, com o que então recebe exactamente a parcela que corresponde ao seu verdadeiro valor íntimo, nem mais nem menos. Bem perto dele chegará e poderá dessa forma manifestar-se muito bem no seu ambiente, em coisas externas e materiais, que são percívéis, mas ele mesmo não poderá ser

atingido, de modo a obter um proveito eterno disso, o único que possui valor.

Uma diferença também já existe no seguinte: se a respectiva pessoa dá, decorrente de intuição espontânea, desejando apenas auxiliar, imediatamente se forma um fio que, saindo dela, atinge aquele ponto onde brota a bênção por meio de seu auxílio, formando um caminho directo de regresso da reciprocidade para ela. Dessa maneira, o efeito é muito mais directo e concentrado. Se, porém, no momento da doação a sua intuição não participar, por não ser da mesma espécie, então faltará esse fio, saindo dela, para formar uma ligação com o lugar onde a sua dádiva produz o efeito, porque o fio se dirigiu para a espécie igual da intuição. Essa é a razão por que a boa reciprocidade não pode chegar a ela em forma concentrada.

Influem aqui, ainda, muitas outras circunstâncias secundárias, cuja menção apenas poderia perturbar a imagem, embora todas contribuam para matizar da maneira mais subtil a espécie da justiça que se realiza na reciprocidade, de modo que não se pode cogitar nem em um átomo de injustiça em todo o acontecer. Essa possibilidade é absolutamente excluída pelo entrelaçamento maravilhoso das sábias leis do Criador, de modo que cada um recebe aquilo que lhe compete, avaliado da maneira mais meticulosa. Só não deve ser esquecido que muita coisa disso tudo raramente se desenrola durante uma curta vida terrena, mas

sim apenas fragmentos. Todo o acontecer se distribui sobre a existência inteira.

2.4 Responsabilidade dos juízes

Pergunta: Estará um juiz desobrigado espiritualmente de sua responsabilidade quando em serviço, por ambição, manifesta excesso de zelo, colocando de lado o que geralmente se entende por senso humanitário, na convicção de cumprir com seu dever?

Resposta: Para esses juízes teria sido melhor que nunca tivessem nascido. A parede protectora “Serviço e Dever” é retirada com o falecimento terreno. Ele é responsável de modo *exclusivamente pessoal* por todas as suas decisões e actos, como qualquer outro ser humano. Uma convicção terrena errónea não modifica nada nisso. Essa somente pode enganá-lo a si próprio. Sempre dependerá de *como* ele exerce o seu cargo. Deve tomar como base o amor, pois unicamente no verdadeiro amor reside justiça.

2.5 Pregadores incrédulos

Pergunta: a) Que acontece com os pregadores que consideram seu cargo apenas como profissão para se sustentarem, não acreditando realmente em tudo o que ensinam? b) A Santa Ceia administrada por tais pessoas terá, também, eficácia?

Resposta: a) Os efeitos recíprocos (ver: Destino no Caderno 2 e Nascimento no Caderno 3) não se preocupam com cargos e honras terrenas, mas dão a cada um o que merece. Com isso, *todas* as perguntas dessa espécie estão respondidas. b) O efeito da Santa Ceia orienta-se, principalmente, de acordo com a vida interior do *receptor*. Se ele está sintonizado correctamente com isso, receberá a força correspondente à sua sintonização, mesmo que a Ceia seja ministrada por uma pessoa de tal natureza. Quando Cristo sempre acentuava especialmente: “A ti acontecerá como acreditaste!”, então ele se refere com isso, sempre, claramente, à lei da reciprocidade. Cada qual só pode receber aquilo a que está sintonizado, nada diferente. Sejam forças espirituais ou físicas. Caso contrário, facilmente se infiltraria injustiça nas sagradas leis da Criação. E isso é impossível.

3.1 Curas

Pergunta: “Como acontecem as curas na Casa do Graal?”

Resposta: Por imposição das mãos flui a nova força vital para o doente. A palavra de Cristo: “Suceder-te-á, conforme acreditaste!” é também aqui a chave para o acontecimento. O êxito depende unicamente do valor do ser humano, isto é, o quanto ele merece ser curado ou, com outras palavras da época de hoje: como ele é *realmente* em seu interior, não, porém, como ele faz crer a si mesmo. *Naquele* grau, nem mais e nem menos, ele receberá a sua cura!

Também isso se molda totalmente na reciprocidade das leis imutáveis da Criação. Quem em seu interior está voltado para as trevas, não pode assimilar a força da Luz em seu interior, e quem não quer, a este uma cura não pode ser imposta. Então a força da Luz do mediador convocado desvia-se dele. Assim como no evangelho. Mesmo Cristo não consegue levar ninguém ao Paraíso, se este não se orientar no seu evangelho, isto significa, não viver de acordo com ele.

O ardente desejo de cura é, no entanto, também uma orientação que leva à absorção e ao efeito da força.

3.2 A Ordem: O Graal

Pergunta: Como posso ser admitido na Ordem: “O Graal”?

Resposta: As perguntas que se repetem sempre de novo de todos os lados referentes à adesão ou admissão à Ordem exigem um breve esclarecimento nos Folhetos do Graal, com o que muitos daqueles que perguntaram já recebem logo a resposta.

Não é possível filiar-se à Ordem assim sem mais nem menos como é usual em associações, seitas ou outras ligações. “O Graal” não angaria membros. Ao contrário, até é extraordinariamente dificultado aos solicitantes de admissão poderem se afiliar. Não se tem em vista a quantidade de membros, mas sim os valores interiores, não importando, se estes já estão desenvolvidos ou não. Unicamente isso é considerado na admissão de noviços. Uma admissão *não* está vinculada a custos. Um *noviço ainda não* pertence à Ordem. Dependendo de seu desenvolvimento espiritual pode durar um ano, mas também décadas, antes que seja admitido na Ordem. Nisso, ele deve contar todos os dias com a possibilidade de ser de novo totalmente desligado, se ele não conseguir, com a ajuda recebida durante o tempo de noviço, tornar vivos os valores nele inerentes. Caso contrário, porém, ele ascenderá conforme o grau de seu desenvolvimento.

À pessoa interessada nos ensinamentos da Ordem deve ser aconselhado associar-se aos *adeptos* de nossos ensinamentos do

Graal em sua cidade ou na cidade maior mais próxima. Em muitas cidades formam-se grupos de pessoas sérias, que com isso aspiram entrar em contacto mais estreito com a própria Ordem, manter correspondência directa ou, também, receber de vez em quando a visita de um membro do Graal, que fala em seu círculo sobre diversas questões incisivas da vida. Desses círculos surgem, com o tempo, os noviços. São eles, aqueles que trazem dentro de si, além de valores interiores, o forte anseio de ligar-se mais estreitamente à Ordem ou, também, de nela actuar. Uma admissão com menos de um ano como noviço é impossível. Nisso, não entra em consideração uma religião original, pois a Ordem avalia as pessoas apenas segundo os seus valores verdadeiros.

A própria Ordem é totalmente independente, não recolhe contribuições e segue, não obstante as diversas ligações, somente o seu próprio caminho.

Os poucos, felizmente, que em suas perguntas querem saber quais as vantagens ligadas a uma adesão, não entram em cogitação, nem para uma adesão nem para uma admissão, já que a pergunta por si só já comprova que lhes falta o sério anseio para um progresso interior. Por isso, também não devem ser apontadas as vantagens, que uma participação como membro já acarreta.

4.1 Filiação de Deus

Pergunta: Abdruschin diz que nem todos os seres humanos são filhos de Deus. Contudo, está escrito: Quem nega a filiação de Deus, peca contra o Espírito Santo!

Resposta: O que está escrito exige, antes de tudo, também ser compreendido de forma certa. Por esse motivo, agradece-se ao indagador por sua pergunta. Dessa maneira, cada um que pergunta, frequentemente, dá algo a muitos seres humanos, sem que saiba disso.

A dissertação “O ser humano e seu livre-arbítrio”, onde está dito que nem todos os seres humanos são filhos de Deus, responde ao mesmo tempo também a pergunta acima apresentada. Não se nega a filiação de Deus, com o facto de que nem todos os seres humanos são filhos de Deus.

A filiação de Deus é negada somente por aquele ser humano que negligencia as faculdades apresentadas pelo Espírito Santo, contidas em sua semente espiritual, isto é, que não as desenvolve suficientemente, deixando-as se atrofiarem, de modo que não podem chegar a se evidenciar nem crescer. *Isso é negação da filiação de Deus!* Nessa negligência reside uma negação. Com isso, naturalmente, peca ao mesmo tempo contra o Espírito Santo, que lhe outorgou na semente as faculdades para a filiação de Deus, para que fossem desenvolvidas e aprimoradas.

Quem omite isso, nunca será nem poderá se tornar um filho de Deus, apesar de sua pretensão, isto é, de sua possibilidade para tanto, que a dádiva do Espírito Santo lhe havia prometido já na semente. Pelo desrespeito, portanto negação desse presente, ele pecou e, com isso, impossibilitou a realização de tão sublime promessa.

4.2 “Virgem” Maria na Profecia

Pergunta: No caderno 3 foi esclarecida a imaculada concepção. A explicação, porém, está em desacordo com a profecia, a qual indica expressamente que o Salvador deveria nascer de uma *virgem*.

Resposta: Entre o artigo no caderno 3 e a profecia *não* existe *nenhuma* contradição. A contradição é originada apenas pela interpretação errónea da expressão “virgem” na profecia. Quando esta fala de uma virgem, então ela não se refere a um conceito mais restrito, muito menos à opinião de um Estado, mas pode tratar-se apenas de um grande conceito da humanidade.

Uma opinião restringida deveria constatar o facto de que uma gravidez e um nascimento, já por si, sem nisso pensar no acto de geração, já exclui a virgindade no sentido comum. A profecia, porém, não se refere a tais coisas. Com isso é dito que Cristo deveria nascer necessariamente como *primeiro* filho de uma virgem, portanto de uma mulher que nunca foi mãe. Nela, todos os órgãos que fazem parte do desenvolvimento do corpo humano, *são* virgens, isto é, nunca actuaram dessa maneira, desse ventre nunca saiu uma criança. Em *cada* primeira gestação os órgãos no ventre da mãe ainda são virgens. Somente esse facto podia ser levado em consideração numa profecia de tão longo alcance, porque cada profecia só se cumpre em absoluta

conformidade com as actuanes leis da Criação e dentro dessa previsão fidedigna também é dada! *(Revelações)

A profecia refere-se, portanto, “ao *primeiro* filho”, e por isso foi feita a diferença entre *virgem* e *mãe*. Uma outra diferença não entra em consideração, porque os conceitos de virgem e mulher somente foram originados por instituições do matrimónio, puramente estatais ou sociais, que numa tal profecia não podem entrar em questão.

Na perfeição da Criação, como obra de Deus, o acto de geração é absolutamente necessário; pois a omnisciência do Criador tem disposto tudo na Criação, desde os primórdios, de tal forma que nada é demais ou desnecessário. Quem defende um tal pensamento, diz com isso ao mesmo tempo que a obra do Criador não é perfeita. O mesmo vale para aquele que afirma que o nascimento de Cristo ocorreu *sem* uma geração normal prescrita pelo Criador à humanidade. *Deve* ter havido uma geração normal, por um ser humano em carne e sangue! Também neste caso. E também *é* assim!

Cada ser humano, realmente consciente disso, louva com isso mais o Criador e Senhor do que aqueles que querem admitir outras possibilidades. Os primeiros depositam com isso uma confiança tão inabalável na perfeição de seu Deus, que, de acordo com a sua convicção, uma excepção ou modificação nas leis por Ele condicionadas nem é possível. E *essa* é a fé *maior*!

Além disso, também todos os demais acontecimentos falam impreterivelmente a favor disso. Cristo tornou-se *ser humano terreno*. Com essa decisão tinha de se sujeitar também às leis de procriação grosso-material desejadas por Seu Pai, porque a perfeição de Deus condiciona isso.

Se a isso, venha a ser dito que “para Deus nada é impossível”, então uma explicação ocultadora desse tipo não satisfaz; pois nessa frase repousa outra vez um sentido totalmente diferente do que muitos seres humanos, em seu comodismo, imaginam. Também apenas precisaria ser dito que imperfeição, falta de lógica, injustiça, arbitrariedade e muitas outras são impossíveis junto a Deus, para contradizer o *teor* dessa frase de acordo com o entendimento habitual. Poderia se argumentar também que, se *nesse* sentido nada é impossível para Deus, Ele também poderia, com um único acto de vontade, ter tornado crentes todos os seres humanos da Terra! Então não precisaria sujeitar o Seu Filho às contrariedades e à morte na cruz pela encarnação. Esse enorme sacrifício teria sido poupado. Que, porém, aconteceu *dessa forma*, comprova a inexorabilidade das leis divinas actuates deste o início na Criação, nas quais uma intervenção forçada para uma modificação não é possível devido à perfeição das mesmas.

A isso, por sua vez, poderia ser respondido obstinadamente pela parte cegamente agressiva, de que era vontade de Deus que isso acontecesse. Isso é totalmente certo, mas nem por isso uma

contraprova, mas na realidade uma *admissão* das argumentações anteriores, se se exclui o entendimento mais ingênuo e segue um esclarecimento mais profundo, que todas as frases de espécie espiritual *exigem*.

Era a vontade de Deus! Mas isso não tem nada a ver com uma arbitrariedade, mas significa, pelo contrário, nada mais que a confirmação das leis lançadas por Deus na Criação, que não permitem uma exceção ou violação. *E justamente na necessidade de cumprimento mostra-se e confirma-se a vontade de Deus.*

Por isso, também Cristo, para a execução de sua missão, teve de sujeitar-se inevitavelmente a todas as leis naturais, portanto, à vontade de seu Pai. Também foi impossível ser evitada a geração através de um ser humano, prevista na Criação para a encarnação terrena. Que Cristo fez tudo isso, prova toda a sua vida. O nascimento normal, o crescimento, a fome que também se manifestou nele e o cansaço, os sofrimentos e por fim a morte na cruz. A tudo, a que está sujeito um corpo humano terreno, ele também estava sujeito. Por que agora unicamente a geração deva ter sido de outra forma, para o que absolutamente não havia necessidade. Justamente na naturalidade torna-se maior ainda a missão do Salvador, de modo algum menor! Da mesma forma Maria não foi menos abençoada na sua elevada convocação.

4.3 A Confirmação

Pergunta: Que efeito e que finalidade espiritual tem a confirmação na igreja evangélica?

Resposta: A confirmação teria efeito espiritual e finalidade espiritual, e poderia também, sem dúvida, trazer grandes bênçãos, se tivesse como base um sentido puramente espiritual. Esse, porém, *não* é o caso, pois a confirmação não se refere de modo algum à religião ou crença em si, como deveria ser em *toda* a actividade praticada à frente do altar, portanto, da mesa do Senhor, mas sim ela é simplesmente um acto da igreja como organização, o qual, com isso, se situa no mesmo nível de qualquer prática em clubes.

A prova de que assim é, e não de outra maneira, está contida no facto de que para ser admitido a uma confirmação na igreja evangélica não são decisivos o valor da alma, a maturidade interior, o impulso ao encontro de Deus e também não o saber espiritual. A igreja recusa terminantemente qualquer exame baseado nessas qualidades, se antes não for cumprida a sua “exigência de organização” que, sem excepção, condiciona como acto de rotina que uma confirmação *só* pode ser executada, quando o peticionário tiver se sujeitado, por um determinado número de meses, às chamadas aulas de confirmação, leccionadas por um sacerdote designado pela igreja, isto é, um funcionário da igreja.

Sem essa condição não é possível obter a confirmação, mesmo que o peticionário se declare disposto a submeter-se a qualquer exame de natureza anímica e espiritual, pelo qual poderia demonstrar valor e maturidade para tal. Em virtude dessa exigência, também seres humanos maduros e valiosos não são admitidos para a confirmação, e são recusados, caso tenham obtido sua maturidade e seus valores de outro modo que não aquele através de um funcionário da igreja, apesar de que muitas vezes possa ser muito mais valioso do que as aulas de confirmação intelectivas. É evidente que essas determinações não deveriam, em circunstância alguma, ter validade, quando poderia se tratar aqui de um proveito espiritual e anímico do ser humano. Tal conceito seria oposição directamente inibitiva à vontade sublime de Cristo, vontade na qual a igreja *deve* actuar. De maneira alguma isso estaria no conceito e no sentido do sublime Salvador, que nunca teve a intenção de fundar uma igreja ou uma religião, mas sim sua missão era *libertar* as almas. Por esse motivo, a confirmação *tem* de ser somente um acto puramente exterior, apenas uma admissão na *organização* da igreja como tal. Isso, contudo, não deve ser confundido com uma maior aproximação a Deus. Portanto, pode proporcionar, às pessoas que serão confirmadas, apenas proveitos e deveres de organização, nada mais.

Certamente, a própria igreja também considerará a confirmação nesse mesmo sentido, visto que, do contrário, ela se

tornaria culpada por uma omissão e por uma arrogância em virtude da rejeição, o que teria de se tornar muito grave na reciprocidade. Além de isso equivaler a uma perigosa presunção, a qual junto aos fariseus na época de Cristo mal poderia ser maior. *E isso não é de se esperar da igreja!* Visto que as igrejas cristãs trabalham somente no espírito de Cristo e segundo sua doutrina, uma determinação tão restrita demonstra que a confirmação *não* pertence aos actos espirituais ou às coisas que trazem progresso, podendo tratar-se meramente de uma formalidade da organização mundana. Se fosse diferente, a restrição pelas determinações significaria um erro cujo alcance nem precisa ser elucidado. A confirmação, portanto, *não* pode ser considerada, absolutamente, em prol do progresso espiritual. O que cada um lucra intimamente com esse acto depende de sua própria disposição pessoal.

5.1 Aproximação à Ordem

Pergunta: Como posso aproximar-me do “Graal”?

Resposta: a) Sempre de novo chegam perguntas sobre como as pessoas poderiam aproximar-se da Ordem “O Graal” para eventual admissão, ou solicitações de maiores esclarecimentos sobre a Ordem. Por isso, vamos, mais uma vez, aprofundar-nos mais detalhadamente nisso.

Para esclarecimento deve ser dito, sobretudo, que a Ordem não deve ser vista no sentido habitual. A denominação “Ordem”, na verdade, nem deveria ser utilizada, pois aqui apenas se trata de um líder, que traz os ensinamentos do Graal, depois de seus auxiliares, bem como de seus discípulos.

Além desses, chegam os noviços. Estes são aprendizes, que procuram a proximidade do líder e que querem actuar conjuntamente na vivificação de metas ideais. Existem, ainda, os adeptos que vivem espalhados em muitos países, estando, porém, ligados ao líder em espírito. Todos eles formam uma comunidade considerável.

Admissões, no sentido usual, aliás, não são efectuadas; pois nisso poderá entrar em consideração apenas uma pessoa que para isso recebe um chamado. E esse chamado não é terrenal. Escolhida antes do nascimento, ela o sente interiormente na hora certa, quando ela também deve ter alcançado, através de seu

vivenciar de até agora, a respectiva maturidade para ela necessária. Onde quer que se encontre, não importa em que país, em que continente, ela terá oportunidade para poder se aproximar. Deve acontecer espontaneamente, por desejo próprio, interior, sem qualquer influência, de outra forma para ela não terá valor. Se ela mesma não o solicitar antes, nunca lhe será dito coisa alguma. Em tudo conta apenas o valor espiritual, avaliação espiritual de todas as coisas, que muitas vezes são bem contrárias a conceitos terrenos actuais, portanto, também mal podem ser compreendidos por aquelas pessoas que estão por demais aderidas a concepções terrenas.

As pessoas devem contentar-se em examinar os ensinamentos do Graal, reflectir sobre eles e verificar se, com a intuição interior, neles vêm a Verdade ou não. Isso, para eles pessoalmente, contudo, é o principal, e também a *única coisa* de que poderiam ter proveito. Se elas realmente examinarem seriamente, necessitarão apenas da própria “*Palavra*”, de nada mais. Para aquelas que não conseguem isso, não são destinados os ensinamentos! Elas que fiquem sossegadamente distantes dos mesmos, pois não são convidadas a participar. Aquelas, porém, que realmente procuram sinceramente a Palavra de Deus, encontrarão o que e quem nelas lhes fala. Elas não necessitam de perguntas adicionais. Assim separa-se, desde já, o joio do trigo.

b) Com isso também são respondidas simultaneamente todas as perguntas feitas a respeito de uma “aquisição de título de membro”. Uma aquisição é simplesmente impossível. Por isso, pode acontecer que um bilionário tenha de ser retido diante do portal fechado, enquanto que um mais pobre dos pobres passa por ele e encontra ingresso, porque nisso não entram em consideração nem dinheiro, nem as convicções terrenas actuais, regras ou leis sociais ou estatais, pois a avaliação é mais profunda. Lógico é que nisso deve ser recuperada necessariamente uma eventual falta de formação externa ou também espiritual, pois ela não se deixa separar de um real estado de maturidade interior.

6.1 Ciência e humanidade

Pergunta: Existe algo não pronunciado entre a ciência e a humanidade em geral, que não age ligando, mas separando, ao passo que a humanidade, enfim, tem um direito directo à ciência.

Resposta: Naturalmente a humanidade inteira tem pleno direito à ciência, pois esta procura apenas tornar mais compreensível a dádiva de Deus, a Criação. A actividade propriamente de cada ramo da ciência se encontra na tentativa de perscrutar mais de perto as leis do Criador, a fim de que essas, pelo seu conhecimento mais apurado, possam ser utilizadas mais proveitosamente para o bem da humanidade.

Tudo isso não é nada mais do que um submeter-se à vontade divina.

Visto que a Criação e as leis da natureza ou de Deus, as quais a mantêm, são tão nítidas e simples em sua perfeição, devia resultar como consequência lógica uma explicação singela e simples por parte de quem realmente as tenha reconhecido.

Estabelece-se aqui, porém, uma diferença sensível que por sua natureza malsã abre um abismo cada vez mais amplo entre a humanidade e os que se cognominam discípulos da ciência, isto é, discípulos do saber ou da Verdade.

Estes não se expressam de modo tão simples e natural como corresponderia à Verdade, portanto ao verdadeiro saber, sim, como a Verdade, acima de tudo, requer como consequência natural.

Tem isso duas causas ou, mais precisamente, três. Pelos esforços, especiais segundo sua opinião, dedicados aos estudos, esperam uma posição de destaque. Não querem se convencer de que tais estudos constituem também apenas um empréstimo tomado à Criação formada, conforme semelhantemente faz um simples camponês pela serena observação da natureza, para ele necessária, ou outras pessoas em seus trabalhos práticos o devam fazer.

Além disso, um discípulo da ciência sempre terá de se expressar sem clareza, pela natureza da coisa, enquanto não se aproximar direito da Verdade em seu saber. Só quando tiver compreendido realmente a própria Verdade, tornar-se-á, também por causa da natureza da coisa, necessariamente simples e natural em suas descrições. Não é, pois, segredo algum que exactamente os que nada sabem, em suas fases transitórias para o saber, gostam de falar mais do que os próprios entendidos e terão aí de se servir sempre da falta de clareza, porque de outra maneira não são capazes, se ainda não tiverem diante de si a Verdade, isto é, o real saber.

Em terceiro lugar, existe realmente o perigo da maioria das criaturas humanas dar pouco apreço à ciência, se esta quiser mostrar-se com o manto natural da Verdade. Os seres humanos a achariam “natural demais” para poder dar-lhe muito valor.

Não raciocinam que exactamente *isso* é o único certo, proporcionando inclusive o padrão para tudo quanto é legítimo e verdadeiro. A garantia da Verdade reside, tão-só, na sua evidência natural.

Mas para tanto os seres humanos não serão tão facilmente convertidos, pois também não quiseram reconhecer em Jesus o Filho de Deus, porque ele lhes veio “demasiadamente simples”.

Os discípulos da ciência sempre estiveram muito bem a par desse perigo. Por isso fecharam-se cada vez mais, por sagacidade, à simplicidade natural da Verdade. A fim de fazer valer a si mesmos e a sua ciência, criaram, em suas reflexões cismadoras, obstáculos cada vez mais difíceis.

O cientista, destacando-se da massa, desprezava finalmente expressar-se de modo simples e compreensível a todos. Muitas vezes apenas pelo motivo, por ele próprio mal conhecido, de que certamente não lhe restaria muito de destaque, se não formasse um modo de expressão que, necessariamente, só em longos anos de estudos poderia ser aprendido de modo especial.

O facto de não se tornar compreensível a todos, criou-lhe, com o tempo, uma primazia artificial, que foi conservada a

qualquer preço pelos alunos e sucessores, visto que do contrário, para muitos, os estudos de anos e os sacrifícios monetários a isso ligados, realmente, teriam sido em vão.

Chegou-se assim hoje a tal ponto que nem é mais possível a muitos cientistas se expressarem perante pessoas simples de modo claro e compreensível, isto é, de maneira simples. *Tal* empenho, agora, exigiria decerto o *estudo mais difícil* e tomaria mais tempo do que uma geração inteira. Antes de tudo, para muitos resultaria desagradavelmente, pois então apenas sobressairiam ainda aquelas pessoas que tivessem algo a dar à humanidade com real *capacidade*, estando com isso dispostas a servi-la.

Actualmente, para a generalidade, é característica marcante do mundo dos cientistas a mistificação por incompreensibilidade como semelhantemente já foi hábito em assuntos eclesiásticos, onde os servidores de Deus terrenalmente escolhidos como guias e condutores só falavam em latim a todos quantos buscavam devoção e elevação, o que estes não entendiam e, portanto, também não podiam abranger nem assimilar, somente com o que conseguiriam obter algum lucro. Os servidores de Deus poderiam ter falado igualmente em siamês na ocasião, com o mesmo insucesso.

O verdadeiro saber não deve precisar tornar-se incompreensível, pois encerra em si ao mesmo tempo a

faculdade, a necessidade, sim, de se expressar com palavras singelas. A Verdade é, sem exceção, para *todas* as criaturas humanas, pois estas se originam dela, porque a Verdade é viva no espírito-enteal, o ponto de partida do espírito humano. Daí se infere que a Verdade pode ser compreendida também em sua singeleza natural por todas as criaturas humanas. Tão logo, porém, ao ser transmitida se torne complicada e incompreensível, não permanece mais pura e verdadeira, ou então as descrições se perdem em coisas secundárias que não têm aquele sentido como o núcleo. Esse núcleo, o autêntico saber, tem de ser compreensível a todos. Algo artificialmente arquitectado, por sua distância da naturalidade, pode conter em si apenas pouca sabedoria. Quem não é capaz de transmitir o verdadeiro saber de modo simples e natural, *não* o compreendeu, ou então procura encobrir algo involuntariamente, ou se apresenta como um boneco enfeitado e sem vida.

Quem na lógica ainda deixar lacunas e exigir crença cega, reduz a um ídolo defeituoso o Deus perfeito e prova que não se acha no caminho certo, não podendo, portanto, guiar com segurança. Seja isso uma advertência a cada perscrutador sincero!

6.2 Seres humanos divinos

Pergunta: Em livros mais recentes menciona-se diversas vezes que algum dia chegará a época dos seres humanos divinos, dos seres humanos nobres perfeitos. É essa a época do Reino do Milénio?

Resposta: Não chegará a época *dos* seres humanos divinos, porém a época *do* Homem divino! Aqui o equívoco está, outra vez, na tentativa de generalização de uma promessa *pessoal* até agora não compreendida.

Nunca poderá haver seres humanos divinos, além daquele que emanou de Deus. *([Caderno7](#) “Fenómenos universais”) Os seres humanos nobres mais perfeitos, dada a natureza de sua origem, poderão, na maior perfeição, se tornar apenas seres humanos *espirituais*; nunca, porém, divinos.

6.3 Folhetos do Graal

Pergunta: Os Folhetos do Graal têm alguma ligação com uma das Ordens do Graal ou associações existentes com denominações semelhantes?

Resposta: Os Folhetos do Graal não têm ligação *alguma* com nenhuma Ordem do Graal ou associações conhecidas. Eles, em sua absoluta independência, também iriam rejeitar qualquer adesão.

6.4 Teósofos

Pergunta: Em muitas publicações da imprensa, os teósofos referem-se ao indiano Krischnamurti como sendo o esperado Grande. O que os folhetos do Graal dizem a respeito?

Resposta? *Nada!* De diversos países já nos chegaram numerosas consultas sobre este assunto. Nós, por princípio, rejeitamos entrar em pormenores sobre assuntos de qualquer associação ou dar uma opinião a respeito. *Estamos completamente alheios ao referido movimento.* Quem vem da Verdade e procura seriamente, também reconhecerá quando a Verdade lhe fala!

7.1 Aprendizado do ocultismo, alimentação de carne ou alimentação vegetal

Pergunta: As tendências de aprendizados do ocultismo devem ser totalmente rejeitadas? Como devemos nos posicionar em relação ao vegetarianismo absoluto de muitos reformadores de vida?

Resposta: Ambas as tendências, tanto do aprendizado do ocultismo como da assim chamada reforma da vida, escolheram um elevado alvo, alcançá-lo significaria uma nova etapa no desenvolvimento da humanidade! O tempo da concretização desses valiosos *alvos* de facto virá. Os esforços que agora surgem para esse fim, fazem parte somente do processo de fermentação dessa nova era.

Contudo, enquanto os líderes das tendências ocultistas, imbuídos das melhores intenções, tomaram um caminho totalmente errado no terreno para eles próprios desconhecido, que nada de diferente alcança a não ser abrir livre passagem para as trevas, expondo a humanidade a perigos aumentados do Além, os assim chamados reformadores da vida, para conseguirem seu alvo digno de louvor, ultrapassam-no de muito, em relação à *época actual*! As actividades de ambas as partes devem ser empreendidas diferentemente. Os exercícios espirituais exigem, desde a base, uma maneira *mais elevada* do

que os até agora praticados. Há de se enveredar aí por um caminho totalmente diferente, a fim de poder chegar às alturas. O actual caminho leva exclusivamente ao cipoal inferior do Além, onde a maior parte dos seguidores é inteiramente enlaçada pelas trevas e arrastada para baixo.

O caminho *certo* tem de conduzir *para o alto desde o início*, e não deve perder-se primeiro em ambientes inferiores e no máximo de nível idêntico. Os dois caminhos não têm nenhuma semelhança, já são completamente diferentes desde sua espécie básica. O caminho certo logo eleva interiormente; segue, portanto, já desde o início para cima, sem tocar antes no ambiente de matéria fina equivalente, muito menos ainda no inferior, pois isso é desnecessário, uma vez que no sentido normal só deve haver um aspirar da Terra para cima. Por isso seja feita novamente uma séria advertência com relação a todo o acrobatismo do espírito.

Necessita o espírito durante sua existência terrena, imprescindivelmente, de um corpo sadio e robusto, terrenalmente em estado normal, para o *pleno* cumprimento de sua finalidade de existir. Alterando-se esse estado do corpo, tal alteração perturba a harmonia totalmente necessária entre o corpo e o espírito. *Só essa* proporciona um desenvolvimento sadio e eficaz do espírito, impedindo excrescências doentias.

O corpo sadio e não oprimido, devido ao seu estado normal, harmonizará sempre com o espírito de modo absolutamente natural, proporcionando-lhe assim uma base firme na matéria, na qual o espírito não se encontra sem finalidade, e dando-lhe, também, o melhor auxílio para cumprir de modo integral essa sua finalidade de auto-desenvolvimento e simultâneo beneficiamento da Criação.

Cada corpo gera determinadas irradiações que o espírito necessita categoricamente para sua actividade na matéria. Antes de tudo, é a tão misteriosa força sexual, que fica independente do instinto sexual. No caso de uma alteração da harmonia entre o corpo e o espírito, essa força que actua trespassando e irradiando é puxada para outra direcção e assim enfraquecida em sua finalidade real. Isso ocasiona um estorvo ou paralisação do cumprimento na existência do espírito na matéria. A consequência disso é que também o espírito não pode atingir um desenvolvimento normal e, por essa razão, terá de cair para trás enfraquecido, incondicionalmente, de qualquer ponto posterior de sua desejada escalada, a fim de recuperar uma grande parte do seu curso evolutivo, devido à natureza da coisa. Pois o que ele negligencia na matéria grosseira, não pode recuperar na matéria fina, porque lá lhe faltam, para tanto, as irradiações do corpo de matéria grosseira! Terá de voltar, para preencher essa lacuna.

Nesses acontecimentos também se encontra uma tão nítida objectividade, um fenómeno tão natural e simples, que nem pode ser diferente. Qualquer criança se certificará disso claramente, achando lógico, se tiver compreendido acertadamente as leis básicas. Preciso ainda de toda uma série de dissertações, para trazer tão perto da humanidade a Criação grandiosa, de forma que ela mesma possa ver todos os fenómenos em suas naturalíssimas sequências, regressiva e progressivamente, na incomparável e maravilhosa conformidade de leis.

Esse desvio da força sexual, indispensável ao espírito na matéria, pode dar-se de diversas maneiras. Por excesso das práticas sexuais ou apenas por seu excitamento. Bem como pelo aprendizado do ocultismo ou pelos falsos exercícios espirituais, quando o espírito chama a si violentamente essa força do corpo amadurecido, para desperdiçá-la nessa espécie de actividade errada e inútil. Em ambos os casos uma aplicação errada que, com o tempo, acarretará também enfraquecimento do corpo. O corpo enfraquecido, por sua vez, não pode produzir mais irradiações tão fortes como o espírito realmente necessita, e assim um adoece pelo outro mais e mais. Chega-se desse modo a uma unilateralidade que *sempre* se processa em detrimento da finalidade correta, acarretando por isso danos. Não quero entrar aqui em pormenores sobre outros desvios, onde o espírito, identicamente, necessita demais da força sexual para finalidades

erradas, dispondo por isso de menos para a finalidade principal, assim como na absurda leitura de livros que deixam surgir um falso mundo na fantasia e outras coisas mais.

Em todos esses casos o espírito chega *imaturamente* ao mundo de matéria fina e leva consigo também um corpo de matéria fina *fraco*. As consequências de tais pecados terrenos intervêm em todo o ser de maneira tão incisiva, que cada ser humano terá de pagar por isso com peso multiplicado. Tal negligência, tal actuação errada durante o tempo terreno adere-se então a ele, de modo embaraçador, tornando-se-lhe cada vez mais pesada, até que ele, como já foi dito, num certo ponto de sua escalada, não pode mais prosseguir, e então cai para trás, para lá onde sua actuação errada se iniciou. Até o limite onde ainda possuía sua harmonia.

A força de um espírito, desenvolvido por aprendizado do ocultismo, com prejuízo do corpo, é também apenas *aparente*. O espírito então *não é forte*, mas sim como uma planta de estufa, que mal pode resistir aos ventos, muito menos ainda às tempestades. Um tal espírito é *doente*, e não evoluído. O estado equivale a uma febre produzida artificialmente. Também o doente febril pode dispor temporariamente de energias extraordinárias, para então recair ainda mais na fraqueza. Mas o que para o doente febril representa apenas segundos e minutos, para o espírito equivale a decênios e séculos. Chegará um

momento em que tudo isso se vingará amargamente. Por isso, advirto mais uma vez! —

Por toda a parte a harmonia é a única coisa certa. E unicamente o *caminho do meio* proporciona harmonia em tudo. A beleza e a força da harmonia têm sido tão frequentemente cantadas. Por que não se quer deixá-la valer aqui, mas destruí-la categoricamente?

Toda a aprendizagem do ocultismo no modo de ser de até agora é errado, mesmo que o alvo seja elevado e necessário. —

Totalmente diferente é com os guias e os adeptos das assim chamadas reformas da vida. O caminho aqui é certo, sim, mas se quer fazer já *hoje*, *aquilo* que *só* será adequado *em gerações*, e por essa razão o efeito final é hoje não menos perigoso para a maioria dos seres humanos. *Falta a transição necessária*. A época para o início está aí! Todavia, não se deve sem mais nem menos saltar com os dois pés para dentro; pelo contrário, deve-se conduzir a humanidade *lentamente*. Para isso decênios não bastam! Conforme se pratica hoje, ocorre, na realidade, mesmo com aparente bem-estar do corpo, um enfraquecimento devido à velocidade da transição. E o corpo assim enfraquecido jamais conseguirá se fortalecer de novo!

Alimentação vegetal! Produz, mui acertadamente, o refinamento do corpo humano, um enobrecimento, também o fortalecimento e grande saneamento. Com isso o espírito

também é elevado. *No entanto, tudo isso não é já para a humanidade de hoje.* Sente-se a falta de uma direcção ponderada nessas tendências e lutas. Para o corpo de hoje não basta, em circunstância alguma, uma alimentação vegetal assim de imediato, como se fazem tentativas tão frequentemente. Está muito bem quando aplicada temporariamente, e talvez durante anos com doentes; indispensável até para curar algo ou, fortalecendo unilateralmente, ajudar em alguma parte; isto, porém, não perdurará. Deverá então ser reiniciada lentamente a alimentação a que hoje os seres humanos estão tão acostumados, se é que o corpo deva manter sua plena força. A aparência de bem-estar engana. Certamente é muito bom quando também os sadios uma vez se utilizem durante algum tempo exclusivamente da alimentação vegetal. Sem dúvida sentir-se-ão bem com isso e, igualmente, sentirão um livre impulso do seu espírito. Mas isso é causado pela *mudança*, como qualquer mudança refresca, também espiritualmente.

Mantendo, porém, subitamente a alimentação unilateral de modo permanente, não notarão então que, na realidade, se tornam mais fracos e mais sensíveis para muitas coisas. A serenidade e o estado de equilíbrio, na maioria dos casos, não constitui força alguma, antes uma fraqueza de bem determinada espécie. Apresenta-se agradável e não opressiva, por não ter sua origem numa doença.

O estado de equilíbrio é semelhante ao equilíbrio da ainda sadia *velhice*, com exceção do corpo ficando mais fraco. Está, pelo menos, muito mais próximo dessa espécie de fraqueza, do que da fraqueza de uma doença. O corpo não pode aí, pela falta repentina daquilo a que está habituado desde milénios, reunir aquela força sexual da qual o espírito necessita para o pleno cumprimento de sua finalidade na matéria. —

Muitos fervorosos vegetarianos notam-no pela leve moderação do instinto sexual, o que saúdam alegremente como progresso. Isso, porém, não é de modo algum o sinal do enobrecimento de seu espírito através da alimentação vegetal, mas sim a *diminuição* da força sexual, que terá de acarretar igualmente a diminuição de seu impulso espiritual na matéria.

Existem aí erros sobre erros, porque o ser humano quase sempre só vê diante de si o mais próximo. Certamente é de se saudar e constitui um progresso quando o instinto sexual inferior se torna muito mais moderado do que é hoje, pelo enobrecimento do espírito. Certo também é que ingerir carne aumenta o instinto sexual baixo, mas não devemos medir aí pela humanidade de hoje, pois nela o instinto sexual tem sido *cultivado em excesso, unilateralmente e de modo doentio*, sendo hoje de todo antinatural. Isso, porém, não se deve lançar, exclusivamente, na conta do uso da carne.

A moderação do instinto sexual, absolutamente, não depende da diminuição da força sexual. Pelo contrário, esta é capaz de amparar, *auxiliadoramente*, o espírito humano, *libertando-o* da dependência hoje manifesta do instinto grosseiro. A força sexual é até o *melhor meio* para isso. —

Os líderes das actuais reformas de vida já devem ser vistos, em seus esforços, como pioneiros da grande época vindoura de desenvolvimento progressivo da humanidade, que acontecerá sob todas as circunstâncias e impelem para diante de modo incessante, vitorioso, mesmo se todo o antigo comprimido venha a se opor, lutando desesperadamente. *No entanto, esses pioneiros ainda devem se tornar líderes!* Um líder não pode ignorar descuidadamente algo existente da época actual. Ele deve simultaneamente olhar adiante para o futuro, também ainda além de tudo o que é grosso-material. E então ele reconhecerá que, da maneira actualmente adoptada, deveria ficar constantemente uma lacuna, que sempre será perceptível e, no final, mesmo com a melhor construção, forçará um desmoronamento. Falta a ponte! Para que os corpos da humanidade de hoje também possam acompanhar, sem prejuízo para a actividade do espírito!

A transição, como primeiro degrau, é a limitação para exclusivamente *carne branca*. Quer dizer: aves, vitela, cordeiro e outras, ao lado da alimentação vegetal aumentada. Somente assim pode vir aos poucos um passo atrás do outro. Até que no

final, em calma transição, o corpo é de tal modo preparado que possa conservar o vigor com a alimentação vegetal.

“Não descuidai de vosso corpo”, quero clamar para um grupo, advertindo! Para o outro grupo, o contrário: “Pensai no espírito!” Então o que estiver certo ainda amadurecerá das confusões da época actual.

Sobre opiniões, de que nenhum animal deva ser morto, nem entrarei em pormenores agora; pois também a planta possui uma alma. Mostra apenas atraso quando se pensa dessa maneira e um não-aprofundamento nos actuais segredos da Criação. —

7.2 Magnetismo terapêutico

Pergunta: Qual posição ocupa o magnetismo terapêutico em relação ao desenvolvimento do género humano?

Resposta: O magnetismo terapêutico ocupa uma das posições de liderança no desenvolvimento progressivo do género humano.

Quando, em resposta a essa pergunta, falo dos magnetoterapeutas entende-se com isso exclusivamente pessoas sérias e capacitadas, dispostas a ajudar a humanidade com vontade sincera. Não acaso o grupo daqueles que, com insignificante irradiação mediana, muitas palavras e gestos misteriosos, supõem realizar algo de grande.

Uma inquietação nervosa passa hoje pelas fileiras daqueles corajosos, que já há anos, em tantos casos, ofereceram aos seus semelhantes a melhor dádiva terrena que podiam ofertar: a cura de vários sofrimentos por meio do assim chamado magnetismo de seu corpo, ou mediante a transmissão de correntes semelhantes provenientes da matéria fina, do Além.

Infelizmente se procura, sempre de novo, denominar a classe dos magnetoterapeutas como de pouco valor, senão até algo pior, a fim de embaraçá-los e de oprimi-los. Com muito alarde se exagera demasiadamente as excepções isoladas, onde a vil ganância criou caracteres irreais, ou onde de antemão já havia

intenções fraudulentas como motivação, visto nem sequer ter existido essa bela dádiva nos praticantes.

Olhai em redor: onde é que *não* existem enganadores e charlatães! Encontram-se por toda a parte! Em outras profissões até muito mais ainda. Por esse motivo cada um vê aí, nessas hostilidades, imediatamente e de modo claro, o mal frequentemente *intencional*.

Mas a inveja, e mais ainda o medo, fazem crescer agora o número dos adversários e dos inimigos. Em orgias de cerveja e vinho *essa* arte terapêutica, evidentemente, *não* pode ser adquirida.

Ela exige pessoas sérias e, acima de tudo, honestas e sadias!

A maior raiz de toda a inveja, certamente, reside *nisso*, o que acarreta então as principais hostilidades, pois condições de tal espécie não são hoje fáceis de preencher. E o que aí se perdeu, não será possível recuperar!

Além do mais, *legítima* e vigorosa força curativa não se aprende. É uma dádiva, que qualifica de convocado aquele assim agraciado!

Quem quiser oprimir tais pessoas, prova que *não* tem diante dos olhos o bem da humanidade, muito menos ainda no coração. Sobrecarrega-se assim também com uma culpa que terá de lhe ser fatal.

O pequeno grupo desses corajosos não precisa temer. Também eles são precursores da nova era. Os obstáculos são apenas aparentes, insignificantes, passageiros. Na realidade constituem um sinal seguro de uma breve, alegre e ativa ascensão.

7.3 Constitui a velhice um obstáculo para a ascensão espiritual?

Pergunta: Seres humanos que durante toda a sua vida, procuraram actuar de modo certo, podem da mesma forma, onde simplesmente a idade constitui o obstáculo para assimilar coisas novas, encontrar o caminho para a Luz?

Resposta: Querer o certo, ou querer o bem é, conforme conceitos terrenos, algo bem diferente! O certo terreno nem sempre é também o *bem*!

Hoje não é mais suficiente para o ser humano, simplesmente ter querido o certo! Isto ele pôde fazer na sua primeira encarnação. Agora é exigido mais dele! Enquanto ele não cobrar ânimo com toda força para, espiritualmente, poder finalmente ascender no saber, ele estará impreterivelmente perdido. A velhice não constitui nenhum obstáculo, mas sim estímulo, uma vez que na velhice a hora do trespasse se aproxima visivelmente! Trata-se apenas da preguiça e do comodismo, já frequentemente mencionados por mim como os piores inimigos, com os quais se sobrecarregam tais hesitantes, sucumbindo com isso.

O tempo da vagabundagem espiritual terminou, assim como o tempo do comodismo e da espera aconchegante. Com implacabilidade e terribilidade sinistra isso se abaterá em breve

sobre os dorminhocos e preguiçosos, que até o mais surdo despertará.

O estudo de minhas dissertações, porém, condiciona de antemão um esforço próprio, uma concentração enérgica de todos os sentidos, e com isso uma vivacidade espiritual e vigilância *integral*! Só *então* se consegue aprofundar em minhas palavras, compreendendo-as também realmente.

E isso é desejado assim! Recuso cada indolente espiritual.

Se pelo menos um grãozinho da Verdade, oriunda da pátria, do reino espiritual, as criaturas humanas tiverem *deixado* de soterrar dentro de si, então a Palavra *terá* de atingi-las como um chamado, pressuposto que também se esforcem em lê-la uma vez ininfluenciadamente e com toda a seriedade. E se *então* nada intuírem que nelas desperte um eco, assim também no Além mal será possível ainda acordá-las, porque lá, igualmente, não podem receber *nada de diferente*. Permanecem paradas onde se colocam por vontade própria. Ninguém as forçará a desistirem disso, mas também não sairão dessa matéria a tempo, a fim de se salvarem da decomposição, portanto, da condenação eterna.

O “não querer ouvir”, naturalmente, levam consigo desta Terra para a matéria fina, e lá não se comportarão diferentemente de como aqui aconteceu. Como pode mesmo a velhice constituir um obstáculo? É um chamado da eternidade

que as atinge, proveniente da Palavra que, no entanto, não querem ouvir por assim lhes ser mais cómodo. Mas a comodidade por fim o destruirá, se ele não quiser se tornar vivo em tempo. A pergunta, porém, mostra mui nitidamente essa comodidade. É a mesma espécie de tantas pessoas, que permanentemente querem se iludir a si próprias, sob qualquer pretexto mais ou menos aceitável. Pertencem ao joio que, pelos vindouros vendavais purificadores, não serão fortalecidos, pelo contrário, varridos por serem imprestáveis para a seriedade da verdadeira existência.

Exigiriam sempre novos prazos do Criador para reflectir, sem jamais chegarem a uma escalada, para a qual devem se esforçar espiritualmente. Por tal motivo não vale a pena ocupar-se com isso longamente. São os eternamente querentes e os que jamais realizam algo em si. E com isso também perdidos.

7.4 Quem é o Filho do Homem?

Pergunta: Quer Abdruschin com seus esclarecimentos sobre o “Filho do Homem” indicar para uma determinada pessoa?

Resposta: Não! Para que o ouvinte e o leitor possam seguir na direcção certa, quero especialmente chamar a atenção para o facto de que as minhas alusões sobre diversos pontos até agora pensados de forma diferente, como, por exemplo, sobre o Filho do Homem, cuja separação dentro do conceito do Filho de Deus parece nova a muitos leitores, e sobre muitas outras coisas, não são previsões e muito menos um profetizar. Também, com isso não deve *ser apontado para uma determinada pessoa!*

Todas as minhas dissertações são de *natureza puramente objectiva*, e estruturadas sobre o pensamento humano lógico, onde me esforço para não deixar o chão firme da coerência sensata. Não se baseiam em anunciações mediúnicas ou fenómenos semelhantes. Por isso, as dissertações também exigem e suportam ser examinadas independentemente por cada leitor e ouvinte. Ele deve examinar-se constantemente, se pode ou não acompanhá-las com convicção; deve, também, aceitar apenas aquilo que ele, após elucidação própria e multilateral, considera como certo.

A integridade mostrar-se-á somente quando eu tiver completado mais uma série de novas dissertações.

Eu, pessoalmente, não dou muito valor a profecias, no entanto, menciono esta ou aquela anunciação para, seguindo um tal pensamento, ver se este pode estar fundamentado de alguma forma nos acontecimentos naturais. Pois, onde isso não é o caso, ela perde-se na confusão da fantasia doentia.

Por isso, cada leitor deve pensar junto seriamente e, com isso, ajudar a esclarecer confusões, desvendar fantasias. —

7.5 Abdruschin

Pergunta: Por que o autor escolhe o nome “Abdruschin”?

Resposta: Com o mesmo direito de escritor, assim como outros escolhem qualquer nome como pseudónimo. O que é um nome? Nada! Também aqui não deve ser nada mais. Abdruschin não significa algo especial, senão um simples pseudónimo. —

7.6 Conceito humano e vontade de Deus

Pergunta: A dissertação “Conceito humano e vontade de Deus na lei da reciprocidade” faz surgir em mim a sensação de que ela tenha sido escrita com sangue do coração. Ela sensibiliza a minha simpatia. Seria impertinente perguntar se o conteúdo reproduz, em parte, vivências próprias do autor?

Resposta: A pergunta não é impertinente, e eu não tenho nenhum motivo para temer uma resposta franca. Sim, sou eu próprio! E com relação à verdadeira justiça e injustiça, bem como à moral atrofiada, olho com legítimo orgulho por sobre todos aqueles que com isso me causaram sofrimento, e ainda muito mais também por sobre aqueles que hoje sempre o tentam novamente! Minha dissertação “Conceito humano e vontade de Deus na lei da *reciprocidade*” não foi apenas imaginada ou composta, mas seu conteúdo foi realmente vivenciado por mim mesmo. Eu poderia adicionar ainda muita coisa, e trazer para isso, como ilustrações importantes, sofrimentos suportados sempre de novo por incompreensão e por pessoas com sentimentos baixos, essas, porém, deveriam provocar uma revolta tão justa contra muita coisa e contra muitos, que prefiro me abster disso, pois, no Além e, em parte, também já aqui, *cada* ser humano tem que aguardar ele próprio, em todo caso, incontestavelmente *aquilo* que ele semeou!

Olhai em vossa volta com olhos límpidos! Com repulsa podereis ver muita escória diante de vós, que se esconde sob o ouro falso da nobreza simulada. Exercitai-vos em olhar através do carácter lisonjeador e palavras hábeis até o *fundo verdadeiro*. Diante de tal olhar, a pele aparentemente bem branca, pura, cobre-se com erupções cutâneas repugnantes, e aquele que se apresenta como puro, mostra-se então como o mais impuro e inútil dentre muitos.

Pois existem pessoas que se esforçam penosamente em mostrar externamente, de modo extravagante, sempre o manto de total honestidade, distinção e também correcção. Repentinamente, porém, julgam ter que mostrar, por qualquer motivo, sagrada indignação contra uma pessoa, a qual, por inveja ou ciúme, acreditam ter que prejudicar de alguma forma. Em ingénua ilusão própria se fazem crer, que isso, absolutamente, não é um prejudicar maldoso, desprezível de uma outra pessoa, o que tem como consequência um pesado carma, e procuram com um tal procedimento abominável ainda gabar-se orgulhosamente com a mentira, de que se trata de um amor ao próximo repentinamente desperto, evidentemente, *apenas para isso*, que antes nunca existia, de “causar prejuízo” ao pessoalmente odiado. Nisso, porém, esquecem de manter a sua capa penosamente fechada e reviram-se em seus procedimentos alegremente na mais repugnante sujeira e lama,

mostrando que a eles isso é absolutamente familiar, que a sua necessidade interior até os impele a isso.

Com isso revelam a todos os demais de modo nu e cru o seu verdadeiro interior, enquanto eles, em ilusão própria, procuram fazer crer que eles, que se prestam de tão boa vontade e até entusiasmadamente a ser ferramenta das trevas, somente servem ao bem e que querem mostrar sujeira aparente. *Os infelizes são, então, facilmente reconhecíveis a cada pessoa perspicaz como depravados e manchados, apenas não a si próprios!*

E essa cegueira pesa como a maior maldição sobre a humanidade! É, em seus efeitos para o Além, de um horror assustador. “*Os carregados de maldição*” é a denominação bem correcta. Mas não expressa nem uma fracção daquilo que de horror abriga em si.

Que séria exigência já está contida nas palavras de Cristo, quando ele diz: “Não atentai para o argueiro no olho de teu irmão, mas olhai a trave no teu próprio olho!”

Buscadores, examinai com seriedade as atitudes dos seus próximos em relação às *intenções*! Depois olhai então para eles, encontrarás em muitos, atrás de uma máscara dissimulada, logo também o *verdadeiro* rosto desfigurado, que desperta repugnância em vós e profunda tristeza, porque talvez oferecestes a muitos deles sentimentos puros e verdadeiro humanismo! Deus queira que a época da verdadeira purificação

inicie em breve, perante a qual a hipocrisia dos fariseus não pode subsistir, os quais agora servem como o melhor solo de ancoragem dos poderes mais escuros.

Chamo aqui especialmente ainda a atenção para a dissertação já publicada há anos: “**A luta**”. (Livro: **Na Luz da Verdade**, ou também **Caderno 4** dos Folhetos do Graal.)

Para amadurecer internamente e, nisso, examinar as minhas dissertações quanto à sua aplicabilidade, seria bom se o buscador sério tirasse às vezes algo de seu *próprio vivenciar* e, aprofundando-se nele, fizesse a tentativa de desmembrá-lo, utilizando as indicações em minhas dissertações. Nisso, ele aprenderá a *ver*, isto é, aprenderá a compreender como esses acontecimentos estão pendurados, semelhante a nós, no tecido fino-material, como os fios correm para frente e para trás, bem como para todos os lados e vindos de lá. Surge aos poucos um quadro vivo, que permite uma visão clara, e com isso também um discernimento totalmente diferente, que muitas vezes deve desviar muito das concepções existentes.

Exige algum esforço, e todo começo é difícil, principalmente nisso, porém, a recompensa no final é imensa! —

7.7 Considerações sociais e políticas

Pergunta: Será que Abdruschin não se manifestará também sobre alguma questão social e política de grande importância?

Resposta: *Não* me manifesto sobre política social e assuntos semelhantes! Ainda que milhares de outras pessoas possam fazê-lo livremente, sem serem importunadas, não existe dúvida que se procuraria, no meu caso, algo para criticar, pois é estranho que, até mesmo nas minhas aspirações inofensivas e nas minhas dissertações puramente objectivas, sempre se esforcem em atribuir-me intenções que estão completamente fora de meu interesse. Gostaria até mesmo de evitar as *mais particulares* conversas, às quais qualquer outro ser humano tem *direito ilimitado*. Nesse particular já se formaram para mim as mais repugnantes hostilidades.

Se respondo a uma pergunta, empregando apenas uma *parábola* ou utilizo algo observado como ilustração, por exemplo, de círculos de pesquisa séria de médiuns célebres, com indicação expressa a respeito... imediatamente surge uma pessoa qualquer que, deturpando, procura atribuir-me *pessoalmente* tais declarações, divulgando-as rapidamente com decorativos e suplementos de sua própria fantasia ou até utilizando-as para finalidades impuras.

Que adianta, se tais acontecimentos, aos olhos de pessoas sérias, apenas lançam um fecho de luz sobre *aqueles* que tentam

prejudicar-me com isso? Que adianta, se depois disso recebo de muitas partes o testemunho de que aquilo representa a melhor prova de *como consideram seriamente as minhas palavras!* A aversão, no entanto, fica comigo. Se isso já é assim no campo espiritual, como não será em outros campos!

Por isso prefiro calar, mesmo se pudesse, com a mesma simplicidade e segurança, elucidar nitidamente muitas coisas e mostrar muitos caminhos.

Desejo prosseguir e acabar com tranquilidade os meus trabalhos, que encontram tanta aceitação. Por esse motivo peço não mais enviarem, no futuro, perguntas desse teor.

7.8 A arte de respirar

Pergunta: Abdruschin vai nos trazer explicações também sobre a arte de respirar?

Resposta: Também chegarei a falar sobre a arte de respirar. Os ensinamentos conhecidos sobre isso são bons. E milhares já devem ter experimentado em si mesmos os benefícios correspondentes. Minha dissertação sobre esse tema, porém, deverá trazer esclarecimentos *mais profundos*. Ela apenas desenvolverá o que existe a esse respeito, não o desaprovará e mostrará *novos* caminhos a todos aqueles que se ocupam com isso ou que buscam tal arte, bem como lhes dará a possibilidade de se tornarem plenamente cientes dos *verdadeiros fenômenos* nisso, que hoje ainda nem são conhecidos, e assim progredirem mais facilmente e mais rapidamente que até agora.

7.9 Frequência a igrejas

Pergunta: Para aqueles que procuram é aconselhável frequentar as igrejas?

Resposta: Também pelas igrejas passa o caminho para a Verdade. Decisivo para isso é sempre somente a disposição íntima do ser humano individual. Frequentando a igreja, o ser humano progride, se a frequência lhe servir realmente para a concentração, como estímulo para desviar seu íntimo, durante esse tempo, de todas as insignificâncias terrenas, e para procurar ligação com a Luz. Muitos *necessitam* frequentar igrejas. De como *ele*, o ser humano individual, se abre nisso, tanto assim receberá. Muitas pessoas chegam à devoção apenas nas florestas, outras diante do mar, outras, por sua vez, pela música, e muitíssimas pessoas, realmente, *só* nas igrejas. Essas pessoas *não* devem esquivar-se das igrejas!

Em *todas* as religiões existem pregadores que merecem ser denominados como nascidos para isso, portanto convocados. O ser humano deve apenas aprender a tornar-se *vivo* dentro de si, a ponderar e examinar o que lhe é oferecido, pois ele é, também, o único responsável por si mesmo. Tão logo ele se esforce nesse sentido, intuirá exactamente o que é certo.

Frequentar simplesmente uma igreja não pode, evidentemente, trazer bem-aventurança a ninguém e de nada adianta, se a pessoa não *despertar* dentro de si para isso!

Depende de cada ser humano, e sempre dependerá exclusivamente dele, se dentro de si toma o caminho para cima ou em direcção às trevas. Ainda que trilhe caminhos errados em curtos trechos, isto, bem considerado, só pode redundar em seu proveito, pois ele reconhece o que *não* deve fazer e no futuro se precaverá disso. Deverá então utilizar os escombros de um tal caminho como degraus, que o conduzirão tanto mais depressa para cima. As igrejas em si serviriam, porém os seres humanos, os *frequentadores* dessas igrejas, são interiormente mortos. Se levarem vida para dentro de si, então, também encontrarão nas *igrejas* o que necessitam.

7.10 Diversos

7.10.1 Presente e Intermediário

Recebo frequentemente cartas de sincero agradecimento, que me proporcionam grande alegria. Contudo, aquele que procura seriamente e que, através das dissertações, tornou-se um achador, pode dirigir seu agradecimento somente ao próprio Deus. Se pude ser intermediário, então *o presente* não é meu. Sem Deus nada sou, e também sem Ele nada poderia dar.

Como exemplo, só desejo mencionar o seguinte: quando se entrega um presente a uma pessoa por intermédio de um servo, ela não agradece ao servo, mas sim ao próprio doador. Neste caso não é diferente. Se me é permitido haurir de fontes vedadas a outros, então eu mesmo tenho, pois, o maior motivo para agradecer Àquele que me permite isso!

7.10.2 Reincidência em antigos erros

A pergunta, o que acontece: “Quando um ser humano, após haver sido atendido na oração, recai novamente em seus antigos erros?” já fica múltiplas vezes respondida, quando a pessoa estuda atentamente as minhas dissertações.

Na maioria dos casos, o ser humano infelizmente só é capaz de rezar com todo o fervor a seu Deus, quando se encontra em séria aflição. Uma vez passada a aflição, rapidamente as orações se tornam mais superficiais, mais secundárias, e muitas vezes, depois do atendimento, desaparecem também todas as intenções que, no início, tinha o tão insistentemente suplicante porque “outros interesses, mais necessários”, se lhe deparam. Tudo se torna novamente coisa natural, banal, inferior. Os pensamentos são sintonizados de modo diferente, para coisas externas e terrenas.

Isso, porém, é um procedimento bem conhecido, que já há milénios não era diferente de hoje.

Uma enfermidade, por exemplo, dá ao ser humano tempo para reflexão, tempo que ele, mais tarde, julga não poder dispor, somente porque se deixa desviar disso demasiadamente. Às vezes por coisas bem triviais. Nunca ele será tão sincero para admitir que ele mesmo, simplesmente, não o deseja diferente!

Fiquemos, porém, com os doentes. Um doente qualquer sabe que está por terminar sua vida, mesmo que ainda possa demorar

muito. É evidente que, sob dores provavelmente agudas, na perspectiva do fim de sua doença, e com isso a morte, os seus pensamentos se tornem mais sérios. É evidente, também, que ele, nesse caso, se torne animicamente mais brando e sensível. Surgem, por certo, também pensamentos de toda a espécie e boas intenções de como daria à sua vida um sentido completamente diferente se, ao contrário de toda a expectativa, pudesse ser libertado de suas dores e... ainda não precisasse morrer. Bem timidamente, como uma felicidade improvável, grande e imerecida, brilha tal possibilidade numa distância longínqua.

Tais pensamentos, porém, reflectem desejos ocultos e muitas vezes constituem orações mais fervorosas do que um suplicar directo pelo restabelecimento, porque nessas situações são realmente puros e humildes.

Se tal pessoa, para surpresa de muitos, recebe a graça de um restabelecimento inesperado, acontece muitas vezes que, com o fortalecimento progressivo do corpo doente, ressurgem também os erros anteriores! E depois sucede o que já tantas vezes aconteceu e que ainda mais vezes acontecerá: o ser humano acredita que está trilhando os novos caminhos a que se propôs, quando, na realidade, nada mais são do que os *velhos caminhos*, só que em nova forma. A força do livre-arbítrio torna-se assim uma maldição em vez de uma bênção.

Com cada novo deslizar para baixo restringe-se evidentemente o horizonte de sua compreensão, de modo que ele nunca pode ver esse deslizar, descrendo também das pessoas que ainda em tempo procuram preveni-lo e, de repente, se encontra mais sobrecarregado de culpas do que antes. Esses são aqueles casos em que teria sido melhor que jamais tivesse vindo auxílio. Por isso, o atendimento de uma súplica nem sempre traz absoluta bênção para cada pessoa!

Para esses, que poderiam ser denominados perjuros, não aparece, pois, um raio do alto para puni-los, tampouco se tornam de novo rapidamente doentes e morrem. Apenas uma mentalidade ingénuo e ignorante espera tais coisas. Isso seria um acto arbitrário do Criador, contrário às Suas próprias leis. Se na Sua graça outorgou o restabelecimento ou melhora, esse auxílio se deu por acontecimento natural, completamente de acordo com as leis perfeitas. Nada mais do que isso. O Criador não pode e não vai, sem mais nem menos, retirar esse restabelecimento ou melhora, só porque o ser humano, que recebeu essa dádiva, se tornou mais tarde indigno dela devido à sua livre-vontade e aos antigos erros. Se adoecer de novo, isso somente acontecerá devido a uma nova causa corporal. A não ser que ainda tenha restado algum vestígio da antiga doença, que se avivou.

Seria, pois, errado, ver nesses acontecimentos específicos uma injustiça do Criador ou até mesmo pensar que a melhora

teria se manifestado de qualquer maneira e nem tenha sido uma graça especial. Pior ainda, no entanto, é viver na ilusão de que o bem-estar subsequente seja uma prova de que esse ser humano segue o caminho certo!

Essa última suposição encerra o maior dos perigos! É uma auto-ilusão tão bela, tranquilizadora, que muitos seres humanos gostam de iludir-se com ela. A culpa desse ser humano pode não ser notada durante anos, talvez até que ele tenha de falecer. Então, com certeza, logo reconhecerá o que fez. São pessoas dignas de lástima e nem sempre pessoas condenáveis.

Da mesma forma que aqui no caso da doença, exactamente assim acontece também com outras orações atendidas, como aliás com *todas* as dádivas provenientes das alturas! Também quando um ser humano já nasce com uma faculdade especial, ou fica dotado dela em determinada época para uma certa finalidade, que ele não cumpre correctamente, ela não lhe é retirada imediatamente. Essa faculdade, entretanto, não poderá conseguir *aquela* desenvolvimento que teria alcançado, se estivesse no caminho *certo*.

Em todo caso, ela está muito escurecida e apagada *naquela* direcção, para a qual fora especificamente outorgada. A incapacidade nisso não extingue ao mesmo tempo o anseio de ainda actuar no sentido do sublime alvo. Acrescentando-se a isso, ainda, a estreiteza de compreensão, origina-se uma mistura

que ocasiona muito dano e confusão. Tal ser humano crê incondicionalmente encontrar-se em pleno cumprimento de sua missão, e também seguir o caminho certo, e também possuir a capacidade correspondente para isso. E, no entanto, tudo está errado.

A esse ser humano agraciado e não cumpridor, falta nesse caso todo o auxílio da Luz, para o qual ele mesmo se fechou, e com isso também à condução necessária. O próprio querer saber melhor nada lhe serve. Torna-se para ele a pior cilada de sua vida. Tão logo chegue no Além, terá de prestar contas de todo o valor que lhe foi confiado, tal como Cristo descreve com exactidão, em inúmeras parábolas, o processo de resgate do indispensável efeito recíproco. —

Os esclarecimentos aqui mencionados devem servir ao indagador simplesmente como directriz aproximada para suas próprias considerações, que ele sem dúvida fará, de acordo com a sua pergunta. Tudo, porém, que deseja saber, já está claramente dito em minhas dissertações; ele apenas precisa seguir de modo correcto cada curso do acontecer. —

7.10.3 Logótipo da Editora

O logótipo da Editora nos livros e folhetos é um enigma para muitos leitores e desperta o desejo de conhecer o seu significado. Pessoas ignorantes ou malévolas até procuram encontrar uma explicação, aliás, bem esquisita para isso, ao quererem demonstrar que a cobra prova que eu, inconscientemente, com minhas dissertações, trabalho para as trevas, isto é, para o que é mau e ruim. Considerando-se a cobra aí como símbolo de todo o mal.

Agora, algo assim somente pode ser apresentado a pessoas completamente ignorantes e superficiais. Qualquer pessoa, que possui certo grau de instrução, sabe que a cobra que morde a própria cauda simboliza também coisas bem diferentes e opostas, como, por exemplo, o conceito do infinito. O A e o círculo da cobra podiam bem significar que o estudo de Abdruschin trata da pesquisa do infinito ou que as suas dissertações tratam dos acontecimentos do infinito. Pode-se dizer igualmente que a cobra não deve simbolizar o conceito do infinito, mas a letra O, de forma que, portanto, o logótipo da Editora indica: a Editora se empenha em transmitir tudo aquilo que pode representar o A e o O do saber espiritual, isto é, o que se encontra entre o Começo e o Fim. *Esse* é, também, o significado desejado do logótipo.



7.10.4 A expressão “Graal”

Para esclarecimento das diversas perguntas sobre se a Comunidade do Graal de Munique-Garmisch está em ligação comigo, ou se a Editora Graal G.m.b.H em Munique-Garmisch é por mim gerenciada, quero, para simplificar, chamar a atenção aqui de que isso *não* é o caso. A expressão Graal, de acordo com prescrições e conceitos terrenos, pode ser utilizada livremente por qualquer pessoa para o que ela desejar. O nome não está protegido aqui. Em todos os países existem numerosas associações e também pessoas individuais que o utilizam para algum fim. E dentre esses, certamente há muitos, que, em presunção terrena, encontram-se sem compreender diante do verdadeiro pensamento do Graal, aos quais ele talvez nem seria simpático, tão logo pudessem compreendê-lo. No entanto, o elevado nome está desprotegido apenas externa e terrenamente, mas tanto mais protegido no sentido espiritual e no Além! Ninguém poderá fazer mau uso dele impunemente. Nisso, porém, cada um tem que assumir a responsabilidade por si mesmo, como acontece com todas as coisas.

Eu sigo o meu caminho sozinho, e continuo utilizando para a publicação de minhas dissertações apenas a editora dos Folhetos do Graal em Tutzing (Alta-Bavária), para onde também devem ser dirigidas todas as perguntas.

Todos os demais trabalhos não são meus; pois Oskar Ernst Bernhardt e Abdruschin *são* uma só pessoa. Eu nunca entregarei os direitos autorais de minhas dissertações a outras mãos, para que conservem sempre a serena objectividade, que possuem desde o princípio. Impessoais, intemporais.

7.10.5 Abdruschin tem adversários?

Sou alvo de hostilidades, mas não tenho adversários. São duas coisas diferentes. Como adversário honesto só poderia ser considerada uma pessoa que tivesse algo objectivo a contrapor, já que eu também sempre permaneço absolutamente objectivo e impessoal. Tais seres humanos, porém, que me hostilizam pessoalmente, não merecem ser chamados de adversários, pois eles dão, em e com as suas hostilizações, sempre a si mesmos um atestado de grande pobreza interior, e fornecem, pela sua índole, simultaneamente também muitas vezes a prova de que deveriam possuir qualidades bastante desprezíveis, pois do contrário não procederiam desse modo. Oposição é algo completamente diferente; muito mais honesto e jamais algo pessoal.

7.10.6 Qual formação teve Abdruschin?

De que grupo eu surgi e qual formação eu tive? Como adquirir tudo aquilo que eu exponho em minhas dissertações?

Essas perguntas me são dirigidas após minhas dissertações. Quero também respondê-las aqui, mais uma vez, com a mesma brevidade:

Não surgi de grupo algum e também não tive nenhuma formação; não estudei e não adquiri esses conhecimentos em lugar algum. Ainda não li nenhuma obra budista, teosófica, antropossófica ou qualquer obra similar, recuso todos os livros desse tipo, quando me são oferecidos. Ou os aceito, mas não os leio. O que eu digo em minhas dissertações, falo por convicção íntima. E se algo similar se encontra nas diversas religiões, seguramente não o colhi delas. Alegro-me, porém, quando nelas constatarem coisas iguais ou similares. —

Por todos esses motivos, sempre exijo que examine as palavras e não se preocupe com o orador! Quem desejar seguir-me *então*, esse é de facto um buscador sério, que sabe pensar por si mesmo. E outros seres humanos que têm de apegar-se a pessoas em lugar de à causa, que, portanto, não podem permanecer objectivos, não têm nenhum valor para um progredir sério. Para mim, ainda menos como ser humano.

Pentecostes 1927

Abdruschin.

7.11 Comunicado da Editora

7.11.1 A revista: “O Chamado!”

Pela Editora será publicado em breve, entre outras novidades literárias, um pequeno livro que contém todos os pensamentos fundamentais de Abdruschin. Ele dá, com isso, uma breve visão geral clara sobre todas as *pedras de construção* de seus esclarecimentos de até agora. O título é: “*Refletes tu nisso?*”

Preço de aquisição em apresentação nobre Rm. 2. —

Além disso: A revista: “*O Chamado!*” Essa revista é editada regularmente a cada mês. Ela *abrangerá tudo* o que podemos denominar como progresso, e abordará os problemas mais profundos em todos os campos. Um pequeno círculo de colaboradores, cuidadosamente seleccionado, deverá pronunciar-se nela. Apenas *conhecedores* com pensamentos *próprios*, não os supérfluos, que apenas copiam e tentam, com loquacidade, dar uma nova face ao plagiado. A revista “*O Chamado!*” deve dar a cada leitor sério uma visão geral sobre todos os campos das assim chamadas ciências ocultas, para que possam estar firmes, como iniciados, quando, num futuro próximo, aumentarem todas essas tendências, passando impetuosamente sobre a humanidade, como uma torrente caudalosa. Pedidos do livro podem ser efectuados já agora no seguinte endereço: Editora dos Folhetos do Graal, Oskar Ernst Bernhardt em Tutzing (Obb.).

8.1 “O Chamado”

“O Chamado”

ecoe para todo o mundo! Deve criar a ligação mais estreita entre todos os adeptos e leitores de minhas palavras. Em muitos lugares formam-se “associações independentes para o estudo dos pensamentos de minhas dissertações”, a fim de, em actividade conjunta, penetrar cada vez mais fundo nas verdades da grande Criação, para, assim, reconhecer também acertadamente a vontade do Criador.

Mesmo que eu saúde com alegria as associações, não posso liderá-las, nem me associar a elas; pois tais pretensões resultam, por fim, sempre em ligações para aquele, em volta do qual elas se agrupam. Compromissos de diversos tipos, mesmo que sejam somente de ordem moral devido às contribuições dos adeptos. Algo dessa natureza, não me é possível.

Tenho que ser e permanecer livre naquilo que tenho a dizer!

Em todos os meus pronunciamentos e decisões! Nisso, não posso levar em consideração os desejos de pessoas individuais ou também de grupos inteiros, ao que se chegaria, se eu estivesse ligado a isso. Igualmente, se eu quisesse visar vantagens comerciais. Ambas as coisas, para mim e meus escritos, não devem ter que ser lançadas juntamente nos pratos da balança. Contudo, apesar disso, não gostaria de cair aí em

descuido e negligenciar em proporcionar a oportunidade para *cada um*.

Por isso, eu ofereço, mas não alicio!

E permanecerei sempre com o princípio básico: quem não encontrar nada para si em minhas palavras, para esse elas não foram ditas. Também jamais deverá recebê-las à força.

Por isso sempre terei que ser, com minhas palavras, o amigo de cada ser humano e inimigo de seus erros, uma vez que nada posso retirar por sua causa.

Uma vez que não posso me ligar às associações, bem reconhecendo, no entanto, os resultados positivos disso para muitos seres humanos individualmente, criei, a partir de minha necessidade de estar só, o “*Chamado*”, como mediador entre todos os leitores e associações, que terão, nele, a oportunidade de trocar entre si suas comunicações e desejos. Para essas finalidades, será sempre mantido um espaço gratuito.

Que “*O Chamado*” desperte muitas almas, proporcione iluminação a todos os que procuram sinceramente e, com isso, a paz e o progresso!

Verão de 1927.

Abdruschin

8.2 Morte na Cruz

Pergunta: Num artigo do jornal Münchner Neuesten Nachrichten, nº 181, está escrito, entre outros: “A perfuração do corpo de Cristo e sua crucificação foi o acontecimento histórico-mundial da reconciliação da divindade com a humanidade, foi o acontecimento mais importante de toda a história, ao qual se refere quase todo o pensar religioso mais profundo, das eras antes e depois de Cristo.”

Pouco antes havia lido a dissertação de Abdruschin, muito convincente para mim, sobre a morte do Filho de Deus na Cruz no Caderno 1 e 2 da série II dos Folhetos do Graal. Não poderia ser publicada, no mesmo jornal, uma resposta correspondente a essa dissertação? Certamente muitas pessoas teriam grande interesse nessa questão.

Resposta: Se essa concepção deva indicar a profundidade do pensamento religioso, então isso é grave. Não me manifestarei através de jornal.

Sem considerar o facto de que o jornal, de qualquer forma, recusaria a aceitação de um artigo contrário, aceitação que eu não me poderia decidir a solicitar, porque eu mesmo levo minhas dissertações muito a sério, mesmo assim, com a melhor boa vontade, não me sobraria tempo para isso. Mas também o respeito pelo próprio tema proíbe-me de participar com isso nas discussões públicas em jornais.

Um ser humano que realmente procura com seriedade não se contentará com tais artigos e explicações e, no final, encontrará o caminho para minhas dissertações, para depois reconhecer com espanto, como V. S.^a, a inexactidão de muitos conceitos em voga. Visto que o leitor já leu a dissertação, torna-se desnecessário para mim entrar em pormenores sobre o assunto em si.

Quem, aliás, conseguir pensar um pouco sem ser influenciado, terá de encontrar, na opinião exposta pelo jornal Münchner Neuesten Nachrichten, um obstáculo duvidoso, que não o deixará tranquilo, impelindo-o ainda mais à séria procura da Verdade. Devia ser difícilimo para todo o ser humano, com íntimo vivo, aceitar que justamente um crime e assassinio, praticado contra o mensageiro vindo do divino, tivesse que trazer a reconciliação dessa divindade com a humanidade!

Deus permitiu que Seu Filho saísse de toda a magnificência para vir a esta sombria Terra, junto aos seres humanos que Dele se haviam desviado, a fim de lhes indicar o caminho para o Seu reino luminoso. Através das explicações em Sua Palavra, que também podemos chamar de Mensagem ou Doutrina.

Que essa humanidade, a quem era destinada a Mensagem de Deus, tenha então rejeitado o mensageiro, perseguindo-o com ódio e por fim ainda o martirizando e assassinando, foi uma consequência de seu pecado ou de seu erro, ao colocar o

raciocínio terreno no lugar de Deus, como seu verdadeiro soberano. Em vez de reconhecer, entretanto, mais tarde, essa nova culpa como fruto do grande pecado original, enalteceram esse crime e essa rejeição do mensageiro de Deus, transformando ambos os factos numa resplandecente festa de reconciliação dessa humanidade criminosa com a divindade insultada por esse assassínio. Um atrevimento bastante forte, francamente. Como será que essa estranha humanidade imagina a sua divindade, julgando poder proceder de tal maneira impune com ela!

8.3 Apocalipse de João

Pergunta: Ouve-se dizer muitas vezes: “O cordeiro de Deus que carrega os pecados do mundo!” A dissertação de Abdruschin “A morte do Filho de Deus na cruz e a Ceia”, porém, explica, de forma compreensível para mim, que Cristo, de acordo com as leis imutáveis do Criador, *não* podia assumir o peso dos pecados do mundo. Como é que Abdruschin explica, agora, essa contradição?

Resposta: Na própria *Palavra* não há contradição alguma. Esta se encontra unicamente na interpretação errada dada até agora. “Veja o cordeiro de Deus que carrega os pecados do mundo” não quer dizer, de forma alguma, que esse cordeiro tenha assumido os pecados do mundo e as culpas dos seres humanos, isto é, que tenha livrado o mundo e os seres humanos dos mesmos, como a humanidade comodista, em sua conhecida e ilimitada presunção, desejaria que fosse, mas sim: “Nas chagas, Cristo carrega os pecados do mundo, tornando visível o crime que foi cometido contra ele, como mensageiro de Deus”.

O cordeiro carrega os sinais do pecado do mundo, como acusação constante! De modo algum, como sinal de reconciliação.

Também nas visões de João é repetido, várias vezes, de modo especialmente acusador: “O cordeiro que foi estrangulado!” Esta expressão, assim como a exclamação múltipla dos anciãos

perante o trono de Deus no *Juízo*, não soa de modo algum como um júbilo de reconciliação, mas sim como uma acusação e mostra claramente o crime assim cometido.

Por essa razão, a humanidade deve considerar as crescentes estigmatizações (aparecimento de chagas em pessoas mediúnicas) como séria advertência, em vez de saudá-las com regozijo.

Tudo isso é, pois, algo mais compreensível e claro, do que a estranha interpretação contrária, que, sem mais nem menos, quer sobrecarregar o puro divinal com os pecados dos seres humanos. Nessa nova versão existe aparentemente apenas uma pequena diferença exterior e, no entanto, é o contrário daquilo de até agora, mas absolutamente o certo, se não se deva duvidar, desde o início, da perfeição das leis divinas, se portanto se reconhece a perfeição do próprio Deus e se considere a mesma, a qual não pode permitir um desvio na justiça para com os outros e muito menos para consigo mesma!

Mesmo que esteja escrito no Apocalipse de João, capítulo 7, versículos 14 e 15: “São estes os que vieram da grande tribulação, lavaram as suas vestimentas e as alvejaram no sangue do cordeiro. Por isso estão ante o trono de Deus e O servem de dia e de noite no Seu templo, (o Templo do Graal, como o mais próximo até os degraus do trono. Abdruschin.) e Aquele que está sentado no trono habitará acima deles”, então

tudo isso é apenas uma confirmação incondicional de minhas dissertações.

Lembre-se V. S.^a de minhas numerosas indicações e explicações a respeito do corpo de matéria fina no Além, corpo esse que é denominado vestido, vestimenta do espírito ou invólucro. Os seres humanos que acolheram a Palavra de Cristo e *viveram* de acordo com ela, tornaram com isso, como consequência inteiramente natural, os seus corpos de matéria fina, suas vestimentas, menos espessos e escuros, portanto mais puros, leves e claros, de modo que puderam, por isso, elevar-se finalmente até o Reino luminoso de Deus, o reino puro-espiritual, também chamado Paraíso, acima do qual mora ou é o divino, fora da Criação. Trata-se, portanto, *daqueles* espíritos humanos que viveram de acordo com a Palavra de Cristo e, desse modo, trilharam o caminho que ele lhes indicou.

Também “o ser lavado no sangue” não quer dizer outra coisa, pois Cristo, como todos os verdadeiros mensageiros do Senhor, não foi acolhido alegremente pela humanidade, mas sim como inimigo do domínio do raciocínio, sendo escarnecido, atormentado, martirizado e finalmente assassinado pelos adeptos do mesmo. Ele teve que derramar seu sangue, porque a Mensagem que ele trouxe não era do agrado daqueles que, outrora, queriam ser dirigentes espirituais, pois também eles se haviam submetido ao raciocínio e, por isso, não podiam “compreender” uma Mensagem de Deus.

Quem, porém, aceitou a sua Palavra de modo vivo, em razão da qual ele fora condenado como blasfemador de Deus, lavou-se desse modo, simbolicamente, com o seu sangue. Pois a Palavra possibilitou-lhe trilhar o caminho certo, o único capaz de purificá-lo, caminho esse que está marcado com o sangue do portador da Palavra, devido à sua morte violenta. Isso, porém, não significa uma reconciliação de Deus com a humanidade e de nada modifica o crime da crucificação. Também não indica que aí se trata de um carregar ou aceitar a culpa dos seres humanos.

Reflicta V. S.^a, mais uma vez, com calma, no que está escrito clara e distintamente: “... lavaram as suas vestimentas e as alvejaram!” Leia isso de modo certo! Está dito expressamente: *eles mesmos o fizeram!* Não foi Cristo quem lhes lavou as vestimentas. Não tomou para si, portanto, a culpa deles, mas eles tiveram de lavar seus próprios pecados! Portanto, o contrário da concepção de tantos fiéis, espiritualmente vazios.

Também as demais explicações, no Apocalipse de João, expressam claramente o contrário nas narrativas do estado da humanidade, quando as taças da *ira* de Deus são derramadas sobre a Terra e a humanidade, o que certamente não pode ser interpretado como sinal e expressão da reconciliação através do sangue de Cristo violentamente derramado pelos seres humanos, mas sim claramente como punição!

Quem não quiser compreender acertadamente o que foi dito com clareza por toda a parte e também o que é evidente a todo o pensar lógico, a esse naturalmente não pode ser auxiliado. Tais indivíduos são por demais comodistas para tomarem um impulso, tendo de perecer nisso, pois não podem ascender à Luz, sem que antes tenham lavado, eles mesmos, as suas vestes. Existem tantos pesquisadores da Bíblia, e todos eles, ainda hoje, a interpretam erradamente. Continuarão sendo sempre pesquisadores da Bíblia, mas nunca chegarão a ser conhecedores da Bíblia.

Minhas dissertações de até agora já deram, em tudo, suficiente esclarecimento. Se V. S.^a deixar que elas se tornem vivas em seu íntimo, então também a venda lhe cairá dos olhos e V. S.^a verá finalmente tudo claro na Luz da Verdade que, até agora, lhe era ainda um pouco estranha, sem a minha ajuda. Não encontrará mais lacunas, até a parte mais alta e luminosa da Criação, em todos os seus acontecimentos, desde o início primordial até hoje, e até também reconhecerá o que *terá* de resultar disso para o futuro. Sem qualquer mágica, sem segredos e sem cálculos penosos e duvidosos.

8.4 Budismo

Pergunta: Seria perguntar demais se solicitasse um esclarecimento de Abdruschin de como enfrenta o pensamento principal dos budistas, que encontra a sua maior bem-aventurança na desintegração do espírito humano que se tornou perfeito?

Resposta: Sua pergunta já encerra a resposta. Sim, *enfrento* decididamente esse pensamento, *oponho-me* no mais *rigoroso* significado do sentido! A maior bem-aventurança do espírito humano que se tornou perfeito é a *vida pessoal e consciente* na parte puro-espiritual da Criação, chamada Paraíso, assim como também a colaboração, pessoal e consciente, a partir de lá, na evolução constante da Criação, de acordo com a vontade divina. Se tivesse que ocorrer a desintegração, então toda a existência humana, a peregrinação por todas as partes da Criação, seria completamente inútil! Isso, porém, não se coaduna, por sua vez, com a perfeição da vontade do Criador.

Cada qual, enfim, concluirá também que a desintegração de um espírito humano desenvolvido nunca poderá significar progresso, mas sim meramente um horrível retrocesso! O espírito humano, mesmo no Paraíso, ainda continuará desenvolvendo suas capacitações, mas nunca se desintegrará. Pois sua peregrinação e todas as necessidades de

desenvolvimento pertinentes têm como alvo final a auto-consciencialização em direcção do “Eu” pessoal.

Uma desintegração somente atinge *aquela* espírito humano que, devido a concepções erradas, se desvia em sua peregrinação pela materialidade, perdendo assim o caminho certo e não o encontrando mais de volta para aquelas alturas luminosas, das quais ele se originou. Então ele, de acordo com as leis naturais, quando a parte do Universo em que habita se aproxima de sua decomposição, é também decomposto e desintegrado com seus invólucros materiais, com o que perde também o seu Eu que se tornara pessoal. Com isso, ele deixa novamente de existir como personalidade. Essa desintegração equivale à extinção eterna do livro de ouro da vida consciente, porque ele se tornou imprestável, não tendo procurado seu caminho para as alturas.

O processo constitui um fenómeno completamente natural, automático, chamado condenação eterna. É o que de mais pavoroso pode acontecer a um espírito humano que se tornou auto-consciente. *(Dissertação: O Juízo Final)

Um espírito que se desenvolve para as alturas, contudo, adquire cada vez mais a semelhança da imagem do Criador, ingressando, em forma humana ideal auto-consciente, no reino espiritual, a fim de lá, numa evolução contínua, colaborar com a Criação. Uma ascensão maior é para ele impossível, também

nunca pode ser provocada mediante uma desintegração, a qual nem pode ocorrer em direcção ao alto, pois nesse caso seu caminho teria de conduzi-lo para *além dos limites* da Criação, e isso ele não pode! Acima desses limites encontra-se o divino. O espírito humano, contudo, é de composição espiritual e não de natureza divina, isso constitui para ele a fronteira incisiva, natural e intransponível. Tem de permanecer no espiritual devido à sua origem que, em si, não pode sofrer nenhuma modificação e nenhuma elevação para o divino. Por conseguinte, o pensamento budista, cultivado, aliás, também por muitos ocultistas, na opinião de que possuem dentro de si algo divino, é incondicionalmente um erro. O ser humano é uma criatura; encontra-se, portanto, *dentro* da Criação e sempre terá de ficar *dentro* dela. Qualquer outra afirmação apenas demonstra presunção ridícula, da qual, sim, toda a humanidade padece tanto e, por isso, considera possível o mais fantástico e irreal.

O pensamento budista, de uma bem-aventurança máxima por meio da desintegração do “Eu” pessoal e consciente, penosamente adquirido, tem a sua origem no pendor dos orientais para a contemplação cómoda! Esse pendor infiltrou-se como desejo nas concepções religiosas, as quais sempre encerram algum cunho característico do país de sua origem.

8.5 Filiação de Deus

Pergunta: Abdruschin diz que nem todo ser humano é filho de Deus, mas está escrito que cada ser humano traz dentro de si, como herança, a filiação de Deus, tendo, portanto, direito ao Reino de Deus. Quer Abdruschin negar isso?

Resposta: Cada escrito inalterado de uma verdadeira Mensagem de Deus *sempre* corresponderá às minhas explicações. Assim, também esse. Não existe contradição aí. Apenas a sua concepção é um tanto unilateral. Essas palavras até confirmam, de forma nítida, a verdade de minhas explicações.

Possuir a herança não quer dizer outra coisa senão trazer em si a capacidade, devido à origem espiritual. No entanto, tão logo V.S^a deseje fazer valer esse direito, o de entrar no reino espiritual, então isso requer, também aqui, como em toda a parte na Terra, uma apresentação de provas, pois cada exigência de direitos requer simultaneamente uma apresentação de provas.

Tal demonstração, porém, só se pode dar pela confirmação de que essas faculdades herdadas tenham sido desenvolvidas, pois de outra maneira não será possível apresentar uma prova disso. Somente na activação dessas faculdades que lhe foram doadas tal prova se evidenciará. Acontecendo isso, então o respectivo espírito humano tornou-se também um filho de Deus, capaz de entrar em Seu reino. Um facto resulta automaticamente no

outro, pois um desenvolvimento completo constitui ao mesmo tempo a força que, automaticamente, abre o portal para esse reino de alegria. Se, porém, um ser humano não desenvolve as faculdades que lhe foram doadas para esse fim, portanto sua herança, então não pode fazer valer o direito, não pode entrar no Reino de Deus, e assim também não pôde tornar-se um filho de Deus, visto que enterrou sua dádiva, não fazendo dela um investimento proveitoso.

Nas palavras, portanto, não se encontra nenhuma oposição, nenhuma contradição, mas sim apenas uma prova da veracidade de minhas palavras.

8.6 Catástrofes

Pergunta: Foi-me relatado que Abdruschin tenha dito que a Inglaterra iria sucumbir parcialmente ainda este ano. Por que ele nada diz a respeito desses assuntos em suas palestras?

Resposta: Quem relata ao senhor tais coisas como sendo de facto ditas por mim, é um mentiroso. Talvez ele persegue um bem determinado objectivo, procura prejudicar-me com isso de algum modo. Considere, futuramente, tais pronunciamentos somente com grande cautela. O melhor neste caso seria a consulta directa a mim. Surgem muitas pessoas que se aborrecem com as minhas palavras, porque elas, por diversas razões, se lhes tornam incómodas. Tentam então muitas coisas para enfraquecer de alguma forma sua força convincente.

Muitas vezes, em conversas particulares, foi solicitada a minha opinião sobre as diversas anunciações públicas, anunciadas por astrólogos sobre acontecimentos vindouros. Entre outras, foi apontado em algumas para a submersão total ou parcial da Inglaterra. Consultado, salientei *sempre* com total convicção *de que não espero tal acontecimento neste ano!* Portanto, justamente o contrário daquilo que parece estar sendo divulgado. Existem, lamentavelmente, pessoas que habilmente provocam conversas, para ouvir uma opinião, a qual então transmitem de forma invertida e distorcida. Já há meses decidi não dizer nada mais sobre tais assuntos, totalmente alheios às

minhas palestras, também não nas mais íntimas conversas particulares, pois não sou um vidente. Quando os seres humanos chegam interiormente ao reconhecimento correcto, o que é a finalidade de minhas dissertações, então nada disso necessitam, e podem ir calmamente ao encontro de todos os acontecimentos vindouros. Se, porém, não quiserem acordar dentro de si, então todo o demais saber não lhes poderá ser útil. Repito, por isso, para ao menos desfazer boatos falsos: “Eu *não* espero uma catástrofe desse tipo para este ano!” Também nunca mais expressarei a minha convicção, quando solicitado, sobre outros acontecimentos, não importa se poderia manifestar-me a respeito. Se surgir um boato neste sentido, então é falso. Eu tenho outras coisas a fazer, muito mais importantes, pois o acordar interiormente é muito mais necessário à humanidade do que tudo, muito mais valioso do que o saber de acontecimentos vindouros. Ela necessita disso exactamente agora por bem determinados motivos de forma muito mais urgente do que de tudo o mais.

8.7 Fiéis medrosos

Pergunta: Que devo fazer, se encontrei na Mensagem do Graal aquilo que há muito tempo procurava, sentindo-me feliz por isso e, devido a isso, vejo-me agora escarnecido por meu ambiente de opinião diferente? Devo ser condescendente e fazer tudo o que de mim exigem, ocupando-me com aquilo só às escondidas, para evitar qualquer discussão?

Resposta: Aquele que foi atingido pela Verdade tem o absoluto dever de defendê-la, caso contrário não mais merece a dádiva da elucidação. Não deve discutir e se alterar, tampouco obrigar os outros a aceitarem a sua opinião, mas sim deixar que todas as pessoas sigam por seus caminhos, contudo, não deve permitir que procurem desviá-lo do seu. Aquilo que permite aos outros, também lhe assiste o pleno direito de exigir para si. Tornando-se, porém, a si próprio, criado de outrem, não merece outra coisa senão que lhe seja tirada a dádiva que recebeu. Cristo já advertiu sobre isso, ao dizer: Quem me nega perante os seres humanos, a esse eu também negarei, isto é, não conhecerei.

Quão fraco e miserável deve parecer ao outro aquele que diz haver encontrado a Verdade por convicção própria e perante o qual, apesar disso, se curva. Pode uma tal pessoa então adquirir o respeito para com a Verdade? Pelo contrário, os escarnecedores e desprezadores são ainda fortalecidos com essa atitude, pois é depositado a seus pés o que há de mais valioso,

para que o possam pisar e conspurcar. Com isso, até mesmo se impede que reconheçam a Verdade como tal e a valorizem.

Quão diferente seria, no entanto, se aqueles que encontraram a Verdade enfrentassem *tudo* calmamente, determinados, inflexíveis e decididos. Também com toda a dureza, se não puder ser de outra forma, a fim de conservarem para si a mais sublime preciosidade e resguardarem o outro de nova culpa. Só assim pode um adversário aprender a respeitar uma causa! Nunca através de covarde condescendência. Tantos há que sacrificam imediatamente, sem escrúpulos, o que há de mais sagrado em seu íntimo, só para não aborrecer ou provocar a ira de um outro pobre homúnculo, talvez também somente para não perturbar passageiramente sua própria tranquilidade e comodidade terrenas.

Esses *não* são os fiéis que algum dia poderão entrar no Reino de Deus, a Quem negam de tal forma. Eles terão de se dirigir então àqueles, aos quais preferiram servir na Terra. Agora passou o tempo em que tal necessidade de se esconder era vista como martírio. Não há desculpa para nada. Cada qual tem de lutar por aquilo que traz dentro de si, do contrário não o merece mais! Ser-lhe-á retirado. ³/₄

Não existe nada mais sublime do que Deus! E ao lado Dele, *tudo* o mais tem de permanecer distante, na sombra. Nenhum ser humano deve ser forçado a modificar a sua vontade, no entanto,

cada qual futuramente terá de deixar sossegados e em paz aqueles que verdadeiramente pertencem ao *povo de Deus*. Ninguém poderá sequer levantar os dedos sujos para eles, sem ser castigado. Será marcado imediatamente por causa disso, e sucumbirá. Toda a ridicularização e ainda mais a acção serão vingadas, de modo inesperadamente rápido e amargo, contra aqueles que as cometeram.

O povo do Senhor reunir-se-á finalmente sob sua bandeira e ficará protegido. Entretanto, somente cada um que possui a coragem de confessar que pertence a esse povo! Nenhum outro. Já nos encontramos no começo da hora!

Abdruschin

8.8 Comunicações da Editora

8.8.1 Manuscritos

Manuscritos: São levados em consideração não apenas trabalhos sobre todos os campos das artes e ciências, bem como da vida prática, mas principalmente sobre *tudo* na Criação. No entanto, deve-se esperar que noventa por cento do material enviado seja rejeitado, porque “O Chamado”, no interesse dos leitores, deve manter uma condução rígida, uniforme. Portanto, ninguém deve se sentir ofendido com a devolução, nem deve ser caracterizado um desvalor do trabalho. No “O Chamado” são aceites apenas conhecedores autênticos com pensamentos *próprios*, que servem para a liderança. Não supérfluos, que apenas copiam e, com loquacidade, tentam dar uma nova face ao plagiado. Tão pouco sensacionalistas, que não têm vergonha de passar para hostilidades pessoais, pois esses não têm valores a oferecer.

Objectividade séria é condição fundamental que, mesmo na maior severidade, permanece nobre. Ela não deve, por acaso, poupar, nem recuar ante um golpe de destruição, lá, onde é necessário exterminar o inço do desencaminhamento, que cobre os portões de uma vista aberta. Mas essa objectividade deve ter a sua severidade num saber autêntico que, imperturbável *numa calma, clara indicação do caminho*, deve revelar os erros e os

pontos fracos da época actual, não, porém, apontá-los insultando, sem oferecer algo melhor em seu lugar.

Solicito, por isso, não enviar manuscritos comuns. A editora prefere um atraso na publicação ao querer “encher” uma revista. Por essa razão, os leitores em geral também não são convidados a colaborar, mas solicitados expressamente a enviar perguntas, quando algo não tenha se tornado claro e compreensível a eles.

8.8.2 Associações

R. M. Na Bavária *não* existe *nenhuma* comunidade ou associação, que esteja estruturada com base na Mensagem do Graal de Abdruschin, ou que estivesse em consonância ou ligação directa com a mesma. Mas sim em Stuttgart, como em breve em Berlim e Viena. Porém, apenas como associações completamente *independentes*, porque a Mensagem do Graal de Abdruschin apenas dirige-se directamente ao *ser humano individual*. No entanto, se reúnem nessas associações também apenas para estudo mais sério, *para trabalho verdadeiro* em si mesmos, onde qualquer distração e exterioridades são deixadas de lado. Quem procura nelas outra coisa, continuará insatisfeito, pois se tenciona criar valores eternos para cada um individualmente! A aproximação a associações dessa natureza não é facilitada, pelo contrário, é dificultada, para manter distante qualquer nulidade, que somente formaria um obstáculo. Ela não encontraria nenhuma semelhança com associações existentes, pois o princípio é: melhor apenas três pessoas que realmente vibram dentro dos conceitos da Mensagem do Graal, do que trezentos oportunistas no lugar deles.

8.8.3 Reuniões de trabalho nocturnas

G. B. É lamentável que tenha sido rejeitado nessas reuniões de trabalho nocturnas, porém, absolutamente compreensível. V. S.^a, desde já, sabe exactamente o *que* pode esperar delas, pois todos os pensamentos fundamentais que são tratados lá estão ancorados na Mensagem do Graal. Que eles não queiram misturar isso com exterioridades, não deve surpreender, pois cada palavra é da mais profunda seriedade.

8.8.4 Formação de grupos e a Mensagem do Graal

W. Z. A editora procura *não* formar grupos, pois esses podem passar a levar muito facilmente uma vida associativa comum, para o que a Mensagem do Graal não é adequada. Trata-se também em Stuttgart apenas de uma associação completamente *independente*, que toma a Mensagem do Graal como base de sua actividade. Tais associações não colocam por acaso a Mensagem para discussão, mas aceitam-na como algo *inalterável* e procuram nela, até que neles aflora o reconhecimento dessas grandes verdades. Dessa forma reencontram no final a Mensagem completa de Cristo. A todos os que procuram seriamente *dessa forma*, ela subitamente surge, irradiando pureza inimaginável, doada novamente! *Assim* são as associações, totalmente independentes, nas quais Abdruschin também fala de vez em quando. Em Munique não existe uma tal associação, também não há nada planeado nesse sentido naquela cidade.

8.8.5 Representante

A fim de facilitar a comunicação entre todos os adeptos de Abdruschin e leitores na Áustria, Hungria e países limítrofes, foi encarregado como representante de lá, para todos os assuntos, o Sr. *Josef Molnar em Viena XVIII*, Postamt 114, ao qual poderão ser dirigidas todas as consultas, solicitações e demais correspondências.

9.1 O enigma de Konnersreuth

Pergunta: Conhece Abdruschin a estigmatização de Konnersreuth? Não quer ele se manifestar a respeito perante os seus ouvintes? Existe muita ridicularização sobre esse assunto.

Resposta: Sobre esse assunto já me foram feitos tantos pedidos, que me sinto *obrigado* a tratar disso.

Aqueles que sobre isso zombam ou superficialmente falam simplesmente de histeria, julgando-se muito esclarecidos e provavelmente ainda têm disponível o gentil conselho de colocar a moça em um banho frio ou trancá-la numa instituição de trabalho, talvez num hospício, demonstram, com isso, uma tão ilimitada ignorância que, realmente, seria de se lamentar cada segundo que se perde a esse respeito. Minha resposta, entretanto, não se destina a tais indivíduos! No entanto, não seria um pedido injusto desejar que essas pessoas fossem submetidas somente por oito dias a tais coisas. Isso seria o melhor remédio para obrigá-las a reflectir, antes de tudo, para que sejam um pouco mais cautelosas em seu frívolo “pensar e saber”, a fim de que não tenham sempre pedras prontas para serem atiradas zombeteiramente sobre pessoas como essa Therese Neumann!

Então mui rapidamente pediriam compaixão. É sempre assim.

Naturalmente, existem casos leves que, no fanatismo da fé e sob auto-sugestão, são capazes de produzir, aqui e acolá, as chagas. *Esse* caso, porém, *não* pertence a tais espécies. *Esse fenómeno não é histeria!* Deixai falar esses vazios tagarelas, não dai atenção a eles. Hoje, já é de se lastimar cada grão de trigo que lhes é dado na Terra como alimento, pois eles são debulhos vazios, que no último ajuste serão considerados como *nada* e desintegrados. São elementos nocivos, que incomodam em todo o lugar com seu palavreado eloquente. Pescando em águas turvas, após eles mesmos se haverem empenhado em poluir a mais límpida água, semeando com regozijo discórdias e dúvidas. Não mais falaremos deles, pois o seu tempo não será mais longo. —

Consideremos, pois, agora, *objectivamente* esse tantas vezes mencionado

enigma de Konnersreuth!

O sofrimento da tão horripelmente estigmatizada Therese Neumann, que de tempos em tempos tem que apresentar não somente todas as chagas do martirizado e assassinado Filho de Deus, como as chagas dos pregos, também a ferida da lança, bem como as muitas feridas na cabeça produzidas pela coroa de espinhos, mas sim que também às vezes teve de passar por todos

os sofrimentos corporais de Cristo, até cair exausta no leito ensanguentado, acometida por convulsões de agonia.

Milhares de pessoas peregrinam a esse lugar. De todos os recantos e de todos os países elas acorrem para lá. Em massas compactas, aglomeram-se muitas vezes em redor da pequena casa, onde a moça tem de sustentar a sua luta. Ela ouve, em espírito, conversas que se referem à crucificação, nas linguagens daquela época, causando surpresa aos pesquisadores de línguas.

As pessoas que assistem escutam estremecidas essas comunicações e, de vez em quando, vêm de relance no leito a moça ensanguentada, que tanto sofre; meneiam pensativamente a cabeça e, em silêncio, admiram essa dádiva divina, como muitos assim a denominam.

A ciência e também as igrejas se encontram diante de um *enigma*, como elas confessam sem rodeios, porque para isso são forçadas pelos factos inegáveis, dessa vez de espécie *grosso-material*, os quais normalmente conseguem encarar de forma mais familiar. Isso também condiciona, apesar de todo o sensacionalismo, o grande retraimento.

Afirma-se que a solução verdadeira desse aparente mistério terá o agradecimento de todos, inclusive da igreja.

Essa afirmação, sem dúvida, é absolutamente sincera e bem-intencionada, revelando a melhor boa vontade para o que for

certo. Sem dúvida, porém, com isso foi afirmado, prometido algo que para os seres humanos não é bem possível cumprir.

Sua incapacidade para o agradecimento eles têm de agradecer, novamente, apenas ao pior inimigo de tudo o que é espiritual, seu soberano ilimitado, eleito por eles mesmos, o raciocínio preso à Terra!

Sob soberania do raciocínio, no entanto, o ouvinte também deve compreender o correcto. Não me refiro, com isso, a qualquer regime de Estado ou algo semelhante, e sim, meramente, à sintonização espontânea do ser humano individual de *submeter*-se ao seu próprio raciocínio, submissão essa que produziu tudo o que é doentio no relacionamento terreno e que, infelizmente, ainda continuará produzindo por algum tempo.

Juntamente com todos os indivíduos, porém, se encontra naturalmente também a igreja sob o ímpeto pavoroso das consequências desse pecado hereditário contra o espírito. O ser humano carregou consigo esse pecado para dentro dela desde o início, sem o saber, sem o pressentir e sem o querer. O envenenamento de todo o querer entrou junto de modo completamente imperceptível, e assim também na igreja o raciocínio humano é co-soberano triunfante. Nunca poderá ser de maneira diferente, até que esse pecado contra a determinação divina seja radicalmente exterminado da humanidade.

Isso forma também o obstáculo para uma solução desse enigma da estigmatizada. A igreja e a ciência, por esse motivo, terão muitas dificuldades em acolher realmente a *verdadeira solução* e agradecer por ela, porque o autêntico saber e a verdade límpida exigem inexoravelmente uma compreensão *acima* de todos os estreitos limites do raciocínio! Como, aliás, ocorre em qualquer acontecimento espiritual.

Visto que a igreja e a ciência *não* conseguem explicar esse mistério de forma exacta, fica comprovado que *ambas*, apesar da melhor boa vontade, *ainda estão atadas neste sentido*. Pois um facto tem de resultar inseparavelmente também no outro.

O facto de afirmarem ainda poder fazê-lo e apresentarem toda a sorte de pretextos possíveis para justificar a incapacidade de até agora, *não é nenhuma prova*. Houve bastante tempo para isso! Que esse tempo teve de passar *sem* sucesso constitui, pois, nitidamente, uma prova em contrário. Nesses casos sérios, de sofrimento, deve-se aproveitar cada hora, se é que se deseje seriamente e... se é que se possa! Aí não há tempo para polémicas e discursos, mas é o dever humano de agir. E onde isso não acontece, existe uma incapacidade. Sobre isso, pouco se pode discutir ainda.

O *não poder compreender* uma verdadeira solução exclui, porém, mui naturalmente e de antemão, um entendimento.

Resta, portanto, apenas um caminho: que os factos confirmem as minhas explicações!

Por isso, quero mostrar com a resposta o caminho da verdade, que conduz à solução e conseqüentemente à *libertação*. Pressuposto que o caminho também seja seguido, e não recusado em silêncio, por temor de surpresas, ou que até se faça oposição ao mesmo. *A consequência do seguir esse caminho, porém, teria de apresentar a comprovação da verdade.*

Já que seguir esse caminho não pode trazer prejuízo algum a nenhuma das partes, não se pode chamar a solicitação nesse sentido de injusta. Principalmente porque assim poderão ser aplainadas, ao mesmo tempo, muitas discórdias.

A ciência já sabe, pelo próprio acontecimento, que também seguiu caminhos errados, ao tentar obter uma cura corporal ou um alívio. Pomadas lenitivas, ao contrário do alívio esperado, causavam inflamações dolorosas que, de acordo com relatos, cessavam imediatamente quando se retiravam as ataduras. Isto é, as feridas ficavam novamente limpas, tão logo se suspendiam os experimentos medicinais. E isso é *desejado* assim, como já foi dito antes!

Desejo declarar expressamente que as explicações, necessárias para o esclarecimento, não devem ser consideradas como hostilizações. Respeito qualquer esforço sincero, o que, aliás, sempre foi mantido nesse caso, pela ciência e também pela

igreja, com a melhor boa vontade para ajudar. Até hoje não se pode levantar censura alguma, a menos que não se queira seguir agora o novo caminho mostrado e que se tema uma comprovação.

A humanidade toda, nesse caso, segue outra vez pelo caminho errado, ao considerar tudo pelo lado falso.

Naturalmente, o ouvinte e o leitor devem *reflectir!* *Ele deve* esforçar-se para *ler* realmente nos *acontecimentos*, para *observar* tranquilamente.

Vede, pois, o comportamento de todos os seres humanos nesse caso! Procura-se, por todos os meios possíveis e mesmo impossíveis, deixando, porém, ostensivamente de considerar *algo*, algo que fica completamente fora de consideração, como se fosse uma lenda, que não se leva seriamente, de modo algum, para o âmbito do verdadeiro acontecer! *Esse algo* são as leis férreas de Deus, é a Sua vontade criadora, que, apesar de sua imutabilidade, não se leva mais em consideração e não se toma como base nas ponderações!

Esse facto fala *tão* assustadoramente claro sobre a condição íntima dos seres humanos, inclusive das igrejas, que deveria bastar, por si, para esclarecer as minhas explicações sobre o pecado original, muitas vezes mencionado, e suas consequências. De forma mais incisiva nem poderia chegar ao

reconhecimento de pessoas que pensam de maneira mais profunda.

Assim como acontece nesse caso, ocorre também em *cada* outro, em cada pensamento, em cada investigação e em cada actuação! O olhar fixa-se cismando exclusivamente no que é terreno, nas planícies mais inferiores, não *pode* mais erguer-se livremente para as alturas, pois não o quer! Aquilo que seria um começo natural para qualquer ser humano não restrito, de considerar em tudo em primeiro lugar a grande vontade do Criador e chegar às suas conclusões *somente de acordo com essa vontade*, onde unicamente pode estar a solução correta, é rejeitado pelo ser humano de hoje e até por representantes da igreja, como pertencendo ao reino da fantasia! A prova está que eles nem consideram em architectar as suas conclusões sobre essa base. Pelo contrário, submetem-se abertamente à ciência, portanto ao raciocínio terreno, preso à Terra, e assim tornam-se ainda vassalos daquele Anticristo contra o qual devem advertir, e o qual, porém, nunca conheceram!

A pureza da Verdade divina em primeira linha! Quem se esconde não é mais digno dela! Está em jogo, agora, muito mais do que apenas algumas almas humanas! Com que clareza a discussão do acontecimento de Konnersreuth patenteia o profundo declínio do íntimo dos seres humanos! Com que nitidez esse declínio mostra o verdadeiro *afastamento* de Deus e de Sua vontade! Porque ela não é considerada!

Também por parte daqueles que se julgam fiéis. Os seres humanos errantes não percebem o horror do precipício que já há muito tempo se abriu em seu íntimo. Cambaleiam tranquilos à beira desse abismo, sustentados provisoriamente por seus conceitos errados. Felizes daqueles que *aprendem* algo com esse acontecimento e não o classificam, escarnecendo, com ares de superioridade, como um caso de histeria, para tranquilização própria ou para encobrir com isso a sua ignorância. Muitas pessoas até fazem isso com verdadeira convicção, porque já são incapazes de sentir intuitivamente a sua ignorância, e julgam-se realmente sabedoras, tal qual um demente que ainda sorri daqueles que não seguem sua alucinação. —

Therese Neumann, em seu sofrimento, muitas vezes é chamada de santa, de agraciada, junto da qual se reza e por cuja intercessão muitas pessoas intimamente anseiam.

E ninguém presente que aquela assim “agraciada” é a que mais precisa de uma intercessão. Ninguém imagina que aquela infeliz, justamente devido aos seus semelhantes, fica impedida de uma possível libertação! A culpa recai incondicionalmente sobre aquelas pessoas que dão uma direcção errónea à sua piedosa devoção. Pois em virtude disso a estigmatizada sente-se interiormente elevada, como se fosse uma *distinguida* de Deus. Devido às concepções das pessoas que a cercam, ela fica impedida de meditar de modo mais sério e profundo e de deixar

seus pensamentos e intuições tomarem outra direcção, com o que ela reconheceria que não deve ser considerada como a *distinguida* e sim, pelo contrário, como uma *marcada*!

A humildade necessária, que poderia levá-la à libertação, é impelida à força, dentro dela, para a direcção errada.

Therese Neumann torna-se, assim, uma vítima do conceito errado dos seus semelhantes bem-intencionados, se não lhe sobrevir ainda em tempo o reconhecimento disso. Perde a oportunidade de libertar-se do pesado carma, apesar de seus repetidos efeitos retroactivos actuais, porque ela não pode chegar ao reconhecimento, se continuar assim como aconteceu até agora.

Deslumbrados, esses cegos e surdos espirituais, encontram-se diante da casa, que consideram apenas como um lugar abençoado, quando na realidade lhes é permitido vivenciar tão nitidamente uma das mais abaladoras advertências da actuação da severa vontade de Deus em sua imutabilidade!

Na estigmatizada de Konnersreuth luta uma alma humana pela sua libertação, alma essa que no seu actual invólucro terreno ainda não chegou a tornar-se claramente consciente do verdadeiro acontecimento! ———

A alma blasfemou outrora contra o Filho de Deus na cruz! Não é a primeira vez, desde então, que se encontra na Terra e que é *assim marcada*.

Somente quando esse facto chegar à sua consciência e quando pedir humildemente o perdão, poderá ser libertada. Ela então também *verá espiritualmente* o acontecimento e assim reconhecerá *aquela*, cuja intercessão pode libertá-la de sua tão grave culpa de outrora! A “Luz” que ela conhece e lhe é familiar auxiliá-la-á.

Nada, porém, sem o *próprio* reconhecimento, nada sem examinar a vida interior de sua alma!

Esse é o único caminho para sua libertação! Quem o mostrar a ela e desejar aplainar-lhe esse caminho é seu verdadeiro amigo e auxiliador; aquele, porém, que lhe negar ou interceptar esse caminho, impedindo-a, é seu pior inimigo.

A *própria* Therese Neumann verá tudo o que ela necessita para a libertação, tão logo tenha percorrido seu verdadeiro caminho dentro de si, podendo em seguida também curar-se fisicamente, sem auxílio humano. —————

As palavras que ela já ouviu da “Luz” que ela vê, poderão assim realizar-se, porque *somente então*, mediante seu sofrimento, muitas almas também serão realmente ajudadas. Muitas almas, assim, ainda chegarão a reconhecer em tempo o severo acontecimento dentro da vontade de Deus e verificarão que é *diferente* de como imaginavam até agora, na mais cómoda tranquilidade, fazendo assim um exame de consciência e chegando dessa forma à ascensão. Não foi diferente, para ela,

outrora, a significação da “palavra” da “Luz”, dada por seu guia bem-intencionado.

Também nas palavras “*tu ainda podes sofrer*” havia a promessa de uma grande bênção, pois isso significa, para a sofredora, a nova possibilidade de, redimindo-se no sofrimento, talvez ainda poder chegar ao reconhecimento e com isso também à libertação.

O sentido das palavras: “O Redentor se alegra com isso” também é correto, porque ele se alegra com cada pecador que ainda pode ser salvo da eterna condenação.

Por que essas palavras são interpretadas novamente de modo errado, no sentido da autoglorificação?

Os escravos frívolos do raciocínio escarnecerão por certo do fenómeno, da maneira habitual e vazia, incapazes de fornecer a menor prova contrária ou uma explicação lógica. Especialmente quando se fala da reencarnação, da qual, pois, os espíritos mais esclarecidos da Alemanha, como por exemplo Goethe, sempre falaram com convicção. Desejo, porém, trazer a *prova*, pela consequência inevitável e visível, tão logo seja seguido com acerto o caminho aqui indicado.

É preferível, porém, para os escarnecedores, que se calem, por causa de seu próprio carma, pois não podem sequer imaginar com o que se sobrecarregam sempre de novo, sendo melhor esperar a comprovação, que está no desfecho, se... de

facto for seguido correctamente o caminho indicado. Nesse caso, eu mesmo não preciso empreender absolutamente nada. *Qualquer pessoa de boas intenções pode fazê-lo, dirigindo o pensamento dessa sofredora e devota, através de uma conversa, para esse caminho.*

Se esses acontecimentos de Konnersreuth de vez em quando *se interrompem* espontaneamente, isso não representa uma solução do caso, uma cura, *muito menos uma libertação*, pois é bem provável que após um curto fortalecimento surja um *novo* enigma, mais forte que antes, mesmo que isso aconteça somente após meses ou anos! E isso acarreta novo quebra-cabeça. Quando, porém, o estado de saúde de Therese Neumann não é comunicado ao público, sob quaisquer alegações, então, outra vez, mesmo os bem-intencionados, cometem um erro fatal e sobrecarregam-se de novo com responsabilidades de consequências nada leves. —

Nas minhas dissertações já chamei várias vezes a atenção para o facto de que agora chegou a época em que se fecha o anel do acontecer de outrora. Mencionei aí também que todas as almas que não aceitaram a Mensagem de Deus se encontram novamente na Terra para o ajuste final de contas, na época em que a reciprocidade desse hediondo crime tem de começar a actuar retroactivamente com *plena* força.

Qualquer pessoa que naquele tempo blasfemou contra o Filho de Deus, em sua sagrada missão de portador da Verdade, que o atacou pessoalmente e dele troçou, espontaneamente, isto é, por livre-vontade, sem ser obrigada a isso por seus superiores ou pelo governo, será atingida também pela reciprocidade, de acordo com a gravidade de sua culpa, e algumas dessas pessoas terão de trazer, então, os estigmas do Filho de Deus, como seres humanos assim marcados, até que a libertação possa chegar ou, no caso de *não reconhecerem*, a condenação eterna, portanto o aniquilamento da *condição espírito-pessoal*, adquirida através do desenvolvimento.

Todos os estigmatizados foram somente indivíduos marcados, que carregam uma culpa pessoal com relação ao Filho de Deus!

Com exceção dos casos insignificantes, que às vezes podem acontecer por auto-sugestão numa exaltação religiosa. Nisso tudo as igrejas também não podiam modificar nada, mesmo se aqueles assim atingidos vivessem na mais profunda fé em Deus. Sempre existiu aí, porém, uma possibilidade de libertação definitiva, se essas pessoas pedissem humildemente o perdão e não se considerassem acaso como santas.

O carma pesado exige resgate! Isso poderia ser-lhes possível mediante as estigmatizações, se essas pessoas simultaneamente as *reconhecessem* como um resgate! —

A humanidade dentro de pouco tempo terá de aprender a acreditar, por bem ou por mal, nas leis inexoráveis de todos os efeitos da vontade divina, mesmo se até agora, veladamente, tenha pensado e explicado diferentemente. *O amor de Deus reside unicamente nas leis, que agem imutavelmente desde o começo do mundo até hoje e que continuarão agindo até o fim de todos os dias!* Também Cristo chamara claramente a atenção para o facto de que ele, mediante a sua Mensagem, não queria derrubar ou modificar as leis de Deus, mas sim unicamente cumpri-las. Portanto, mantê-las inalteradas!

Os seres humanos ainda notarão muitos sinais de séria advertência, e muitas coisas que até agora compreenderam erradamente terão de ouvir e experimentar na autêntica Luz da eterna Verdade.

Apesar de tudo, porém, suas almas não ouvem, possuem olhos, mas fecham-se medrosamente, cheias de calada obstinação, perante aquilo que não querem ver. *Esse se esconder, porém, não lhes tira nenhuma responsabilidade!*

Mesmo quando não quiserem reconhecer, conforme agora ficou comprovado na reunião de factos de que 186 severas catástrofes na Terra em 196 dias não mais constituem algo normal, de que nisso e em seu constante aumento há realmente algo que, sacudindo, deverá dar o que pensar, eles acumulam, em sua indolência costumeira diante das leis divinas, apenas

sempre nova culpa sobre si, que em todos os casos terão de expiar amargamente. Poderiam, com um *pouco* de atenção, evitar muita coisa.

9.2 O ladrão na cruz

Pergunta: Não se trata de um acto arbitrário, quando Cristo, na cruz, disse a um ladrão: “Ainda hoje estarás comigo no Paraíso!” O ladrão era contudo um criminoso e primeiramente tinha de resgatar o seu carma, antes de poder entrar no Paraíso. Como Abdruschin explica essa contradição?

Resposta: Nesse acontecimento não se encontra nem um acto arbitrário nem uma contradição. O ladrão na cruz, mencionado por V. S.^a, afirmou em suas palavras bem distintamente que se sentia culpado e merecia o castigo, enquanto que Cristo tinha de sofrer inocentemente. Nele despertou, portanto, o *pleno reconhecimento de sua culpa* e de um merecido castigo. Esse reconhecimento, ligado à súplica confiante de que Cristo pensasse nele quando estivesse em seu reino luminoso, tornou o sofrimento simultâneo do mais severo castigo terreno, por reciprocidade, no resgate imediato de *toda* a culpa. Todo o carma que ainda o ameaçava pôde com isso ser resgatado imediatamente. É natural que o ladrão, assim livre de culpa, sem estar sobrecarregado com coisa alguma, tivesse que passar *imediatamente* ao espiritual, isto é, pudesse entrar no Paraíso, logo após sua morte terreno. Justamente a realização, de acordo com a lei, tinha de provocar a sua elevação imediata para o espiritual, ao ficar para trás o corpo terreno. A promessa de Cristo, pois, enquadrou-se completamente dentro dos limites da

realização das leis divinas, isto é, da vontade de Deus. *(Livro: Na Luz da Verdade, dissertações: Destino e Simbolismo.)

De modo diferente deu-se com o outro ladrão que blasfemou contra Cristo em seus sofrimentos, lançando-lhe palavras injuriosas. Aqui começou, na realização das leis, imediatamente um novo carma, que em seus efeitos retroactivos gravíssimos teve de se manifestar no mundo de matéria fina, como também mais tarde, *visivelmente*, nas posteriores vidas terrenas, e terá de se manifestar ainda, até que também ele chegue ao reconhecimento de sua culpa, pedindo sinceramente perdão.

9.3 Mudança de sexo em reencarnações

Pergunta: É possível que uma alma humana, ao encarnar-se novamente, possa viver uma vez como homem e outra vez como mulher?

Resposta: A encarnação de uma alma, quanto ao sexo, orienta-se de acordo com suas qualidades. Caso as qualidades de uma alma mudem de tal forma, que o masculino se transforme e, pouco a pouco, penda mais para a espécie feminina ou vice-versa, então acontece que essa alma, em si assexuada, à qual as qualidades apenas aderem, é encarnada uma vez como homem, outra vez como mulher. O sexo terreno é secundário, por servir ao invólucro apenas para procriação, e para o aperfeiçoamento ou para o actuar nas qualidades da alma.

10.1 Natal!

Sagrada é a lembrança desse dia, pois extraordinário foi o momento, quando outrora o Filho de Deus chegou a esta Terra. Grandioso para a humanidade e toda a Criação. Um jubilar perpassou todas as esferas, pois era a aurora para a libertação espiritual do cerco das trevas.

Devido a esta grande alegria, as pessoas se congratulavam a cada aniversário do maravilhoso acontecimento, distribuíam presentes, a fim de despertar alegria também em outros. Assim foi o começo! Hoje, porém, na maioria dos casos, a festa significa para as pessoas apenas ainda a oportunidade para o presentear mútuo. Unicamente para isso é dirigido cada pensamento, por semanas. Mais profundo não penetra mais nas pessoas. Nas famílias, quando muito, é chamada uma festa *para crianças*, enquanto os pais, recordando a sua própria infância, ficam ao lado da árvore enfeitada.

Quem aí ainda se lembra do verdadeiro sentido da festa, da profunda seriedade que dá motivo à festa. Quem aceita a dádiva que o Salvador lhe trouxe, e ergue-se energicamente em baixo da árvore luminosa com o firme propósito de, no futuro, viver de acordo com essa verdade, para que, também para ele, possa brilhar a aurora da liberdade espiritual! Procurai por isso, ide de casa em casa, de cidade em cidade. Cansados podereis

desanimar, sem terdes encontrado uma pessoa sequer, cujo intuir interior, na alegria da festa, pensa nisso.

Não deveis cometer este erro, mas tomar um impulso para, pouco a pouco, deixar a verdade se tornar viva em vós, pela qual Cristo veio ao mundo. Liberdade do espírito deveis alcançar, isso significa: o desprendimento de toda carga escura! Isso, porém, somente podereis alcançar mediante compreensão dessa grande Vontade, que sustenta a Criação.

Cumprir esta vontade de vosso Criador, seguir com Ele, é a maior arte de viver, pois traz consigo o grande servir, o que na realidade se torna um dominar, porque pela atitude correcta também todas as forças seguem *com* vós, nunca podendo estar contra vós! Nenhum sofrimento vos atingirá mais, nenhuma adversidade, e seguis jubilosos o caminho que vos deverá levar ao Reino do Pai!

10.2 Todas as perguntas são respondidas?

Pergunta: São respondidas todas as perguntas remetidas?

Resposta: Não. Nas formulações de perguntas de muitos leitores reconhece-se, frequentemente, que eles estão muito longe da compreensão da profunda seriedade da Mensagem do Graal, pois na maioria dos casos são perguntas sobre coisas cujo saber não contribui absolutamente em nada para a ascensão espiritual do Eu pessoal de um ser humano, podendo servir unicamente para a satisfação do desejo de saber do raciocínio.

Para tais hábitos, porém, os espíritos humanos que realmente desejam salvar-se *não têm mais tempo disponível!* Por esse motivo, a Mensagem do Graal proporciona apenas aquilo de que o espírito humano necessita, a fim de facilitar sua necessária ascensão, aliás, a fim de possibilitá-la.

Quem, de alguma maneira, sente intuitivamente a urgência de tudo isso, em lugar de perguntar, procurará, por todos os meios ao alcance de sua força intuitiva, saber e assimilar aquilo que é *apresentado* na Mensagem. Aquilo, porém, que ainda não puder compreender, não rejeitará nem deixará de lado, mas sim olhará para dentro de si mesmo, a fim de ver se não se encontra aí, em algum recanto, o motivo da sua falta de compreensão. —

Cada pergunta é uma exigência! Caso ela diga respeito a necessidades para a ascensão espiritual, então está justificada.

Se a pergunta, entretanto, apenas deseja facilitar a compreensão do raciocínio, então, perante a seriedade da Mensagem, isso constitui uma arrogância, uma vez que tais coisas se referem a assuntos muito mais inferiores e mais baixos do que aquilo que constitui a finalidade e o conteúdo da Mensagem.

Quem, porém, se ocupa com ela com suficiente seriedade, relegando aí todo o preconceito, também terá de encontrar no seu conteúdo a resposta para *cada pergunta do raciocínio*. Se não *encontrar a resposta*, então o seu raciocínio não é suficiente para isso, ou não procurou bastante.

A Mensagem deve, naturalmente, ser tomada *como um só conjunto*, da primeira até a última dissertação, do contrário não é possível assimilá-la, e para isso é necessário um contínuo esforço e afínco espiritual! Até agora só foi dado o mais imprescindível, já que o tempo pressiona incessantemente para se chegar ao saber mais premente. O tempo não permite uma demora desnecessária. Por esse motivo, algumas perguntas não serão atendidas. Elas serão respondidas depois da primeira grande purificação, com muitos outros esclarecimentos detalhados.

As dissertações da Mensagem não mendigam a benevolência dos seres humanos, não fazem propaganda a fim de serem compradas por causa do lucro, como é usual com os livros em geral, mas sim elas são simplesmente *apresentadas!* Isto

significa que elas se encontram, acima de tudo, completamente independentes, indiferentes em relação ao ambiente, porém *vivas*, não podendo ser colocadas de lado pelas multidões, para as quais nada podem dizer, pelo facto destas ainda não quererem; as dissertações também não podem ser destruídas pelo ódio daqueles a quem elas parecem incómodas.

Tudo e cada um terá, algum dia, de contar com aquilo que foi dito nelas. Não poderá passar silenciosamente, sem examinar o seu “Eu” em relação a elas. Essas dissertações não são para serem discutidas nem solicitam opiniões, pelo contrário, são apresentadas e continuarão existindo, mais firmes do que o rochedo, mais rijas do que o aço, imutáveis e implacáveis. ——

10.3 Cristo foi vegetariano?

Pergunta: Afirma-se agora, de muitas partes, que Cristo foi decididamente vegetariano. Que diz Abdruschin a respeito?

Resposta: Nada preciso dizer sobre isso, senão chamar unicamente a atenção sobre o facto de que Cristo mantinha o hábito de comer o carneiro da Páscoa. Além disso, menciono a conhecida alimentação das cinco mil pessoas, onde ele mesmo mandara entregar *peixes* aos presentes; conseqüentemente, não era ele, de modo algum, partidário da alimentação *exclusiva* de vegetais. Não se deveria, pois, empregar o nome de Cristo para fins de propaganda de qualquer tendência.

10.4 A Criação propriamente dita e o mundo material

Pergunta: Após o estudo da Mensagem do Graal, chego com as minhas conclusões ao ponto de considerar o mundo material como sendo a Criação propriamente dita. Existe alguma objecção nesse particular?

Resposta: Objecção completa! Um tal conceito é errado e não foi tirado da Mensagem do Graal. Nas dissertações subsequentes entraremos, pouco a pouco, mais profundamente nos mistérios de até agora da Criação, e com isso teremos de subdividi-la cada vez mais, separando-a e estendendo-a, com o que surgem mais e mais degraus que não poderiam ser dados na primeira visão geral.

Assim, antecipando-me, quero ao menos mencionar em resposta a essa pergunta, que a Criação propriamente dita é *unicamente o reino espiritual*, portanto, o Paraíso. Todo o restante são *consequências*, imitações cada vez mais fracas. Assim, por exemplo, a obra directa da vontade divina, portanto, do Espírito Santo, é *unicamente* o reino espiritual, que, entretanto, contém em si tudo, para continuar actuando automaticamente com a força nele existente, através dos seres humanos espirituais, eternos, existentes no Paraíso, os primordialmente criados, isto é, *directamente* criados, que, por

isso, tornam-se os mediadores para a formação da Criação subsequente. Portanto, tudo o que existe fora do reino espiritual não é criado *directamente* pela vontade divina, mas sim apenas ainda indirectamente, isto é, pela sua força depositada no espiritual, com a mediação dos primordialmente criados.

As pessoas que muitas vezes já me disseram: “Quero ser bom. Se não o sou, não é por minha culpa. Por que Deus não me criou de tal forma, que eu pudesse ser sempre bom”, notarão, pela explicação acima, como é injusto esse seu pensamento.

10.5 Como é visto um místico em relação aos ocultistas e espíritas?

Pergunta: Como é visto um místico em relação aos ocultistas e espíritas com respeito à utilidade para a ascensão espiritual? Nesse sentido, de que servem as numerosas seitas?

Resposta: Se V. S.^a se encontra diante de uma tal pergunta, deve em primeiro lugar procurar intuir as consequências espirituais da diferente actuação, e formar o seu conceito *unicamente de acordo com isso*. V. S.^a verificará que o “místico” não se encontra de modo nenhum mais elevado, mas sim causa tanto prejuízo quanto o espírita e o ocultista e, em última análise, também as seitas. —

Há muitas décadas, a maioria das infelizes ocupantes das casas de prostituição era procedente da camada social das vendedoras e das empregadas domésticas. A triste causa residia muitas vezes no impulso íntimo de conhecer uma vida mais livre e cintilante, ou também na confiança no amor por um rapaz ou um homem, o qual era incapaz de reconhecer essa confiança devido ao seu tipo brincalhão ou por leviandade. Entre elas, apenas raras vezes existia um verdadeiro pendor pessoal para levar uma vida baixa e leviana. É bem conhecido o deslize daquelas moças que, finalmente, não mais dispunham de força suficiente para sair do pântano.

De forma bem semelhante a tais casos de então, também hoje, no domínio espiritual, generalizou-se amplamente esse proceder. A tendência de penetrar na vida do assim chamado Além, que muitos seres humanos imaginam bem diferente do que realmente é, leva hoje para o *pântano das trevas*, grandes massas dos pretensos pesquisadores, que anseiam algo diferente.

Semelhantes a essas moças, que no íntimo desejavam encontrar algo melhor ou simplesmente novo, até agora desconhecido para elas, e que não querem reconhecer a insinceridade dos rapazes e homens que as cortejam, já que isso representaria praticamente o abandono de muitos de seus desejos, assim também os que procuram espiritualmente de forma obstinada não percebem que, em lugar de ouro puro... usam lantejoulas e quinquilharias, que lhes dão uma ilusão de situação elevada. Envoltos por uma ilusão, passam pela vida terrena contentes consigo mesmos e se tornam, no Além, pobres tolos dessa ilusão, que naturalmente têm de levar consigo e que lá os domina.

Todos eles ficam presos à matéria, e não encontram força para se desprenderem dessa tenaz ilusão, porque não ousam mudar sua intuição, temerosos de perder algo a que se afeiçoaram.

Estão irremediavelmente expostos ao aniquilamento, pois, com a desintegração de toda a matéria, que se aproxima,

desintegrar-se-á também a sua consciência *pessoal*, conseguida com muito esforço, e como *não podem ser bem aproveitados em estado consciente*, retornam ao estado amorfo.

Isso, porém, não constitui *nenhum* progresso, como os budistas supunham, e sim uma extinção da evolução conseguida até então, já que esta ocorreu na direcção errada.

O que, pois, constituem os rapazes e homens levianos nas vivências de moças e mulheres ansiosas, provocando uma tão triste mudança, o mesmo papel representam hoje, no campo espiritual, as inúmeras congregações e seitas da religião, dos ocultistas, espíritas e tudo o mais que se formou dessa espécie. São os mais perigosos caçadores de almas a favor das trevas!

Nisso, aqueles que se julgam dirigentes, muitas vezes até possuem a vontade para o bem! E essa vontade, com o tempo, só poderia trazer coisas boas, sem dúvida, se não houvesse aí um grande obstáculo, que em todos os casos se mostra muito mais forte e em toda a parte desvia do caminho certo a melhor boa vontade. É a resistência contra tudo aquilo que não está de acordo com as próprias ideias de alguns dirigentes. A resistência provém de um medo instintivo pelo facto de que teriam de mudar muita coisa na sua orientação de até agora, com o que os adeptos talvez pudessem reconhecer que eles, em muitos casos, seguem caminhos completamente falsos. Com *esse*

reconhecimento poderia então perder-se algo da veneração que os adeptos dedicam incondicionalmente a seus “mestres”.

Por mais tolo que seja esse pensamento, faz com que muitos dirigentes tropecem nele e sigam obstinadamente seu caminho, apesar de sentirem às vezes uma vaga intuição de que estão agindo de forma incorrecta.

Entretanto, não se deve censurar somente os dirigentes, pois muito mais danos causam os *próprios adeptos*, para si mesmos bem como para seus partidários que seguem a mesma orientação. Se o fundador de qualquer movimento talvez tivesse realmente um alvo certo e quisesse conduzir seus adeptos ao encontro da Verdade, pode-se supor com certeza que estes ficariam intimamente muito distanciados da própria doutrina. No caso do falecimento do fundador, logo se mostraria a falta do verdadeiro vivenciar de uma boa doutrina. Os adeptos imaginariam já possuir tudo, inclusive a essência máxima desses ensinamentos, entregando-se assim à vaidade espiritual, que lhes fecha a porta para uma possibilidade de ascensão posterior. Eles passam jubilosos e ignorantes pela derradeira Verdade, para a qual o próprio fundador apenas queria prepará-los. Por esse motivo, muitos caminhos certos são forçados inevitavelmente, pelos próprios adeptos, em direcção ao túmulo, em vez de conduzir para as alturas luminosas.

Quantos buscadores e quantos pretensos sabedores passaram, outrora, sem se aperceber, perante o único e verdadeiro Mestre, o Filho de Deus. Especialmente aqueles que se consideravam capacitados para reconhecer a sua vinda. Justamente esses tornaram-se os seus mais acérrimos adversários. Por que não se aprende com isso?

Vemos os cristãos hoje em dia viverem dentro de muitos conceitos errados, em relação à doutrina do seu Mestre. Orgulhosos, arrogantes e, contudo, ignorantes perante a profunda Verdade que jaz na Mensagem de Cristo.

Essa circunstância, por si, faz com que tantas seitas e congregações floresçam, porque o espírito humano sente crescer dentro de si um impulso impetuoso *no sentido* de necessitar *mais* do que as igrejas lhe oferecem com suas invariáveis interpretações superficiais.

Os seres humanos esperam receber, nessas seitas e congregações, maior clareza e, muitas vezes, já estão satisfeitos quando algo soa *diferente* do que nas igrejas. Aquele impulso faz com que vejam nisso já um progresso, mesmo que na realidade seja muito menos do que já receberam nas igrejas.

O participante de uma sessão espírita, por exemplo, confunde facilmente o *novo*, o interessante, com o *valioso*. Não imagina que o interessante nem sempre é necessariamente valioso, simultaneamente. Ninguém reflecte com calma, objectivamente,

o quanto tudo isso pode ser útil para a sua própria *ascensão* espiritual, para o que, pois, só é finalmente decisivo a sua qualidade interior! Sente-se orgulhoso de encontrar-se em um nível íntimo com os falecidos! Na realidade, contudo, não há diferença, absolutamente, de quando, aqui na Terra, trata com seus semelhantes. O corpo que os falecidos têm, ele também possui, bem como cada ser humano na Terra. Sobre esse corpo encontra-se apenas ainda o invólucro de matéria grosseira. E aquilo que os do Além lhe comunicam com muito esforço não representa a milésima parte daquilo que Cristo trouxe.

Apesar disso, o participante dá mais valor a todas aquelas pequenas manifestações, cujo conteúdo já há muito lhe é bem familiar. Quanta falta de independência no seu próprio pensar e na intuição ele demonstra com isso em todo o seu modo de ser.

Também não emprega o que vivencia nas sessões para penetrar o quanto antes, com toda a seriedade, na Mensagem de Cristo, a fim de aprender a compreendê-la correctamente e assimilar toda a sua grandeza, a fim de lançar-se para o alto, em direcção à liberdade espiritual nela desejada, mas sim, ao contrário, apega-se à mediocridade que lhe é oferecida nessas manifestações, apenas porque exteriormente apresenta uma outra forma.

Isso, porém, representa *mais um obstáculo*, nenhum progresso!

Uma das maiores mediadoras para as trevas é a *presunção!* Observemos um pouco os espíritas. Com raras exceções, os adeptos sofrem de uma tão desmedida vaidade, que cobrem com uma aparente humildade de saber, a ponto de não se poder falar com eles, sem sentir uma repugnância e sem se sentir repellido. Imaginam poder “auxiliar” muitos falecidos, quando, na realidade, eles mesmos necessitam de muito maior auxílio. Infelizmente, quase por toda a parte se encontra esse fenómeno. Esse desejo doentio de querer auxiliar, porém, de maneira nenhuma é amor; também não emana do grande querer servir; tampouco pode ser atribuído à pura disposição humana de ajudar, muito menos à verdadeira piedade, mas sim nada mais é do que uma desagradabilíssima arrogância íntima, que não pode ser exterminada.

Dessa maior de todas as fraquezas, as trevas se aproveitam bastante, especialmente nos círculos dos médiuns principiantes. Aí apresenta-se um elemento trevoso, lamenta-se de qualquer coisa, e imediatamente os ignorantes homúnculos desejam “ajudar” essa pobre alma. Com olhares piedosos, orações, águas-bentas, talismãs e conjurações, que nada mais demonstram do que a ilimitada vaidade desses pretensos sabedores.

É uma comédia para satisfação própria, nada mais. Incenso para a própria pessoa. O auxílio fica só na imaginação. *O elemento trevoso na maioria dos casos nem deseja auxílio!* Ele

sabe muito bem que aqueles seres humanos não podem ajudá-lo, e somente conta com o facto de atraí-los despercebidamente para si, em baixo! Como, aliás, todas as trevas sempre se lançam somente sobre as fraquezas. E isso com muita probabilidade de êxito, pois com esse desejo de ajudar, as respectivas pessoas se abrem para as correntezas das trevas. Estendem sua mão a essa criatura do Além, para levantá-la; contudo, entrando em contacto com ela, afundam sem o saber!

O facto de que tais pessoas desejam exactamente o contrário, nada pode adiantar nesse caso, pois elas se entregam deliberadamente a tais perigos, contra os quais, do contrário, estariam incondicionalmente protegidas. Assim, porém, essa protecção é rompida por elas mesmas, e uma tal leviandade tem de se vingar.

Também quando essas pessoas finalmente necessitam e pedem auxílio a outros, tão logo elas mesmas, devido à sua ignorância, caem em apuros, não podendo mais prosseguir, então querem como auxílio somente a satisfação de seus próprios desejos, e não acaso ver-se livre do espírito trevoso que atraíram para si.

Supondo que naquele círculo se apresentasse um verdadeiro auxiliar, que, em lugar de atender aos seus desejos errados, enviasse um adepto das trevas para o lugar a que ele pertence, segundo sua espécie, para evitar que esse mesmo atraísse para a

perdição criaturas ignorantes e superficiais, então todos aqueles que foram libertados se juntariam numa inimizade colectiva contra esse auxiliar, e provavelmente o denominariam enviado das trevas, quando seu “pobre” espírito de repente não mais pudesse aparecer. Não se lhes torna claro que na realidade sentem raiva porque perderam aquelas horas de entretenimento nas quais podiam se “elevar”.

Quando um espírito é repellido para o lugar de onde procede, visto que *somente lá* e em nenhum outro lugar pode chegar ao reconhecimento, os “devotos” consideram tal procedimento como duro e anticristão. Para se poder auxiliar verdadeiramente um espírito inferior, são necessárias coisas bem diferentes das que os assistentes e dirigentes de um círculo espírita podem oferecer.

Por esse e ainda por muitos outros motivos não tem sentido falar uma só palavra com aqueles extraviados na sua presunção, apesar de que eu poderia, em *qualquer* sessão, pouco importando o lugar e quem fosse o dirigente, mesmo nas mais concentradas, apresentar com facilidade as provas, em tais acontecimentos. Onde, porém, se trata de um querer realmente sério, aí sempre estarei à disposição. Sem vacilações enfrento *qualquer* círculo espírita ou seus espíritos, *qualquer demónio* ou outros opressores! —

Não é diferente com os ocultistas, que, procurando e parcialmente experimentando, se perdem em coisas que somente os acorrentam ainda mais ao ambiente de baixa matéria fina. As correntezas, às quais se abrem, retêm-nos e prendem-nos ainda mais fortemente. —

Um prejuízo igualmente grande causam as obras dos místicos, que, com seu tatear inseguro, conduzem para um labirinto de confusão, acarretando a perda do caminho como decorrência natural. Na maioria dos casos trata-se de fantasia e fanatismo, nos quais eles mesmos procuram regalar-se ou aparentar um verdadeiro saber, que, no entanto, apenas se iguala ao sorriso pretensioso de um ignorante. Não é apenas uma ilusão, na qual vivem e que também os induz de vez em quando a escarnecer de outros que são menos perigosos.

Não se apercebem de sua própria perigosidade, já que a mesma se encontra *somente* no domínio espiritual, que não são capazes de reconhecer. *Pessoalmente* eles também são absolutamente inofensivos; *suas obras*, porém, causam uma confusão terrível e levam ao descaminho, quer envolvam cuidadosamente seus pensamentos fantásticos em romances ou os vertam em outras formas. O misticismo conduz ainda mais facilmente aos braços das correntezas escuras, porque vem acompanhado simultaneamente de um comodismo sonolento ou também de um arrepio agradável, timidamente, porém, evita

qualquer clareza. Os espíritos humanos encontram-se aí numa vida insalubre, sem base firme, sendo puxados de um lado para o outro.

Deus, porém, deseja que se viva de acordo com as Suas leis, porque *somente nelas* se pode ser feliz! Para poder viver de acordo, entretanto, *deve-se possuir pleno conhecimento*, nada de incertezas. Toda a vida e todo o movimento na Criação estão sujeitos às leis; procedem delas. Por isso, *deve-se* conhecer a Criação até em suas mínimas partes, *claramente e completamente consciente!* Onde resta então lugar para o misticismo? O misticismo na Criação está *contra a vontade divina*; não está em concordância com os mandamentos de Deus e, conseqüentemente, tem de ser nocivo aos seres humanos aos quais se deseja inculcar.

Os místicos são, portanto, estreitamente aparentados com os ocultistas e espíritas, e nocivos pelas conseqüências de sua actuação. *Espiritualmente* não existe diferença.

Ainda são de se lamentar muitas seitas *religiosas* e congregações, as quais imaginam, cada uma por si, possuir a plena verdade e estar caminhando na *frente* de todas. Com esse preconceito eles enfrentam *tudo* o que se encontra no seu caminho e não penetram em outros pensamentos, com renovada autocrítica, mas sim arrastam consigo todo o antigo. Logo que constatarem que esse antigo não se deixa misturar com o novo,

recusam o novo como sendo errado. Bitolam-se no antigo que lhes foi dado e que muitas vezes nem reconheceram de forma acertada.

Devido a essa estreiteza, seu julgamento sempre é precipitado e obstinado. Sem objectividade, não com suas próprias palavras, mas sim com as palavras de outrem, que eles mesmos nunca compreenderam correctamente, procuram condenar tudo como sendo inferior ao *seu* saber. Para isso empregam frases untuosas, que não somente demonstram imediatamente arrogância espiritual, como também revelam um verdadeiro vazio interior e uma estreiteza inalterável.

São aquelas massas que sempre clamam com familiaridade: “Senhor, Senhor!” O Senhor, porém, não os conhecerá! Acautelai-vos em primeiro lugar com *esses* “fiéis”, a fim de que não sigais com eles broncamente para a destruição. —

10.6 É Abdruschin adversário da astrologia?

Pergunta: É Abdruschin adversário da astrologia?

Resposta: Não! Ao contrário, conheço muito bem o alto valor da astrologia. Mas conheço igualmente as falhas do actual saber sobre ela. Por esse motivo, aconselho às muitas pessoas que trabalham na astrologia que, cientes daquelas falhas, nunca deixem de mencioná-las às pessoas que pedem conselhos. O maior perigo, porém, encontra-se outra vez, como quase em todas essas coisas, do lado do público que solicita esses conselhos! A maior parte dele torna-se tão dependente e medrosa, que não se atreve mais a tomar uma decisão livre, impossibilitando dessa maneira uma ascensão espiritual, um amadurecimento do espírito. À verdadeira astrologia eu auxiliaria com muito prazer a abrir o caminho para aquele lugar de destaque que lhe é devido.

10.7 Abdruschin profere palestras em outras cidades?

Pergunta: Abdruschin proferirá em breve também palestras em outras cidades? Por exemplo, em Kassel?

Resposta: Não. Pelo contrário, considere as minhas recentes palestras em Stuttgart e em Viena como *palestras de despedida*, por algum tempo. Somente quando a aflição estiver em seu auge, aproximar-me-ei novamente dos seres humanos, para ajudar, *onde pode ser ajudado*. Até lá, as dissertações são publicadas apenas nos **Folhetos do Graal** e na revista “**O Chamado**”.

10.8 O caso Konnersreuth

Pergunta: O caso de Konnersreuth foi repentinamente retirado do público, após haver despertado o interesse de todo o povo, sem que fosse dada uma explicação satisfatória desse acontecimento, seguramente extraordinário, por aquelas autoridades que motivaram essa retirada. O caso de Konnersreuth transformou-se numa questão da humanidade e por isso não devia ficar atrás dos bastidores para o estudo de alguns que se *consideram* convocados para tal. Isso se dá em 1927, e não por acaso há cem anos atrás! Não seria o caso de se apresentar um protesto geral?

Resposta: Acredita V. S.^a que conseguirá hoje, com um protesto, muitos seguidores *valiosos*? Desde o começo eu havia previsto essa retirada e também já em outubro, na revista “**Der Ruf**” nº 3-4, página 173, linha 17, chamei a atenção sobre essa possibilidade! Isso é um sinal de que eu reconheci acertadamente, porque a ignorância, quando em apuros, dificilmente pode agir de maneira diferente, se não possuir a coragem para admitir essa ignorância. Aguarde calmamente o fim, mesmo que demore anos. A verdade finalmente também se mostrará terrenamente, apesar de a esconderem. Até agora, as tentativas de esclarecimento de tantas pessoas pretensamente sabedoras foram, sim, na maioria dos casos, fantasias confusas, composições de livros lidos, porém mal compreendidos, e

também a ciência e a igreja não puderam fornecer nada de satisfatório. Não é de estranhar que se produza uma inquietude, quando, nessa confusão que se criou, de repente se processe uma retirada tão visível. Apesar disso, porém, não é oportuno irritar-se. Algum dia chegará a hora do esclarecimento. *Então*, não terei de cancelar nem adicionar uma frase sequer em minha explicação sobre o caso de Konnersreuth no caderno 3 e 4 da revista “Der Ruf”, apesar de que hoje em dia, com poucas exceções, procura-se passar por cima disso com sorrisos. Para mim, o caso de Konnersreuth está encerrado.

10.9 O que é energia? E o que é força de gravidade?

Pergunta: Que é energia? E o que é força de gravidade?

Resposta: Essas perguntas são prematuras, pois serão tratadas detalhadamente em dissertações futuras nos Folhetos do Graal. Contudo, quero respondê-las pelo menos em termos breves.

Energia é espírito! E é justamente o capítulo espírito que tenho de tratar muito ainda, pois espírito abrange quase *todas* as questões não resolvidas de nossa ciência contemporânea. Espírito tem também muitas graduações, o que até agora ainda não pôde ser levado em consideração, porque ninguém sabe nada a respeito, já que “espírito” é algo que ainda nem foi reconhecido por essa humanidade.

Espírito é tão variado em suas graduações, que justamente devido a essas múltiplas graduações deu lugar a todos os erros que ainda desafiam a argúcia dos seres humanos.

A energia, assim denominada pela ciência exacta, é, pois, espírito. Mas não é aquele espírito do qual se forma o espírito humano auto-consciente, mas sim de uma espécie *diferente*.

Sobre isso, por hoje, apenas algumas palavras: os primordialmente criados na Criação espiritual, portanto no Paraíso, irradiam *através de sua vontade*. Essas irradiações são *também* espirituais, mas representam uma graduação para baixo,

pois não são irradiações directas do Espírito Santo, da vontade divina, *mas sim irradiações* dos criados pelo Espírito Santo! Essas irradiações, como uma graduação espiritual para baixo, avançam como raios e se projectam além dos limites do reino espiritual, perfluindo as outras partes do Universo, no entanto, apesar da graduação, por serem espirituais, ainda contêm força viva, que não apenas actua impulsionando e impelindo, como também actua atraindo de forma magnética sobre seu ambiente de espécie diferente e não espiritual.

A força de atracção magnética dessas correntes espirituais não é, porém, tão forte como aquela do Paraíso, portanto, da Criação primordial, que mantém todo o Universo. Assim, acontece que as correntes expelidas do reino espiritual *apenas* podem atrair *partículas pequenas* do ambiente de espécie diferente, sendo envolvidas por elas, acontecimento que divide e separa as correntes inicialmente uniformes. Por esse processo natural uma tal corrente espiritual é dividida em inúmeras partículas diminutas, já que os invólucros das partículas atraídas actuam de forma separadora. Esses invólucros são, pois, camadas bem pequenas, minúsculas, das diferentes espécies do ambiente, porque a diminuta partícula da corrente espiritual, *isolada*, tem, de acordo com o seu tamanho minúsculo, uma força magnética correspondentemente diminuta para segurar. Constituem-se, assim, pouco a pouco, os eléctrons, átomos, etc.

Contudo, o caminho até lá é infinitamente longo. Também este quero descrever hoje em poucas palavras. Imagine-se o seguinte: as irradiações dos primordialmente criados, em sua actividade decorrente do querer, avançam para além dos limites do Paraíso. Chegam ao reino do enteal como estranhos que atraem magneticamente. O próprio enteal, por sua vez, compõe-se de muitas graduações, que desejo classificar por enquanto somente em *três* espécies básicas: entealidade *fina, média e grosseira*, sem considerar ainda as espécies básicas da entealidade consciente, como o mais elevado dessa espécie, e da entealidade inconsciente.

Quando a corrente espiritual penetra na espécie fina da entealidade, provocado pela força magnética da corrente, procede-se então, de imediato, o envolvimento da mesma pela entealidade fina, iniciando-se simultaneamente, por esse motivo, uma laboriosa movimentação. Esse processo de envolvimento assemelha-se a um exército inimigo que se precipitasse sobre esse intruso, que no caso é essa corrente espiritual, ao passo que, na realidade, é o espiritual que provoca o movimento nessa espécie estranha de seu novo ambiente, em virtude de sua própria força magnética de atracção. O enteal, sendo atraído, corre apressadamente ao seu encontro. Com o envolvimento realiza-se simultaneamente a pulverização da corrente. Não existe uma mistura do espiritual com a fina entealidade, mas sim apenas um envolver do espiritual pelo enteal. O núcleo é um

corpúsculo espiritual, envolvido por todos os lados pela fina entealidade, a qual é segurada pela força magnética de atracção do núcleo espiritual.

O núcleo espiritual, porém, mantém a sua irradiação magnética, apesar do invólucro, atravessando com ela o fino invólucro enteal. Com esse atravessar, porém, produz-se calor, processando-se uma mudança na irradiação do corpúsculo espiritual. Devido a essa ligação, ela sai de forma diferente da original, e assim obtém, nessa mudança, uma influência sobre a entealidade *média*.

Ao mesmo tempo, por intermédio do processo de atracção da fina entealidade no envolvimento, ocorreu uma compressão das partículas isoladas da fina entealidade, isto é, um acumulo em redor de cada corpúsculo espiritual; e essa acumulação comprimida produz diminuição de espaço de uma determinada massa com relação ao ambiente restante de fina entealidade, flutuando ainda solto e livremente. Por esse motivo, a força de atracção do reino espiritual, do Paraíso, não a mantém mais na *mesma* altura das partículas ainda soltas. Devido à compressão, estabelece-se uma *distância maior da fonte de força magnética que trabalha sempre uniformemente*, inerente à constituição da Criação espiritual, do Paraíso. *E esse processo constitui o início da lei da gravidade*. É, ao mesmo tempo, um ponto de transição no accionamento daquilo que até então acontecia.

É preciso observar o processo com toda a nitidez: pela actividade decorrente do querer dos primordialmente criados formam-se irradiações. Bem entendido, porém, essas irradiações não são o próprio querer, mas sim os fenómenos simultâneos do querer, os *efeitos colaterais* da corrente principal de um querer. Apesar disso, esses efeitos colaterais, não controlados pelo autor, ainda possuem tanta força impulsiva, que são *impelidos para fora* dos limites do reino espiritual, onde, devido à força de atracção magnética inerente à sua espécie espiritual, produzem os efeitos que descrevi acima. A corrente principal do querer dos primordialmente criados nada tem a ver com isso, pois ela se efectiva sempre e directamente no alvo desejado; com força muito maior, mais consciente. Em outra ocasião falarei sobre isso.

O envolvimento instantâneo dos corpúsculos espirituais que foram impelidos para fora dos limites evita o refluxo automático para o espiritual, porque a camada da fina entealidade se interpõe, ou melhor, é mantida intercalada pela força de atracção do próprio corpúsculo espiritual. O primeiro processo, consistindo no afastamento do centro magnético, foi, portanto, um acto de expulsão como efeito colateral de algum querer consciente. Com o primeiro envolvimento, porém, entra imediatamente, como causa do subsequente movimento, algo contrário: a obrigatoriedade de um maior afastamento, condicionado pela condensação decorrente da atracção da fina

entealidade, em relação ao actual ambiente da fina entealidade ainda não condensada. A partir daí actuam então sempre *diversos* factores no impulso de movimentação. A cada invólucro subsequente acrescenta-se um novo factor.

Deve ser intercalado aqui, novamente, que cada espécie individual de toda a Criação, condicionada por sua constituição, está sintonizada individualmente, em um grau todo especial, com a força de atracção da Criação espiritual primordial, sendo essa sintonização, em princípio, sempre graduada de acordo com a correspondente espécie *solta, desconexa, portanto não comprimida*.

A matéria fina, portanto, está sintonizada em um outro grau da força de atracção, diferente da matéria grosseira. Da mesma forma difere também da entealidade. Assim, acontece que por ocasião do envolvimento do corpúsculo espiritual pela compressão da fina entealidade, estabelece-se imediatamente, um grau diferente para a força de atracção da Criação espiritual, que faz com que o corpúsculo espiritual envolvido se deixe afastar mais do ponto de atracção.

Esse processo repete-se em cada novo envolvimento. Chama-se a isso lei da gravidade, que está ancorada, na realidade, na respectiva possibilidade de afastamento, de cada coisa, da força de atracção natural da Criação espiritual primordial! Essa

possibilidade de afastamento é condicionada pela respectiva constituição, em suas diversas modificações.

Para o processo seguinte posso resumir: o invólucro comprimido da fina entealidade provoca aquilo que chamamos *afundar*, com os efeitos acima mencionados, e assim se aproxima da média entealidade, na qual agora actua atraindo a irradiação do espiritual modificada pelo invólucro, exactamente da mesma maneira como anteriormente o corpúsculo espiritual actuava sobre a fina entealidade. Aqui seja novamente considerado que a irradiação directa do corpúsculo espiritual, isto é, a não modificada, sobre a qual a média entealidade não poderia agir tão fortemente como a irradiação agora *modificada* pelo invólucro da fina entealidade. *Somente essa* irradiação pode actuar de forma tão magnética sobre a média entealidade, que ela, por sua vez, cobre imediatamente, como invólucro seguinte, o invólucro de fina entealidade, sendo mantido pela força de atracção modificada do corpúsculo espiritual.

Começa, assim, o mesmo processo que na entealidade fina, e também aqui a irradiação do corpúsculo espiritual será novamente modificada, ao ser influenciada pelos *dois* invólucros. Assim continua na entealidade grosseira, daí para a fina, média e grossa matéria fina, recebendo sempre novos invólucros das diversas espécies, até chegar finalmente à fina matéria grosseira, envolvendo-se então com o invólucro *desta*. Daqui segue para a média matéria grosseira e só então chega à

pesada, isto é, densa matéria grosseira, que, em seu estado solto, corresponde inteiramente à matéria grosseira de nosso corpo e de nosso ambiente visível. Só nesse ambiente esses corpúsculos envolvidos tornam-se tudo aquilo que é conhecido à ciência exacta de hoje, elétrons, átomos, etc.

A energia propulsora, porém, em tudo isso, é unicamente *o núcleo*, o diminuto *corpúsculo espiritual* que, como a mais baixa graduação no espiritual, pertence apenas aos fenómenos colaterais do querer dos primordialmente criados, no assim chamado Paraíso, o centro espiritual da Criação.

Essa descrição é, nessa apresentação, naturalmente ainda muito unilateral; e só se pode tirar proveito do que foi dito aqui, tão logo também se considerar as leis da espécie igual. Nisso tem de se observar, antes de tudo, os *invólucros*, pois cada invólucro está sujeito apenas às leis de *sua espécie*, o que significa que o corpúsculo espiritual só pode actuar correctamente onde seu respectivo último invólucro *externo* se encontrar na igual espécie. Portanto, com o invólucro de matéria grosseira, somente na matéria grosseira e, mesmo aí, somente na respectiva espécie bem definida. Com o invólucro de matéria fina, somente na espécie igual de matéria fina. Com o invólucro enteal, somente na espécie igual da entealidade.

Disso resulta, naturalmente, que a lei que denominamos lei da gravidade, isto é, da possibilidade de afastamento da força de

atração do reino espiritual, também actua com predominância somente no respectivo invólucro externo, sendo este, portanto, decisivo para a permanência e para a força da actuação directa.

As chaves para abrir passagem para outras espécies, como da fina entealidade para a média e grosseira, bem como, depois, para os planos materiais, são sempre as *modificações* das *irradiações* do corpúsculo espiritual, devido aos envolvimentos subsequentes. Sem essas modificações seria impossível uma passagem ou uma actividade na atração. O espiritual teria de ficar, pois, completamente ineficaz, se chegasse directamente na Criação, sem transições, visto faltarem então quaisquer possibilidades de ligação.

Antes de finalizar, mais uma coisa: de minha explicação depreende-se que o espiritual por si só *não está sujeito à lei da gravidade!* Não conhece peso e sempre que estiver desprendido de seus invólucros *terá* irresistivelmente de ascender ou voar para cima, ao reino espiritual, que não está sujeito à lei da gravidade por nós conhecida.

Para evitar equívocos, quero dizer que a semente espiritual do ser humano é uma *espécie completamente diferente* do espiritual das correntes espirituais aqui descritas. Possui também muito mais força de atração e também a exerce, até um determinado ponto, directamente sobre os corpúsculos espirituais envolvidos. Muitos ouvintes poderão agora imaginar como a grande

distribuição de espécies *espirituais* na Criação posterior, portanto também nas nossas regiões, trazem em si, quando libertadas do peso de seu ambiente, uma enorme força de ascensão ao encontro de sua origem espiritual, e assim, em conjunto com a força de atracção proveniente de lá, proporcionam a todo o Universo *aquele apoio*, auxiliando a condicionar o rumo que tem de manter tudo.

O campo é tão vasto, que o pequeno resumo de hoje terá de ser subdividido em muitas dissertações, a fim de poder introduzir correctamente os ouvintes e leitores. Mas tudo, afinal, vem a dar na maior simplicidade, apesar das dificuldades aparentes. É somente o desvio do espírito humano, com a opressão de sua *receptividade espiritual*, que me obriga a guiar os leitores com muitas dissertações, durante anos, pelos difíceis caminhos do raciocínio, porque cada um, sem excepção, se perdeu no matagal.

Será uma série especial de dissertações, referentes à aglomeração das partículas mencionadas para a formação dos astros, com a consequente acumulação de força magnética do espiritual contido nelas, astros que, além do grande centro de força do reino espiritual actuando sobre eles, formam por si e entre si centros de atracção próprios, naturalmente muito mais fracos do que o centro do reino espiritual e que, devido à grande distância do Paraíso, o centro principal, também podem actuar especialmente entre si, embora permaneçam sempre

subordinados ao domínio da força principal de atracção do Paraíso espiritual. Haverá também dissertações especiais a respeito da aglomeração de partículas para formação de corpos humanos, de plantas e de animais.

Saber é poder! Esta expressão é muito usada, porém é necessário um outro saber, diferente daquele que se julga já possuir hoje. Trata-se do saber *espiritual*, e não somente do saber do raciocínio! Até agora a ciência exacta ainda nada alcançou de notável nisso e todas as demais se perdem, com um tatear incerto, no reino dos inúmeros defeitos dos domínios inferiores. Apenas quem conhece *todos* os segredos da Criação pode fazer florescer o mundo da matéria ou destruí-lo.

10.10 Reconhecimento da encarnação por fotografias

Pergunta: É possível que pessoas, mediante fotografias, possam ver encarnações passadas ou futuras?

Resposta: Certamente. Contudo, não sem certas limitações. Será difícil com aquelas pessoas que de alguma forma estejam entrelaçadas directamente com grandes acontecimentos mundiais (portanto, não somente do ponto de vista terrenal), pois essas pessoas se encontram sob correntes especialmente fortes, que perturbam um vidente ou turvam sua vista, talvez, para o seu próprio bem, também impossibilitem uma aproximação. Eu pessoalmente conheço uma senhora assim que se ocupa com isso, da qual também estou convicto de que ela toma essa capacidade excepcionalmente a sério, sob constante autocrítica. Caso V. S.^a tiver especial interesse a respeito: Sra. Käthe Giesert, Berlim N^o 54, Lothringer Strasse 76. Existem, no entanto, tantas espécies dessas capacidades, que aproveitarei uma oportunidade para escrever uma dissertação especial sobre isso. —

10.11 Abdruschin é um vidente?

Pergunta: Abdruschin é um vidente ou colhe em fontes alheias?

Resposta: Apesar dessa pergunta ser puramente pessoal, portanto curiosidade, e o saber sobre isso não poder contribuir absolutamente para uma ascensão espiritual, quero respondê-la, excepcionalmente. Eu não sou um vidente no sentido conhecido, tampouco colho em fontes alheias. De ambas as coisas não tenho necessidade. Também não copio nada, como muitos supõem. Não é uma compilação de outras tendências. Se V.S.^a encontrar tons parecidos em diversas tendências antigas ou mais recentes, deve-se unicamente ao facto de que elas contêm grãos de verdade. Tais grãos têm de permanecer invariáveis por toda a parte e por isso também têm de ser reencontrados em minhas dissertações. *Eu mesmo colho e não compilo!* Quem não pode contentar-se com isso, tampouco compreenderia se eu quisesse explicar ainda mais. Quero que *examinem as palavras* e que as assimilem intimamente, tanto quanto possível, pois sem a *convicção própria* de cada um individualmente, as palavras não têm valor para ele. A convicção, porém, não deve ser por causa do portador da Palavra, mas sim tem de surgir da concordância íntima com o que foi dito! Isso já mencionei expressamente no início de minhas dissertações, ainda mais, isso eu *exijo*. E assim tais perguntas são supérfluas. Além disso, quem não sente

intuitivamente esse colher na leitura, também ainda não assimilou completamente a Mensagem.

10.12 Quem foi a alma do enigma de Konnersreuth?

Pergunta: Se Abdruschin explica com tanta certeza o enigma de Konnersreuth, como na revista “Der Ruf”, caderno 3 e 4, então poderia também dizer *quem* foi essa alma outrora? De onde provém seu carma?

Resposta: Naturalmente. Se eu silencieei a respeito foi somente porque persisto em explicações *objectivas* e não entro em terreno pessoal. Trato apenas do que é absolutamente imprescindível para o esclarecimento de uma pergunta pública.

10.13 Pode ser curado um ser humano possuído por um demónio?

Pergunta: Pode ser curado um ser humano possuído por um demónio?

Resposta: De modo algum um ser humano pode ser “possuído” por um demónio! Isso não é possível por motivos bem naturais, pois o núcleo do ser humano é *espírito*, e um demónio é um ente, outrora inofensivo, mas pelo querer do espírito humano tornou-se demónio. Visto que o espiritual em sua constituição é superior ao ente, conseqüentemente um ente não pode desalojar o espírito, nem mesmo temporariamente, o que é necessário numa possessão. O ser humano pode, porém, ser *influenciado* demoniacamente! Isto é uma grande diferença, pois para ser influenciado é necessário uma concordância íntima do respectivo ser humano, seja provocada por sua actuação, portanto um processo com efeito de fora para dentro, ou seja por sua própria vontade, isto é, qualquer pendor que adquiriu e que se lhe tornou uma característica. Neste caso, ele se abre primeiro intimamente para essa nefasta influência, e depois actua para fora já influenciado.

Sem vontade própria, portanto, não pode ocorrer influência demoníaca. Por *esse* motivo torna-se também *muito difícil* uma cura ou um auxílio. Esse estado é também muito mais perigoso

para o respectivo ser humano e para o seu ambiente, já que ele actua de forma calculista, maliciosa e completamente consciente.

Uma pessoa possuída, porém, é de facto temporária ou continuamente “possuída” por um espírito humano decaído do Além. Isto significa que o seu próprio espírito dentro dele durante o tempo da possessão é empurrado para o lado e paralisado, enquanto que o intruso toma posse do corpo e das respectivas funções cerebrais, ainda que parcialmente. Do cérebro diurno, porém, de modo total. Esse desalojar pode acontecer, porque o malévolo também é espírito, e não um ente, contudo, sempre e unicamente onde foi dado uma oportunidade para isso pelo *próprio* espírito. Isso pode acontecer de muitas maneiras. Seja por demasiada moleza, portanto preguiça do próprio espírito, seja por brincadeiras com os do Além, como puxar mesas, etc., assim como também por inúmeros outros acontecimentos, como susto, medo e temor, que paralisam por breves momentos a força do próprio espírito.

Contudo, também aqui existem novamente tantas variações no acontecimento, que não se pode responder isso de forma esquemática ou apenas superficial. Eu teria de escrever uma dissertação especial sobre esse particular, e apresento hoje apenas os traços básicos que podem dar uma imagem certa ao interlocutor.

A possessão pode ser curada fácil e rapidamente. Naturalmente, não por espíritas nem por sacerdotes, tampouco com exorcismos ou coisas similares, ou por pessoas com conhecimentos parciais, – isso tudo nada significa na Criação, – mas sim pela força de uma pessoa convocada para tal fim, força que é muito maior do que a de todos os espíritos malévolos que aí entram em questão e que muitas vezes dispõem de energias gigantescas. Da mesma forma que esses espíritos malévolos recebem forças adicionais das trevas, assim também um espírito puro, com fé pura, recebe das regiões luminosas forças adicionais à sua própria, mediante a mais humilde oração antes do acto. —

Portanto, a possessão pode ser rapidamente curada, a influência é muito mais difícil. Com certeza pode-se afirmar que muitíssimos seres humanos nos manicómios são apenas possessos, e não doentes. É óbvio que com o tempo pereçam fisicamente, pois o corpo não pode suportar continuamente essa pressão espiritual aumentada. —

10.14 Cristo e a reencarnação

Pergunta: Como é possível que Cristo nunca tenha dito algo a respeito da reencarnação? Também nunca falou do Santo Graal.

Resposta: Cristo falou apenas de tudo aquilo que os seres humanos de *sua época* tinham de saber, para poder ascender espiritualmente, nada mais. Hoje, porém, os seres humanos necessitam de esclarecimentos mais minuciosos, visto terem demonstrado ser incapazes de assimilar o sentido profundo que existe na simplicidade das parábolas e das imagens que Cristo lhes deu. Também, a ceia, no fim de sua vida terrena, foi um *acto solene do Graal*. Essas explicações, porém, são de uma espécie mais abrangente do que é necessário agora. O que os seres humanos necessitam, *hoje*, para a ascensão, eles receberam. Quem deseja saber mais, não reconheceu o que foi dito até agora; para esse o adicional também não poderia ajudar.

10.15 Comunicações da editora

10.15.1 Publicações, ou então, reuniões de livros

Às diversas consultas de leitores, por que a editora não actua com maior publicidade para a divulgação mais ampla da Mensagem do Graal, pois certamente recebe muitas cartas entusiasmadas sobre o assunto, igualmente através de divulgação de reuniões de livros. Para simplificar, será respondido aqui.

As cartas *dos* leitores que compreendem a Mensagem do Graal de Abdruschin, sempre são dirigidas a Abdruschin pessoalmente e, *dessa forma*, escritas de todo coração, de modo que seria uma profanação dos sentimentos mais nobres, ao utilizar mesmo apenas uma frase para fins de divulgação. Esse júbilo de espíritos despertando e libertados, em sua pureza intocada, não tem lugar na actividade do raciocínio de um escritório para utilização comercial. —

Discussões sobre dissertações de Abdruschin são, em princípio, rejeitadas pela editora, pois as dissertações têm a particularidade de que *apenas* dão e dizem alguma coisa *àqueles* que são capazes de *realmente* abrir-se, não *àqueles* que apenas crêem poder abrir-se. As palavras exigem o ser humano *todo* ou o rejeitam.

As palavras não se deixam “levar por simpatia”. Seria um insulto ao conteúdo sério. Isso poderá ser entendido por cada um

que *compreendeu* o conteúdo. Os outros não o conseguem nem com a melhor boa vontade. As palavras de Abdruschin *fazem exigências ao “espírito”* do leitor e do ouvinte, cujo raciocínio não é suficiente para o vivenciar, tão grande que seja. *E assim é desejado!* Nisso já se encontra a força de uma separação inexorável.

No entanto, quantos seriam os críticos que estariam capazes ou dispostos a ouvir e a ler com o *espírito*?

Imaginem o livro em mãos, cujo dono passa superficialmente sobre o conteúdo e, por isso, também não consegue aprofundar-se nele! Ou aquele de alguma maneira dogmaticamente limitado, que talvez tenta, com *seu actual saber*, estender uma sonda até o núcleo vivo das dissertações. O que será que disso resultaria!

Os que perguntam sabem do valor nelas contidas, porém, sabem também que ele quer ser *procurado*, para o bem de muitos também *deve* ser procurado! Isso, no entanto, nem todos podem.

Além disso, nem a editora nem seus leitores sérios pretendem participar numa corrida de favoritos. Nós não necessitamos disso.

Por essa razão, evitamos o caminho sugerido. Escritos sérios, apesar da discrição praticada, saberão aproximar-se e, também, ligar-se em seu devido tempo.

11.1 Resumo de perguntas análogas

A grande quantidade de perguntas recebidas obriga-me de, nas respostas de perguntas em seu sentido análogas, de pessoas diferentes, resumi-las em *uma única* pergunta, de modo que o teor aqui *reproduzido* não pode permanecer sempre o texto original das perguntas individuais. Com isso evito repetições desnecessárias.

11.2 Atracção da igual espécie

Pergunta: Abdruschin fala sobre a lei universal da força de atracção da igual espécie. Como é possível, então, que os extremos se toquem, enquanto que os pólos iguais se repelem? Em toda parte e também nos seres humanos se pode observar isso. Boas mulheres, na maioria dos casos, não têm esposos especiais, enquanto que homens bons frequentemente têm esposas visivelmente más e assim por diante. Poderiam ainda ser mencionados muitos exemplos desse tipo.

Resposta: Quando falo da lei universal da força de atracção da igual espécie, não se trata de pequenas partes de espécie, como aquelas mencionadas na pergunta. Se V. S.^a deseja falar de igual espécie na lei universal, então deve primeiramente ter compreensão exacta do que é, enfim, uma *espécie*! Electricidade positiva, por exemplo, como também uma mulher má ou um homem mau, estão longe ainda de representar uma espécie por si, tal como ela se impõe na lei universal. As partes positivas e negativas procuram se juntar, porque somente com muitas outras partes elas conseguem formar uma espécie, a qual, então, exerce a força de atracção sobre a igual espécie *completa*. Além disso, esse acto de juntar-se das diferentes partes de espécie é um efeito directo dessa lei da força de atracção da igual espécie, que obriga as partes pertencentes a uma espécie completa a se encontrarem e terem de se juntar. De qualquer forma, mais tarde

ainda voltarei a falar sobre essas coisas, quanto mais nos aproximarmos dos acontecimentos terrenais visíveis.

11.3 Espíritas

Pergunta: As palavras de Abdruschin sobre os espíritas são de uma tal severidade, que apenas se pode presumir que escondem duas alternativas: uma ignorância parcial do problema ou, ao contrário, um saber tão pronunciado, que ainda está acima de todos os do Além que se manifestam em círculos espíritas. Apenas uma dessas alternativas pode ser a base de sua acentuada severidade, que se destaca sobremaneira das outras dissertações. Por que Abdruschin é adversário tão severo do tão difundido espiritismo?

Resposta: Não sou adversário do espiritismo. Já acentuei particularmente esse facto. *O conceito e a mentalidade dos espíritas*, entretanto, devem ser condenados, com poucas excepções. Poderiam ser comparados com um rebanho de ovelhas sem pastor; na realidade, porém, encontram-se em situação muito pior, o que muito em breve se comprovará. O espiritismo em si tem plena justificação e uma alta missão. As manifestações do assim chamado Além, na maioria dos casos, são bem-intencionadas e, em sua perspectiva não muito abrangente, estão inteiramente de acordo com a restrita capacidade de compreensão das pessoas ávidas por isso. Caso fosse mais sadia e livre a capacidade de compreensão dos círculos mencionados, então as manifestações poderiam chegar, reciprocamente, também de espíritos do Além que já alcançaram

um *degrau mais elevado*. Somente os adeptos, isto é, os espíritas, é que introduzem também aqui o errado e condenável, à medida que cada círculo imagina receber o mais sublime, a pura verdade, verdade essa que ainda é completamente estranha aos próprios espíritos manifestantes ou pelo menos bastante turva. Respondo francamente à pergunta formulada acima, que não é ignorância que me faz falar desse modo, mas sim um *saber superior a todos* os círculos espíritas e seus manifestantes! Afirmo, tranquilamente e sem temor, que lá, onde aparentemente se manifesta o sublime, naturalmente sempre segundo a opinião desses círculos, existe um engano ilimitado, provocado, formado e nutrido pelos adeptos desses mesmos círculos. Os seres humanos nem sabem a que confusões de ideias eles sempre estão sujeitos. E é *isso* que os faz *parecer* firmes perante si mesmos. Não nego a boa fé, em si, e o alto nível de todas as manifestações que recebem, mas com toda a severidade e firmeza nego o verdadeiro saber de ambas as partes: dos adeptos e também daqueles que se manifestam!

A correspondência recebida de várias nações e países me proporciona sempre de novo, apesar de todas as boas intenções e da sinceridade que contém, a triste prova de que a situação infelizmente ainda é pior do que quero dizer. Resta apenas afastarmo-nos com grande pesar de todos esses transviados, que, intimamente, por sua própria restrição, se sentem tão tranquilos e elevados. Justamente nesse sentimento de elevação reside o

terrível perigo de naufrágio, que agora já não mais ameaça, mas sim já é completamente inevitável. Não se trata de presunção daqueles assim atingidos, os quais chegam a milhões; não se trata também de arrogância, mas com compaixão no coração em relação aos demais, eles seguem o caminho de sua própria condenação. —

Também aqui somente posso dizer que se deve esperar apenas um curto tempo, espera que a ninguém mais poderá cansar, e muitos reconhecerão finalmente, com grande susto, que devido à sua própria atitude o caminho à sua frente ainda é tão longo, que a sua força não mais é suficiente para poder alcançar a meta ansiada ainda antes da derradeira hora, porque se ocuparam demasiadamente com futilidades, que consideravam obstinadamente como grandes e sagradas.

11.4 Pêndulo

Pergunta: Pratico o pêndulo. Não de maneira comum, porém, como séria pesquisa. Sei que posso confiar incondicionalmente nos meus resultados. Assim, pratiquei a arte do pêndulo investigando também sobre Cristo, Moisés e Buddha, com resultados surpreendentes. No caso de Krishnamurti não havia muito a dizer. Por fim, não deixei de fazer o mesmo com relação a Abdruschin e sei, portanto, quem ele é. Conheço ainda muitos outros dotados de outras qualidades, que, além de mim, também o sabem e não se deixam influenciar nesse particular. Respondendo à pergunta no último Caderno, se Abdruschin é um vidente, ele rejeita tais perguntas como sendo curiosas e dá uma resposta que, em sentido geral, está correta e corresponde à verdade, porém devia ser muito mais clara. Por isso, em minha carta dirigida a Abdruschin, faço a pergunta: Por que Abdruschin rejeita tais perguntas humanamente justificáveis e por que não se manifesta abertamente sobre aquilo que já é do conhecimento de muitos?

Resposta: Porque não tenho necessidade disso! Os verdadeiros convocados sempre o saberão, também sem a minha interferência, na hora em que o necessitarem. Aqueles, porém, que se julgam convocados e não o são, não necessitam sabê-lo. Além disso, trata-se aqui, por enquanto, *da Palavra* em si; não de mim pessoalmente. Uma mistura da Palavra com a pessoa

desvia incondicionalmente uma parte da atenção da Palavra para a pessoa. Isso, porém, não prejudica a Palavra, tampouco o seu portador; certamente, contudo, sempre a pessoa que deseja assimilar a Palavra de maneira completa e não-influenciada. Somente por esse motivo deixarei também futuramente tais perguntas sem resposta, até iniciar uma outra época, cujo aguardo não exige mais muita paciência. Quem deseja ouvir, esse também ouve assim, e os demais, também com uma maior assistência, não poderiam ser mais auxiliados. Desse modo, esses ficam pelo menos salvaguardados de, eventualmente, carregar-se com novo carma, por irreflectido escárnio, que um dia teria de causar-lhes amargo arrependimento. —

Advirto, porém, *cada* leitor e *cada* ouvinte *pela última vez*, com a mais profunda seriedade, também com relação à prática do pêndulo e aconselho desde já a se *afastarem completamente de qualquer* experimentação com qualquer meio auxiliar dos ocultistas, espíritas, antroposofistas, etc. Seja o que for, mesmo a coisa mais inofensiva e também as chamadas meditações, *tudo isso doravante se tornará prejudicial para aquele que se ocupa com isso!* Serão agarrados pelas trevas e arrastados para baixo, imperceptivelmente, já que o que é luminoso não pode mais se aproximar deles. Cada um é pessoalmente culpado por sua decadência espiritual, pois doravante é retirado o que é da Luz e deixada acção livre às trevas. Estas não hesitarão em se apoderar daqueles, mesmo que através de tais ocupações eles lhes

estendam somente as pontas dos dedos. Elas agem com palavras bonitas e hipócritas, que não deixam pressentir a queda espiritual. Quem não quis ouvir, agora terá de sentir, pois o começo do fim já se iniciou, facto esse que cada observador apenas razoavelmente imparcial tem de reconhecer. —

11.5 Lorber

Pergunta: Que diz Abdruschin sobre Lorber?

Resposta: Nunca li suas obras, porém sei que deveria ser um preparador do caminho para o portador da Verdade. Se ele pessoalmente se colocou inteiramente a serviço daquela missão, os seus adeptos, entretanto, empenham-se em destruir essa missão, em parte alegremente cumprida. Ele queria levar os seres humanos que procuram ao *encontro* do portador da Verdade, não, porém, ser o próprio portador da Verdade. Muitos de seus adeptos, entretanto, tapam os olhos e os ouvidos com relação a tudo o mais e consideram o que ele trouxe como o mais sublime, de modo que eles até subestimarão as mensagens do portador da Verdade. Assim, solapam a missão de Lorber e também o seu querer.

Tal acontecimento, porém, não é novo, mas sim é observado hoje em toda a parte, quer se trate do movimento Bahai, da antroposofia ou de todos os demais movimentos maiores ou menores, de modo que, para muitos deles, teria sido melhor que não tivessem vindo precursores. Felizmente, muitos acontecimentos vindouros serão bastante fortes para arrastar também tais aberrações perigosas e assim pôr a descoberto a Verdade.

Mesmo que os precursores falassem de forma a mais clara, os adeptos deslumbrados buscam sempre uma interpretação errada,

deixam de perceber obstinadamente os mais claros avisos. São incuráveis em sua incapacidade de assimilar simplesmente e sem alterações uma coisa como ela é. Sempre procuram dar interpretações e esclarecimentos, nos quais possam mostrar também o seu próprio brilho! Talvez um ou outro ainda possa ser auxiliado, através de um reconhecimento que chegue em tempo certo na aflição. —

11.6 Pedra de toque do ocultismo

Pergunta: Abdruschin em princípio não rejeita o espiritismo e os fenómenos ocultos, mas sim somente o modo actual de sua prática. Existirá, então, uma maneira pela qual se possa reconhecer, qual dos inúmeros círculos, segue um caminho certo e qual também alcançou uma certa elevação?

Resposta: Essa maneira naturalmente existe, mas para o ser humano somente até um bem determinado grau. Hoje tudo ainda está demasiado confuso, e a falsidade aninhou-se em quase todos os círculos. Por isso também não dou conselho nesse particular. Contudo, a partir dos primeiros dias do Juízo unicamente *a Palavra* do Filho do Homem e ele mesmo serão determinantes. Os círculos que *reconhecem* a Palavra encontram-se no caminho certo, no Aquém e no Além, a esse respeito não existe diferença, vale para todos. E os clarividentes que reconhecem o Filho do Homem possuem faculdades *puras*. Ser-lhes-á permitido ver, nele e ao seu redor, coisas que nenhum outro poderá apresentar, porque uma simulação justamente desses sublimes sinais é absolutamente impossível! E por isso não podem, em última análise, errar no seu reconhecimento. Para aqueles, porém, que não são puros de coração, a capacidade de clarividência também é inútil e perniciosa.

Muitos se consideram puros de coração, porém não o são, pelo contrário, vivem intimamente despreocupados, numa falsa

humildade. Também entre esses é ocasionada então, simultaneamente, uma separação. Os seres humanos que procuram, porém, podem ficar bem tranquilos, pois no último momento, no momento de maior perigo e aflição, é absolutamente impossível a imposição de um falso Filho do Homem, porque esse não disporia da força necessária para auxiliar verdadeiramente. Poderia trazer apenas inteligência humana, mas não a divina sabedoria, atributo do verdadeiro Filho do Homem. —

11.7 Sobre o duelo

Pergunta: Qual a opinião de Abdruschin sobre o duelo?

Resposta: Uma pergunta esquisita. Quem se esforçou para compreender o mínimo que fosse das leis divinas, únicas válidas, deverá saber que todo duelo não somente é pueril, – porque foram proporcionadas suficientes oportunidades para observar que em muitos casos justamente os seres humanos de maior valor morreram ou ficaram com uma seqüela no seu corpo, – mas sim que é incondicionalmente um crime. Esse facto não fica encoberto, mesmo pelos pretextos mais brilhantes. Até parece ridícula a formalidade externamente considerada digna, a qual, de facto, deveria ser empregada em coisas melhores. Todos os participantes carregam-se aí espiritualmente, em grau maior ou menor, com uma enorme culpa, que não lhes será fácil redimir. Além disso, ainda terão de carregar e redimir as consequências de todos os prejuízos e dores anímicas causadas àqueles que ficaram.

É sinal de um surpreendente vazio íntimo e nulidade, onde tais excrescências de conceitos sociais podem amadurecer, as quais não conseguem trazer uma solução satisfatória para nenhum dos lados, e cada ser humano de íntimo sério deveria dar-se conta imediatamente dessa visível insensatez, que se assemelha a uma palhaçada pueril. No entanto, para demonstrar virilidade e coragem é necessário *algo mais* do que um apoio

exterior de poucas horas. Para isso a *vida terrena* oferece oportunidades bem diferentes, em relação às quais, porém, justamente esse heroísmo fictício muitas vezes se amedronta e não raramente foge covardemente. Trata-se dos *deveres* para com o *próximo*, sem considerar ainda os férreos deveres perante o seu Criador. No entanto, todos eles já receberam a sua paga por essas contravenções gritantes e também no futuro a receberão sem restrições. —

Conceitos especiais da sociedade nunca poderão sacudir as leis universais. Quem se transforma em joguete de tais conceitos e costumes, enterrou também em si o verdadeiro núcleo e nessa situação não pode ser auxiliado. Quando finalmente acordar, então será tarde demais para ele. Um conceito de honra ofendida, do ponto de vista do duelo, focado de modo certo, nada mais é do que uma parcela de autoglorificação, que deseja fazer da criatura o Criador, em vez de tentar tornar-se servo do Senhor. Isso representa uma caricatura, como tudo o que é insalubre e antinatural. A queda será logicamente mais profunda.

11.8 Krishnamurti

Pergunta: Krishnamurti é apresentado com grande esforço como Mestre do Universo. É ele o Filho do Homem? Ou este ainda está por nascer? Por que Abdruschin silencia persistentemente justamente sobre *este* assunto, que agora está sendo promovido em todos os países com recursos abundantes, em longos artigos em jornais, em palestras e até nos cinemas. Para onde quer que se olhe isso se impõe de alguma forma. Não quer Abdruschin dar, a todas aquelas pessoas que assimilaram a sua palavra com convicção, também a este respeito uma indicação do caminho certo? O seu silêncio deve ser considerado consentimento? O que ele diz sobre os esforços tão perceptíveis dos teófosos a favor de Krishnamurti?

Resposta: Nada! O futuro próximo trará a resposta, pois haverá *apenas um* Mestre do Universo, este, no entanto, *não é* Krishnamurti! Igualmente, o Filho do Homem também não deverá nascer ainda, mas encontra-se já há tempo entre os homens, como alguns dos anunciadores religiosos já intuíram acertadamente.

A época dura, na qual ele sobrarão como único, entre todos os falsos profetas e líderes, que pode realmente ajudar nos sofrimentos espirituais e terrenos, *está muito mais próxima*, do que mesmo aquelas pessoas que hoje são denominadas fantasistas pessimistas, possam imaginar. Portanto, ele não pode

ainda ser uma criança, nem ter que nascer ainda. Isso seria tarde demais para uma ajuda a tempo.

Ele apenas aguarda calmamente o tempo do cumprimento de sua missão, porque hoje as pessoas iriam escarnecer dele e em muitos círculos seria não menos odiado do que antigamente o Filho de Deus.

Para que, por parte dele, um dar-se a reconhecer prematuro, quando a própria *vontade de Deus* aplainará os caminhos de tal maneira para ele, que até entre as pessoas obstinadas implorar-se-á por sua ajuda? Ele não tem necessidade de participar de uma corrida, cujo alvo *é unicamente o seu!* Ninguém, além dele, o alcançará. Quem, dos que procuram realmente de modo sério, pode imaginar que esse Filho do Homem entraria agora numa fila com os muitos, ou mesmo só ao lado de um daqueles, que se deixam chamar de líder! Isso não lhes provoca risos? Ele não faz questão da aprovação dos seres humanos, também não brigará com igrejas, pois não necessita disso; porque desta vez a vontade de Deus impelirá a humanidade *como que com chicotadas* aos seus braços!

O seu calmo aguardar é o mais horrível que pode acontecer à humanidade!

Esta, no entanto, não o merece mais de outra maneira. A ela sucederá o que ela mesma preparou para si. Por isso, aguarde o

senhor também pacientemente, até que o tempo tenha se cumprido.

Quanto mais a aflição vindoura prosseguir, tanto mais frequente se tornará o clamor pelo Filho do Homem, o *único* auxiliador na aflição. Cada vez mais forte desperta o impulso ao seu encontro; até finalmente no maior desespero, a *Alemanha moribunda* o reconhece, buscando seu auxílio. Se isso não acontecer, restará somente a queda, e *outros* convocados surgirão então no lugar dos que falharam, de modo que a condução para a ascensão da humanidade ainda pode ser delegada a uma outra nação, que escolherá o líder para isso, pois *somente nele se adere o êxito*, não, porém, nos seres humanos, porque a tarefa deles, sua convocação, reside *unicamente no reconhecimento desse líder!* E, para isso, as faculdades do espírito alemão são as mais apropriadas.

Ainda rápido demais, conforme a intuição humana, vivenciarão toda a amargura, a rude seriedade desse desmoronamento do delírio humano. – Portanto, silenciaremos por enquanto sobre isso. Ainda não chegou a época para falar.

11.9 Sábio, através de compaixão

Pergunta: Abdruschin diz que a lenda do Graal é uma profecia. Isso compreendo bem. Sua Mensagem do Graal, porém, descreve o Filho do Homem, Parsival, como sendo severo até o inflexível, enquanto no poema do Graal é dito com referência ao “tolo puro”: “tornou-se sábio através de *compaixão!*”

Resposta: Unicamente na justa severidade se encontra o amor beneficiador! Além disso, V. S.^a compreende erradamente as palavras: tornou-se sábio através de compaixão. Não é necessário ressaltar especialmente que Parsival é um *lutador*. A seguir reflecta V. S.^a mesmo tranquila e objectivamente: será possível que uma pessoa por compaixão a terceiros possa tornar-se ela *mesma* realmente sábia? Sábia mediante essa misericordiosa compaixão como V. S.^a e também muitos outros seres humanos imaginam? Reflecta com profundidade e finalmente chegará à conclusão de que um *verdadeiro saber não* pode surgir mediante compaixão. Consequentemente, a interpretação está errada. Agora analise V. S.^a a questão pelo outro lado, então chegará à conclusão de como deve ser interpretada e compreendida, de como era a ideia inicial. O significado é: “tornou-se sábio por *sofrer conjuntamente!*” Isso é mais correcto. Compaixão significa, no fundo, sofrer conjuntamente! Não somente sentir a dor do próximo, mas sim experimentar realmente o *sofrimento junto* com o próximo.

Sentir tudo pessoalmente *no próprio vivenciar!* Isso é coisa bem diferente. Apesar das divergências em relação à inspiração original, devido à participação do cérebro humano do poeta na retransmissão, ainda está dito claramente na lenda ou profecia que o Parsival prometido teria de, lutando, *vivenciar pessoalmente* todos os erros terrenos, para sofrer com isso como muitos outros. Somente assim torna-se por fim realmente *sabedor* a respeito do que está errado e onde deve intervir, auxiliando e modificando, no começo de sua verdadeira missão! Que ele, do ponto de vista espiritual, como *tolo puro*, passe por tudo dolorosamente, na incompreensão inicial dos conceitos terrenos, porque dirige predominante e involuntariamente seu pensar e com isso também seu actuar segundo as normas corretas *do Além*, as quais se tornaram incompreensíveis a esta humanidade no decorrer dos milénios de agir errado, e assim tem de entrar inevitavelmente em conflito com os conceitos desta humanidade, não é difícil entender, uma vez que ele veio de um mundo completamente diferente, que vive de acordo com as leis primordiais *divinas*, as quais, em muita coisa, são fundamentalmente diferentes daquelas leis que os seres humanos transviados espiritualmente inventaram para si aqui na Terra. Que ele, então, se torne severo e, por fim, na hora de sua missão endireite e modifique tudo o que é terreno inexoravelmente, de acordo com as leis divinas, é igualmente natural. *Para isso* ele, que se origina das alturas longínquas,

onde os conceitos errados de sofrimentos terrenos auto-criados têm de ficar incompreensíveis, precisou participar dos sofrimentos *pessoalmente* entre estes seres humanos, para poder obter a compreensão certa disso. Sem vivência própria não pode surgir *aquela* saber capaz de remediar verdadeiramente, com firmeza e segurança, completamente cômico e infalível. Aí de nada adiantarão à inteligência humana qualquer distorção e qualquer mudança. Ela foi reconhecida por Ele em todos os seus defeitos, as partes doentes serão cortadas e eliminadas, para aliviar a vida terrena da humanidade que se esforça, e até mesmo torná-la semelhante à do Paraíso. Para essa missão torna-se necessário de antemão o mais alto saber, estreitamente ligado com a vivência terrena, no meio destas excrescências do raciocínio humano. E por isso o sacrifício de uma participação prévia do sofrimento é inevitável, se é que se deseja chegar ao verdadeiro saber! Isso proporciona a inferência necessária para a severidade até a inflexibilidade, já que a própria vivência sempre se erguerá à sua frente como exemplo. Trata-se de um acontecimento natural, cuja grandeza, como sempre, somente será reconhecida pela humanidade muito mais tarde e com isso também a segurança na direcção espiritual, que sempre utiliza todos os caminhos a partir da naturalidade. Em acontecimentos de tal envergadura, os acontecimentos terrenos secundários, acompanhados de alegrias ou sofrimentos, mal entram em consideração. Por essa razão, isso sempre será natural para o

executante. Ele não solicita compreensão ou compaixão humana, apenas regista, observando agudamente, na intuição, toda e qualquer vivência, sabendo que tudo isso há de servir para sua formação.

E tudo será executado finalmente de maneira magnífica! Os próprios sofrimentos, as hostilidades recebidas da humanidade sob tantas formas afiam a espada e mesmo temperam o aço do martelo que, na reciprocidade, despedaçará essa humanidade em sua errada arrogância! Cheio de admiração, após os acontecimentos, o espírito humano, em visão retrospectiva com relação à sabedoria de seu Criador, curvar-se-á humildemente e, *servindo* espontaneamente, colocar-se-á na engrenagem de Sua Criação. —

11.10 A “Sagrada Cruz”

11.10.1 Reencarnação e confissão

Pergunta: Se as estigmatizações devem ser consideradas parcialmente como efeitos do carma, então deveriam produzir-se, pois, somente entre o povo judeu, que outrora crucificou Cristo.

Resposta: Muitos leitores estranharão que respondo publicamente uma pergunta tão ingénuas. Considero isso, porém, necessário, visto que infelizmente um conceito tão medíocre é bastante comum.

As reencarnações não se processam tomando em consideração qualquer associação religiosa, mas sim exclusivamente pela maturidade do espírito, como também de acordo com as qualidades a ele inerentes, que ele portanto adquiriu ou conserva. O grau de maturidade, como também a espécie das qualidades, desencadeiam os efeitos da força de atracção da igual espécie nos acontecimentos mundiais, portanto, também nas reencarnações, não, porém, qualquer conceito ou confissão religiosa.

Por isso, entre os judeus de hoje encontram-se encarnados muitos cristãos de outrora, assim como também entre os cristãos de hoje, muitos judeus de então. As barreiras religiosas são puramente terrenas, tal como a nacionalidade. Um acontecimento como a reencarnação não se detém diante dessas

barreiras, erguidas pela opinião humana, já que essas barreiras ou fronteiras não são vivas em si, nada representando nos acontecimentos mundiais. Trata-se, na realidade, apenas de pequenas coisas, secundárias, que somente são consideradas grandes e importantes pelo pequeno ser humano terreno, por causa de... influência terrena! Nada mais.

Muitas vezes um cristão, na sua próxima vida terrena, torna-se um judeu, para voltar mais tarde como cristão e vice-versa; naturalmente também pode ocorrer a mesma coisa com adeptos de outras religiões. Também o sexo é coisa secundária. Pode mudar ou ficar o mesmo, de acordo com o desenvolvimento da espécie das qualidades ou dos “pendores”.

Além de toda a grandeza que repousa nisso, essa circunstância prova que um determinado conceito religioso nada tem a ver com o verdadeiro valor ou desvalor de um espírito humano. Igualmente, prova que um ódio religioso ou nacional é algo terrenamente mesquinho, inferior, até mesmo ridículo, porque absurdo, que também as noções religiosas nunca se tornam verdadeiramente vivas dentro do ser humano terreno, pois do contrário sua influência teria de ser mais forte, alcançar mais fundo, permanecendo mais eficaz! Não podem ser consideradas como exemplo as poucas exceções representadas pelos que realmente são *vivos* em seus conceitos, permanecendo, por isso, também mais eficazmente sujeitos a eles, de tal maneira que têm influência também nas reencarnações.

Por isso, certamente será facilmente compreensível a cada leitor, quando digo que a “Palavra viva de Deus” nunca poderá surgir de uma determinada religião estabelecida, jamais trazendo em si uma religião nem o desejando! As palavras de Cristo referentes a uma “igreja” não foram assimiladas no amplo sentido puramente espiritual, mas sim, infelizmente, muito materializadas, com isso restringidas e o sentido mutilado. —

11.10.2 O Mestre do Universo

A esse respeito posso responder também ainda uma outra pergunta: O prometido e por muitos agora aguardado “Mestre do Universo”? O esclarecimento sobre isso se depreende simultaneamente do já dito, está estreitamente relacionado a isso. Não é, porventura, chamado de Mestre do Universo porque deve instruir o Universo, talvez fundar uma religião, que venha unificar o Universo, em sentido mais restrito, a Terra, ou ainda melhor, a humanidade da Terra, ou que domina a Terra, mas é chamado Mestre do Universo porque *esclarece* o “Universo”, traz ensinamentos a respeito do Universo. Aquilo que o ser humano realmente precisa saber! Ele ensina a *reconhecer* o “*Universo*” em sua actuação automática, para que o ser humano terreno possa se orientar de acordo e, dessa forma, se lhe torne possível a ascensão de forma consciente, no reconhecimento das verdadeiras leis do Universo!

Trata-se, portanto, de uma doutrina do Universo, de ensinamentos a respeito do Universo, da Criação.

Atrás desse *legítimo* Mestre do Universo se encontra, como outrora se deu com Cristo, radiante, e visível aos *videntes puros*, a grande *Cruz do Salvador*! Pode-se dizer também “*Ele porta a Cruz*”! Todavia, isto nada tem a ver com sofrimento e martírio.

Esse será um dos sinais que, “reluzindo de forma viva”, nenhum charlatão ou mago, mesmo o mais habilidoso, consegue

imitar, e mediante o qual pode ser reconhecida a absoluta legitimidade de sua missão!

Esse fenómeno extra-terreno não é acaso desconexo, apenas arbitrário, portanto, não antinatural. Compreende-se imediatamente a ligação, logo que se conhecer o real sentido da verdadeira “Cruz do Salvador”. A Cruz do Salvador não tem a mesma significação da cruz do sofrimento de Cristo, por meio da qual a humanidade também não podia ser salva, conforme já descrevi pormenorizadamente na dissertação “Morte na cruz” e tantas vezes repeti. Trata-se de algo bem diferente, por sua vez aparentemente simples, e, no entanto, de algo gigantesco!

A Cruz, pois, já era conhecida antes do tempo terreno de Cristo. É o sinal da Verdade divina! Não somente o sinal, mas também a forma viva para esta. E como Cristo foi o portador da Verdade divina, da autêntica, e emanou da Verdade, estava em ligação directa com ela, trazia em si uma parte dela, ela aderiu também vivamente nele e a ele! Ela é *visível* na Cruz viva, portanto luminosa e por si naturalmente *radiante*! Pode-se dizer que ela é a própria Cruz. Lá onde se encontra essa Cruz radiante, encontra-se, por conseguinte, também a Verdade, porque essa Cruz não pode ser separada da Verdade, por ser uma só coisa, *porque essa Cruz mostra a forma visível da Verdade*.

A Cruz que emana raios, ou a Cruz radiante é, portanto, a Verdade em sua forma intrínseca. E como somente por

intermédio da Verdade o ser humano pode ascender e não doutra forma, logo o espírito humano também só encontra a verdadeira *salvação* no reconhecimento ou conhecimento da Verdade divina!

E como, por sua vez, somente na Verdade se encontra a salvação, se conclui daí que a Cruz, isto é, a Verdade, é a Cruz salvadora, ou a *Cruz do Salvador!*

É a Cruz do Salvador! *O Salvador, porém, é a Verdade* para a humanidade! Somente o conhecimento da Verdade e a decorrente utilização do que reside na Verdade, ou do caminho apontado pela Verdade, pode conduzir o espírito humano para fora de sua actual alienação mental e desencaminhamento, para cima, rumo à Luz, libertá-lo, salvá-lo da situação actual. E como o enviado Filho de Deus e o Filho do Homem que agora está por vir, são os *únicos* portadores da Verdade *límpida*, trazem-na em si, ambos também têm de trazer a Cruz, em si e aderido a si, de modo natural e inseparável, portanto, ser portadores da Cruz radiante, portadores da Verdade, portadores da salvação, que reside na Verdade para os seres humanos. Eles trazem a salvação na Verdade para quantos a acolherem, isto é, para os que seguirem o caminho apontado. – Que vale, comparado a isso, todo o palavreado astuto dos seres humanos? Desvanecer-se-á na hora da aflição.

Por isso o Filho de Deus disse aos seres humanos que tomassem a *Cruz* e o seguissem, isto significa, portanto, que *assimilassem a Verdade e vivessem de acordo com ela!* Que se adaptassem às leis da Criação, aprendessem a compreendê-las direito e as utilizassem em seus efeitos automáticos somente para o bem.

Mas o que a restrita mente humana fez novamente desse facto simples e natural! Uma doutrina de sofrimento não desejada por Deus e pelo Filho de Deus, seu enviado! E com isso foi enveredado um caminho *falso*, que não é consentâneo com o caminho apontado, e sim se afasta para bem longe da vontade de Deus, a qual só deseja conduzir para a alegria e não para o sofrimento.

É naturalmente um símbolo terrível para a humanidade, que o Filho de Deus outrora tenha sido pregado por ela justamente na forma terrenamente reproduzida da configuração da Verdade e martirizado até a morte, portanto, sucumbiu terrenamente no símbolo da Verdade, que ele trouxe! A cruz do sofrimento das igrejas, porém, *não* é a Cruz do Salvador!

Diz-se do Filho de Deus que é “aquele que se encontra na força e na Verdade”. A força é a Vontade de Deus, o Espírito Santo. Sua forma visível é a Pomba. A forma visível da Verdade é a Cruz por si irradiante. Ambas eram visíveis vivas no Filho de

Deus, porque ele se encontrava nelas. Tratava-se nele, portanto, de um fenómeno natural e evidente.

O mesmo se verá também no Filho do Homem! A Pomba por cima dele, a Cruz do Salvador atrás dele; pois ele está, por sua vez, inseparavelmente ligado a isso, como o portador da Verdade, “que se encontra na força e na Verdade”! *São os sinais infalíveis de sua legítima missão, para o cumprimento das profecias.* Os sinais, que nunca podem ser imitados, que são indestrutíveis, advertindo e, não obstante a terrível severidade, também prometendo! Diante deles, unicamente, todas as trevas têm de desaparecer!

Elevai o olhar! Assim que os inexoráveis presságios de sua vinda tiverem se anunciado, que lhe desembaraçam o caminho dos empecilhos que a presunção humana ali amontoou, *cairá a venda dos olhos de muitos*, que são agraciados em reconhecê-lo *dessa maneira!* E em altas vozes *terão* que dar testemunho, impelidos pela força da Luz.

Ninguém dos inúmeros falsos profetas e guias de hoje poderá subsistir diante *dele*; pois em ambos os altos signos, que ninguém pode portar, a não ser o Filho de Deus e o Filho do Homem, o próprio Deus fala a favor de Seus servos, e toda a astúcia humana terá de se calar em face disso. —

Prestai atenção à hora, estará mais próxima do que *todos* pensam.

11.10.3 Seitas e sua actuação

Perguntas sobre várias seitas como, por exemplo, “A liga dos lutadores pela fé e verdade”, como também “A loja branca” e outras, *não* são respondidas, já que não há mais tempo para coisas secundárias, que permanecerão absolutamente insignificantes para o verdadeiro bem ou mal da humanidade e para os esperados grandes acontecimentos. Pode-se dedicar atenção somente para assuntos *mais importantes*, os quais, face à gravidade dos tempos vindouros, permanecerão cooperando como valores decisivos, no que a maioria das tendências de hoje *não* pode ser incluída, já que sequer consegue sobreviver ao começo, pois impiedosamente efetuar-se-á a destruição de tudo o que não for legítimo. Não é mais necessário discorrer sobre isso. Todos os indagadores encontrarão nos acontecimentos mundiais uma resposta que não esperam, a qual, porém, falará mais claramente que as palavras!

* * * * *

Se algumas tendências aceitaram as novas ideias de minha Mensagem do Graal e já há anos procuram utilizá-las à sua maneira, como sendo “próprias”, desejo somente chamar a atenção sobre o facto de que os primeiros cadernos de minhas dissertações foram publicados já no ano de 1923, *portanto, há cinco anos*, e justamente na cidade, da qual V. S.^a escreve,

existiam muitos leitores. Isso lhe esclarecerá muita coisa. Muitas pessoas gostam de enfeitar-se com penas alheias. Deixemos a tais pessoas esse prazer, visto que, no final, não persistirá. O livro “Na Luz da Verdade” é, pois, uma colectânea de dissertações já publicadas anteriormente.

12.1 Buddha

Pergunta: Buddha é um enviado de Deus?

Resposta: Não. Não foi um enviado, nem mesmo um espírito criado, mas sim apenas um espírito desenvolvido. Ele conseguiu, porém, virar as costas à humanidade que trilhava o caminho errado, não se tornando, tal como os outros, escravo do raciocínio. Livrou-se dessa condição e pôde, por isso, no verdadeiro desenvolvimento de seu espírito, trilhar o caminho normal desejado para a humanidade. O raciocínio terreno, em suas fortes limitações, presas à matéria grosseira, não pôde restringi-lo por mais tempo. Devido a isso pôde, no seu desenvolvimento, chegar até a soleira do reino espiritual.

Foi apenas uma sequência inteiramente natural que os outros seres humanos, em sua estreiteza, vissem nele então algo de diferente, de mais elevado. O saber surgido em Buddha, devido ao seu desenvolvimento progressivo e normal, *teve* de evidenciar uma diferença enorme entre ele e seus contemporâneos. —

Buddha, portanto, seguiu o caminho *normal* do ser humano terreno. Colocar a sua doutrina, a reprodução de seu saber, num plano superior ao da Mensagem do verdadeiro enviado de Deus, Jesus de Nazaré, ou mesmo apenas ao lado desta, representa simplesmente um sinal de absoluta ignorância, uma expressão

clara da triste restrição da capacidade de compreensão em geral reinante, da qual padece toda a humanidade e da qual justamente Buddha, outrora, livrou-se violentamente, escolhendo o caminho normal do desenvolvimento espiritual, que a Criação lhe mostrava claramente. Seu exemplo, porém, como de costume, não está sendo interpretado por seus adeptos *naquele* sentido como ele o fez e como o desejava.

Também não vale a pena falar mais sobre isso. É bastante triste o facto de que também aquelas criaturas que tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente a Mensagem do Filho de Deus, se tornassem, apesar disso, adeptas do budismo, documentando claramente a incapacidade de compreensão de tais espíritos humanos e demonstrando que não compreendem a Mensagem de Deus! E por isso também não estão capacitados para assimilar as minhas explicações e indicações.

É naturalmente condição prévia que a sublime sabedoria da Mensagem de Deus, em sua simplicidade, quer ser “encontrada”, como aliás o próprio enviado das alturas máximas manifestou claramente com as palavras: “*procurai*, e achareis!” Daí se deduz nitidamente que aquele que não é capaz de procurar seriamente, *não* encontrará.

É claramente visível, porém, que para os adeptos europeus de Buddha, não foi possível buscar seriamente nas palavras do enviado de Deus, já que sua Mensagem vem de uma altura, onde

somente mediante uma disposição toda especial, realmente humilde, é que pode ser recebida. É compreensível também que esses adeptos passem zombeteiramente por algo que não entendem. Como prova da constituição restrita de *seus* espíritos é por sua vez significativo que somente podem buscar e encontrar algo naquilo que foi anunciado por um espírito desenvolvido que se encontra num plano muito inferior ao de um enviado de Deus!

São capazes de encontrar valores apenas em planos mais baixos, visto que estes se encontram mais próximos de sua estreiteza. Para algo mais elevado falta-lhes a capacidade de compreensão. Por isso, de nada adianta querer discutir com eles ou querer dar-lhes esclarecimentos, pois nunca poderiam compreender.

Na doutrina de Buddha o movimento se dá de baixo para cima e tem o seu limite definido e mais restrito. Nele, onde ele por fim não conseguiu seguir adiante, ele coloca o Nirvana! Uma confissão aberta de sua incapacidade espiritual para prosseguir. Na Mensagem de um enviado de Deus, contudo, o movimento se dá de cima para baixo, *sem limites!* Em consequência, para o espírito humano isso é estranho. Deve esforçar-se mais para poder compreender. A doutrina de Buddha, por esse motivo, não é uma mensagem, mas sim trata-se apenas de reconhecimentos! Assim também aconteceu com teósofos e com Maomé. Ambos, como preparadores do caminho para a

Luz, trilharam o caminho certo. Suas palavras, porém, foram erradamente interpretadas por seus adeptos e retransmitidas dessa forma.

Isso indica, de forma natural, o degrau espiritual dos respectivos adeptos, sua limitada capacidade de compreensão, devido à restrição. A isso deve-se acrescentar ainda um certo fanatismo, que representa, igualmente, o sinal infalível de um restrito saber parcial, e justamente esse fanatismo restringe, por sua vez, ainda mais o horizonte da capacidade de assimilação espiritual, escurecendo também muitas vezes tudo o mais e produzindo resultados grotescos.

Quem observa tudo isso tranquilamente, indo até o fundo das coisas, tem de chegar por si só a essas conclusões. Como ponto de partida sempre encontrará, então, ou uma estreiteza espiritual e a incapacidade de compreensão ligada a ela, digamos a incapacidade de legítima procura, ou, em contraposição, a liberdade espiritual, que possui uma capacidade receptiva e ascensional progressiva, não restrita pelo mal da humanidade, o domínio do raciocínio.

A partir dessas duas pedras fundamentais poderá então verificar e reconhecer com facilidade a construção errada e a certa. O principal, naturalmente, consiste no facto de saber colocar a sonda de *maneira certa*, de modo absolutamente objectivo, impessoal e sem preconceitos.

12.2 Invocação de santos

Pergunta: Qual a posição de Abdruschin com relação à invocação de santos? Julga ele isso errado?

Resposta: Invocação não é adoração! Por isso, a invocação de auxiliares e guias espirituais pode ser considerada, em si, um bonito costume, sempre que seja feita no sentido *certo*. Existem muitas pessoas, hoje em dia, que estão cientes de possuir uma condução espiritual. Esses guias espirituais, pelo menos aqueles que se encontram mais perto dos seres humanos terrenos, os mais directos, não podem, porém, nem de longe, ser chamados de “santos”.

Bem que é oportuno que o espírito humano agradeça aos seus guias profundamente, pois eles experimentam frequentemente, com seus protegidos, bastante trabalho e sofrimento, muito mais do que alegria. Para essa actividade espinhosa dos guias, sempre é oportuna uma palavra de agradecimento. Também um pedido de auxílio, aqui e acolá, não é impróprio, sempre que não se transforme em adoração, que somente é devida a Deus.

A *suprema* vontade da condução encontra-se, para cada ser humano, no reino espiritual. De lá para baixo segue-se uma corrente inteira de auxiliares executivos. O último desses auxiliares, porém, sempre é constituído de tal maneira, que se encontra somente pouco mais acima que o seu protegido, do contrário não lhe seria possível entrar em contacto com este.

Geralmente trata-se de um espírito humano que ainda tem contacto com a Terra, pois se estivesse demasiado elevado, não poderia mais ser “intuído” pelo ser humano terreno. Também um tal guia pode intuir ainda mais, juntamente com seu protegido, todas as reacções deste, pode também compreendê-lo melhor nisso. E quando seu protegido estiver orando, tratando-se de assuntos sérios, unir-se-á com ele nessa oração, e sua intercessão em prol de uma dor terrena tem mais força que a intercessão de um espírito mais elevado, que não mais pode intuir tão intensamente a dor terrena, visto ter perdido toda a compreensão para tanto.

Somente a *intuição* constitui a força determinante na oração, não as palavras, que se perdem sem força como o som ao vento. As palavras servem simplesmente para nosso auxílio no aprofundamento das intuições da alma, a fim de clarificar a direcção da intuição e apoiá-la. —

A suprema vontade da condução encontra-se, portanto, no reino do puro espiritual e se comunica com a cadeia de todos os auxiliares, até que o mais baixo deles, aquele que se encontra mais perto do ser humano terreno, trata de transmitir, ao seu protegido, essa vontade, com o aproveitamento de todas as boas qualidades e fraquezas que o seu protegido possui, as quais apenas podem ser do conhecimento do guia mais próximo, através da observação e da intuição. Não deve ser esquecido, contudo, que sempre será decisiva a vontade da *pessoa* guiada,

já que permanece responsável por seus actos. A condução é, portanto, somente uma ajuda!

A actuação de toda a cadeia de guias, pois, até o mais elevado guia no espiritual, merece a gratidão humana pela ajuda, se bem que, com o fiel desempenho na condução, todos os guias tiram proveito, pessoalmente, através da reciprocidade. Da mesma maneira, pelos seres humanos terrenos podem e devem ser feitos pedidos aos guias, solicitando o seu leal auxílio. Isso não está errado, mas sim contém muita bênção. —

Quem, porém, pode ser considerado “santo”? “Santo” é unicamente o que está em ligação *directa*, com o divino, nada mais. Por isso diz-se o “Espírito Santo” para diferenciar do espiritual. Ninguém, que já não o seja desde o princípio, pode *tornar-se* santo, visto que a santidade, por sua vez, relaciona-se com a *constituição*, não se tratando de um merecimento! Infelizmente, a palavra “santo” é empregada muitas vezes de maneira completamente errada. Possivelmente não haverá nenhum ser humano que, levando a sério as suas ponderações, seu pensar e intuir, possa estar convicto de que uma canonização pudesse partir de seres humanos terrenos, e que para isso a opinião ou convicção desses mesmos tenha alguma importância!

Não quero criticar aqui os costumes existentes em muitos círculos, quando praticados realmente de boa fé; contudo, aqueles que praticam tais costumes devem, de vez em quando,

ponderar algo a respeito, a fim de que saibam *o que* propriamente fazem. Pois aquele que não sabe exactamente o que faz, nunca pode auferir verdadeiro lucro de sua actuação, já que então permanece somente uma forma vazia, uma rotina, à qual falta verdadeira vida. E uma oração sem vida jamais pode elevar-se até aquele lugar que traz a realização.

Cada ser humano, porém, que reflecte verdadeiramente, e que não se esquiva por indolência ou covardia, deverá, finalmente, ter chegado por si só, a muitos esclarecimentos. Pessoas irreflectidas e superficiais, mesmo com a mais minuciosa explicação, não chegariam a uma real compreensão. Quem leu *acertadamente* a minha Mensagem do Graal traz, em si, já esclarecida, a resposta sobre a pergunta, sem que eu chame a atenção para isso de forma especial. —

Uma ajuda, porém, ainda desejo dar, chamando a atenção sobre as reencarnações. Isso, aliás, é algo prematuro. Somente poucos haverá que já se encontram aptos de maneira a não sentir estranheza a respeito do quadro que desenrolo a seguir. Sobre isso, aliás, não poderia zangar-me, porque o salto necessário, dos conceitos de até agora para esse facto, é bastante grande. A força íntima, cuja possibilidade de expansão depende da maturidade anímica correspondente, mal pode, apesar de todo o esforço, chegar tão longe, quanto seria necessário para tal reconhecimento. Por esse motivo, desejo levantar apenas uma

ponta do verdadeiro acontecimento, mesmo correndo o risco de lhe parecer grotesco.

Seria, porém, uma grande bênção para toda a humanidade, e muito facilitaria a compreensão, se *justamente daquilo* pudesse obter uma visão clara. No primeiro momento parece bastante prosaico, como acontece sempre com a Verdade, porém ao mesmo tempo actua de modo refrescante. Todos os conceitos, e com isso também a vida terrena de muitos seres humanos, se transformariam imediata e completamente em uma ascensão saudável. Não poderia ficar sem impressionar, quando um ser humano de repente pudesse olhar em torno, *de maneira certa*, e visse que todos aqueles, dos quais pela história do passado ficou sabendo muita coisa grande, bela e também feia, em sua maioria se encontram novamente com ele na Terra, em carne e sangue como ele, somente agora numa configuração diferente. Sim, que ele mesmo talvez seja um daqueles que de alguma maneira venerou ou... teve de desprezar.

Tudo isso, porém, tem o seu tempo. Factos sobre os quais o ser humano, hoje, passa sorridente, em muito pouco tempo considerá-los-á como certos e até naturais. Por isso digo expressamente: antecipo-me hoje ainda um pouco demais, com esses breves apontamentos.

Se, por exemplo, digo agora, como é totalmente certo, que Schiller, em sua obra “Wallenstein”, descreve suas próprias

vivências, que ele já viveu anteriormente nesta Terra, sendo o próprio Wallenstein, e ainda anteriormente com diferentes configurações, e que igualmente agora se encontra novamente na Terra, desta vez como mulher, é óbvio que isso condiciona uma actividade anímica bastante longa para a familiarização com tais factos!

E se digo ainda mais, por exemplo, que o famoso pintor Rafael e também Ticiano se encontram hoje entre os vivos, não tendo eles a menor ideia dos acontecimentos anteriores, nem de suas capacitações de outrora, então essa circunstância deve repercutir de maneira estranha para muitos. Imagine-se só que um Rafael, na sua vida presente, se encontre diante de um quadro, admirando-o, quadro que ele mesmo criou numa vida anterior. Considerando-se a restrição da lembrança, isso até parece cómico, humorístico.

E, no entanto, não é um conto de fadas nem uma fantasia. Se digo também que Therese Neumann, outrora, foi um dos ladrões na cruz, que blasfemou contra Cristo, devendo, *por isso*, na reciprocidade, ainda hoje trazer os estigmas, até que surja nela o reconhecimento para redimir sua culpa, não todos, porém muitíssimos, sim, a maioria dos seres humanos duvidará, considerando tudo isso como fantasia. E, contudo, não demorará muito para que se *tenha* de reconhecer a verdade nisso!

Suponhamos que também os discípulos de Cristo, que naquele tempo, de acordo com os Seus próprios esclarecimentos, não assimilaram acertadamente o seu mestre ou sua Mensagem, encarnaram depois daquele tempo várias vezes, sob forma diferente, e também hoje, em sua maioria, se encontram novamente entre os seres humanos na Terra, até onde deverá chegar um ser humano pensador em sua consideração? Especialmente se pouco a pouco essa pessoa reconhece as causas e os efeitos dessas reencarnações. Com isso se desfazem em nada muitas imagens de até agora e abre-se a perspectiva do alegre despertar duma nova e grande época do espírito humano em ascensão, que rompe tantas algemas velhas e inúteis, encontrando-se firme com o olhar livre na Criação de seu Deus, servindo-O finalmente de maneira consciente e assim também em primeiro lugar... a si mesmo! —

12.3 A Mensagem do Graal em relação a outras doutrinas

Pergunta: Será que Abdruschin não desejaria dar explicações de como devem ser comparadas as diversas denominações de outras doutrinas, tais como dos hindus, ocultistas, espíritas, etc., com as suas denominações de matéria fina e outras? Certamente seria mais fácil, para muitos, entender a definição certa.

Resposta: Isso *não* acontecerá. A Mensagem do Graal existe por si só, *viva!* Quem quiser assimilá-la, deve primeiramente deixar atrás de si, sem excepção, *todos* os conceitos de até então. Apenas dessa maneira aprenderá a compreender acertadamente. E *então* conseguirá ele mesmo abranger tudo tão claramente, que poderá, partindo da Mensagem do Graal, examinar também todos os conceitos de até então, vendo assim o que era verdadeiro e o que era adicionado astutamente pelo raciocínio humano. Portanto, antes de tudo, deve haver nascido de novo em seu íntimo, para que possa, sem ser oprimido por velhos conceitos, assimilar a nova Mensagem. Fica aberto apenas esse caminho. Tudo do antigo, que era falso, separar-se-á; somente ficará o que é legítimo. Qualquer tentativa de comparação tem de fracassar perante a vivacidade da palavra desta Mensagem do Graal, que é mais forte do que tudo o que existe actualmente, turvado pelo raciocínio humano. Ela, porém, é inteiramente una

com *aquela* palavra que o Filho de Deus, Jesus de Nazaré, trouxe.

12.4 Onde se situam as trevas?

Pergunta: Onde devemos imaginar as trevas? Em que direcção, conforme conceitos terrenos, situa-se o inferno?

Resposta: A pergunta não é tão ingénua quanto possa parecer no primeiro momento, e como, sem dúvida, também foi imaginada pelo interrogador. *Considerado* terrenalmente, portanto, de acordo com a posição da Terra dentro do Universo, o ponto principal das trevas situa-se em direcção ao oeste. Em direcção ao leste segue-se até o ponto mais elevado de todo o Universo, em direcção à criação espiritual primordial, portanto, em direcção ao reino luminoso, e ao ponto mais elevado nele: o burgo do Graal. No elevado leste, portanto, encontra-se o ponto de saída da Criação, o ponto máximo de todo o espiritual. Por conseguinte, também a lei da gravidade actua, no Universo, *visto da posição actual da Terra*, dentro do grande movimento de leste para oeste. O oeste é, portanto o lugar mais baixo, para onde deve afundar tudo o que é pesado, denso, e com isso, também as trevas. Voltarei a falar mais detalhadamente sobre essas leis, após o grande acontecimento mundial antes necessário, a fim de que finalmente possa ser explorado, isto é, aproveitado correctamente. Além disso, gostaria de mencionar que, hoje, a Terra toda já se encontra na região das trevas, portanto, influenciada pelas trevas, devido à condescendência,

ou melhor, por causa dos espíritos humanos, como já esclareci muitas vezes de forma mais detalhada. (Dissertação: “**Era uma Vez....!**”)

12.5 A Mensagem do Graal e os judeus

Pergunta: A Mensagem do Graal vale também para os judeus?

Resposta: A Mensagem é destinada, como antigamente a Mensagem de Cristo, a *todos os espíritos humanos*, que para ela se abrem! Neste sentido não existem barreiras. Quem se abriu de forma certa, tem o mesmo valor que todos os demais. Uma diferença faz somente a respectiva intensidade desse abrir-se.

Antigamente, a Mensagem de Cristo apenas era dirigida *em primeira linha* aos judeus, não por acaso exclusivamente, porque estes, de acordo com o desenvolvimento espiritual daquela época, traziam dentro de si a maior possibilidade da capacidade de compreensão. Por isso, reciprocamente, o Filho de Deus não poderia ter encarnado em nenhum outro lugar.

(Dissertação: “Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem!”) Apesar disso, a Mensagem era destinada a toda a humanidade. Os judeus deveriam ter levado a Mensagem de Deus adiante aos outros povos que estavam amadurecendo.

Com isso não se pretendia, em absoluto, educar um judaísmo incondicional. Não, por acaso, que uma pessoa ao se abrir à Verdade precisasse outrora se tornar judeu para poder ingressar no reino luminoso do espírito, no Reino de Deus; pois somente aquele, que *serve à Verdade*, estará em condições de poder entrar no Reino da Luz! Nisso, a religião em si, não desempenha

nenhum papel! O mesmo acontece também hoje, com todos aqueles que agora querem abrir-se à Verdade.

A nova Mensagem de Deus, trazida pelo Filho do Homem, que se tornou necessária devido às muitas distorções da Mensagem de Deus pela subtileza dos seres humanos, dirige-se desta vez, com base na reciprocidade irremovível, *em primeira linha ao espírito alemão*, que para a assimilação é o mais maduro. Espírito alemão, não necessariamente pensado no sentido de nação alemã. (Dissertação: “Convocado”.) A Mensagem de Deus é destinada novamente a toda a humanidade no Aquém e no Além e deve ser levada pelo espírito alemão aos outros povos, assim como outrora pelos judeus a Mensagem do Filho de Deus.

Apesar disso, justamente por isso e agora também para os judeus, pode chegar a redenção e a libertação do jugo, ao qual eles se impuseram outrora com o seu falhar. No entanto, se desta vez eles falharem novamente, então é o fim para sempre. Nunca mais lhes será dada oportunidade para isso.

No entanto, em breve acontecerá algo extraordinário também entre os judeus, assim como no meio de toda a humanidade!

Em escritos transmitidos por círculos judaicos mais recentes, já por diversas vezes é apontado para isso. Ali é citado, entre outras coisas:

Abraão anuncia:

Escuta, Israel!

Sim, é verdade!

É verdade que o Salvador veio
para baixo até à Terra, até nós,
até ti, até mim.

Como Filho de Deus,
sendo uno com Deus.

É verdade que tu, Israel,
foste o povo escolhido.

Tu o *foste*.

Não o és mais.

Pois também é verdade,
e como cruel maldição tu
o carregas contigo,
que tu falhaste.

De ti surgiu

a Luz.

Foi-te permitido carregá-la,
como um castiçal,
igual a sacerdotes.

Eras um povo de sacerdotes
e o deverias ter sido.

Tu querias brilhar mais
do que a Luz que carregavas,
querias saber mais

que o Omnisciente.

Tu não suportavas mais a Luz,
tornastes-te inimigo da Luz,
inimigo do Portador da Verdade,
que veio para te salvar.
Assim, andas a vaguear,
sem pátria, sem sossego, desprezado.

Escuta, Israel!

Mais uma vez Deus envia
em sua infinita bondade
um Mensageiro da Luz
directamente da Luz,
do divinal.
Para te salvar,
e todos que esperam pela salvação
com humildade e procura incansável.
Israel, abra os olhos!
Escuta, povo meu, a Palavra,
que Ele te traz,
examine-a, grave-a no fundo
do teu coração
e ajoelha-te com humildade
perante teu Deus e Senhor,
e agradeça-Lhe com coração alegre.
E aquele que Ele enviou,

peça-Lhe que Ele te abençoe
e tire de ti o jugo,
que carregaste até aqui,
pois ninguém é capaz disso além Dele.
Agradeça ao Senhor, que mais uma vez
te concedeu esta graça.

*

E além disso:
Meu povo, povo de Israel!
Escuta, o que te fala,
aquele que Deus escolheu,
aquele que Ele enviou
aqui para baixo, à Terra
em carne e sangue.
É *ELE*, sim, é verdade:
o Messias!
Não espere mais por Ele,
pois no aguardar te perderás doravante.
Corra ao seu encontro,
corra, sem demora,
corra, não fique parado,
até que o tenhas reconhecido.
E *quando* o tiveres reconhecido,

cuide de tua língua!

Não desate em júbilo estrondoso,
pois para isso o momento é sério demais.
Não o moleste e importune com perguntas,
pois para tanto de modo algum tens o direito,
porque como pecador chegas até Ele.

Como pecador, carregado com pesada culpa,
com a culpa da negligência e do desconhecimento,
afinal, com a mais pesada das culpas.

Aproxima-te Dele, do Enviado de Deus, sagrado Ele é a Deus,
e sagrado seja Ele a ti, Israel!

Aproxima-te Dele com veneração,
na mais profunda veneração,
com humildade aproxima-te Dele,
pois saiba, tu és um nada perante Deus
e um nada és perante Ele!

Peça a Ele para que ore por ti,
que te auxilie, te ensine, te guie, te salve.

De nenhuma outra forma podes te aproximar de teu Deus,
nem de outra forma encontrar a sua piedade
do que no caminho através Dele.

Ele é, quem tu aguardaste,
por milénios, de coração sangrando.

Abra os olhos, Israel, para enxergar,
a boca para glorificar e agradecer,

os ouvidos, para ouvir, o que Ele te anuncia!

Agradeça ao Senhor

na palavra e na acção,

em cada pensamento,

e entre corajosamente nas fileiras

de seus combatentes.

Jura sobre sua bandeira,

jura sobre a Cruz

a partir de agora pela primeira vez,

jura sobre a espada de teu líder.

E muitas outras coisas mais. —

Para uma Mensagem vinda da Verdade e, com isso, também perante Deus, não conta um cristianismo nem um judaísmo como tal!

A verdadeira Mensagem de Deus conhece apenas espíritos humanos, que são mais ou menos desenvolvidos, portanto, mais ou menos capazes de assimilar. E somente *isso* é determinante na reciprocidade, que actua na Criação. E essa reciprocidade é uma parte da própria grande vontade de Deus, de modo que, na verdade, é *esta* que actua através da reciprocidade incondicional na Criação, trazendo aos geradores recompensa ou castigo, conforme o merecimento.

12.6 Filho do Homem como juiz

Pergunta: Está escrito: Quando, porém, vier o Filho do Homem para julgar... Está o Filho do Homem investido como juiz?

Resposta: Unicamente Deus pode julgar! O Filho do Homem traz mais uma vez a Sua “Palavra”. *E nessa Palavra encontra-se, então, o julgamento!* Da maneira como o ser humano receber a Palavra, desta vez, assim ele julgará a si mesmo. Cada um, individualmente, tem mais uma vez, pela graça de Deus, a livre escolha. Aliás, pela *última vez*. Conforme um ser humano se comporte perante a Palavra, recusando-a ou aceitando-a, assim *está* julgado por si mesmo, visto que com isso imediatamente se processa a separação. Esperar representa uma recusa, pois é impossível ficar esperando por mais tempo. Um retorno do caminho escolhido também é impossível. Desta vez vale sim... ou não! E imediatamente! Acabou o vacilar, o criticar e o querer saber melhor.

O que não estiver categoricamente de acordo com a nova “Palavra” cairá! Arrastar consigo algo do já existente é completamente impossível, enquanto ainda estiver aderida uma partícula que seja, criada pela inteligência humana e que não esteja de acordo com a Mensagem. A “Palavra” tem de ser aceita, agora, completamente intacta, inalterada e sem distorções. *Não* existem “acordos” com outros conceitos! Tampouco “debates”, pois a Palavra “é”!

Se o ser humano, com um salto, ousar colocar-se sobre *o novo solo*, sem levar algo do antigo, isto é, acatando confiantemente a nova Palavra como nova base de seu pensar e intuir, sem influência do que é antigo, assim, a partir do seu novo ponto de vista, logo verá *todos os caminhos* se abrirem, caminhos que até agora estavam turvos ou fechados para ele, e então reconhecerá também onde havia caminhado erradamente até agora.

Ele não pode encontrar a Verdade na nova Palavra de outra maneira do que colocando-se primeiro incondicionalmente em seu novo solo! *De fora para dentro não lhe é possível*. Nesse caso, demasiadas confusões o retêm, não consegue nenhuma ligação.

Para esse salto necessário, faz-se necessário, naturalmente, um grande esforço, auto-domínio, coragem. Quem não puder fazer isso, nunca alcançará a compreensão. Por tal motivo resulta, automaticamente, que apenas chegam à meta os *fortes interiormente*! Aqueles que *conseguem* executar esse salto. Todo o antigo tem de ficar para trás, pois o que estava *certo* em todo o antigo de qualquer forma está contido na nova “Palavra”, já que esta emana directamente da Verdade.

O necessário salto faz com que os indolentes, indiferentes e fracos de espírito já fiquem de antemão excluídos! Nunca alcançarão o ansiado e necessário “solo novo”, prometido a

todos os que procuram e o qual, *unicamente*, pode oferecer a salvação, constituindo uma base firme que nunca vacila nem desmorona.

A “Palavra viva” nunca poderá ser examinada por um dogma ou por uma seita! O contrário, porém, sim. *A Palavra viva será agora a pedra de toque infalível e rigorosa para tudo o que existe!* E *nisso* reside o Juízo inexorável, que finalmente separa os caminhos de todos.

Multidões de espíritos humanos, que hoje se julgam fiéis e que numa falsa humildade desejam aproximar-se, arrogantes, do trono de Deus, serão pulverizadas antes de poderem chegar aos degraus do trono! Julgam-se justas e não dão importância à Palavra, até sorriem dela em sua superficialidade e estreiteza, sem pressentirem que com isso enfrentam o poder judicial do espírito!

Por isso, abri vós agora os ouvidos de vosso espírito! Ouvireis muitas coisas valiosas para vós e não mais esperareis sossegadamente por coisas que já estão prestes a passar por vós!
– Despertai, antes que seja demasiado tarde!

12.7 Que é Verdade?

Pergunta: Que é Verdade?

Resposta: Verdade é o eterno imutável! Aquilo que nunca modifica sua forma, senão que é o que eternamente foi e que sempre ficará como é agora. Aquilo que, por isso, nunca pode estar sujeito a um progresso, porque desde o início foi perfeito. A Verdade é “*real*”, ela “*existe*”! Somente o que existe é verdadeira vida. Todo o Universo se “*apoia*” nessa Verdade! —

Por isso, apenas aquilo que provém da Verdade é, também, realmente *vivo*; tudo o mais está sujeito à transformação pela morte. Por esse motivo, somente permanecerá aquilo que provém da Verdade; tudo o mais perecerá. Permanecerá, por fim, unicamente a Palavra do Senhor, que provém da Luz e da Verdade e que somente pode ser trazida por enviados de Deus, os quais se encontram na Luz e na Verdade, portanto, são realmente vivos dentro de si! Nenhum espírito humano, nenhum espírito do Além está em condições de fazer isso. Nem tem possibilidades para isso. Por esse motivo, o que foi idealizado pelo raciocínio humano ou o que pelo espírito humano foi reconhecido nunca poderá trazer verdadeira vida dentro de si. Permanecem teorias e reconhecimentos, aos quais falta a força da Verdade Viva.

Despertar para a vida pela Palavra quer dizer: despertar para o reconhecimento da Verdade! Assim como se pode despertar

uma pessoa que está dormindo, chamando-a para as actividades do dia, assim também o espiritualmente morto será despertado para o reconhecimento da Verdade, pela Palavra viva. Da mesma maneira, pois, como a pessoa que foi despertada do sono para as actividades do dia nunca poderá tornar-se o próprio dia, assim também a pessoa despertada da morte espiritual para a Verdade Viva não poderá, com isso, tornar-se ao mesmo tempo a própria vida! A essa pessoa apenas são abertos os olhos para o reconhecimento dessa vida. Ela mesma nunca poderá tornar-se a vida ou a Verdade, senão apenas trilhar seus caminhos! *Tornar-se-á uma pessoa despertada.*

Também aqui é de se empregar a expressão de Cristo: “Deixai os mortos enterrarem seus mortos!” Isto quer dizer: deixai os muitos seres humanos, que desejam ser guias e mestres, continuarem a instruir os demais seres humanos que a todo o custo desejam ouvi-los, fechando-se assim, sistematicamente, para a Palavra viva. Deixai esses guias mortos, com suas palavras mortas, enterrarem calmamente para sempre os ouvintes mortos, excluindo-os com isso da possibilidade de um despertar. *Vós*, porém, que procurais seriamente, *não* deis ouvidos a eles!

Com isso, não se faz referência unicamente às inúmeras seitas e congregações, senão também aos dogmas errados de todas as grandes religiões. Não existe, presentemente, nenhuma congregação que siga o *verdadeiro* caminho. Entusiasmo e zelo

não bastam para suprimir os falsos indicadores muitas vezes colocados no caminho certo, pelo sofisma humano. Quem confia neles nunca chegará à meta, mesmo com a melhor disposição íntima.

O que está contido no acima mencionado será encontrado por qualquer pessoa que *realmente se esforça* para isso. Exige, porém, uma profunda reflexão, uma pesquisa abnegada. Não se destina aos pretensos sabedores nem para as coisas superficiais!

12.8 Como era antes da Criação?

Pergunta: A Criação teve um começo. Como era então antes desse início? Era Deus então sem irradiação? Sem actividade?

Resposta: Acha V. S.^a que sua pergunta o ajudará de alguma maneira em sua própria ascensão espiritual? Não! Além disso, refere-se a algo que está *fora* da Criação, onde a capacidade de compreensão do espírito humano não alcança, devido à sua constituição. Como criatura, foi-lhe dado um limite. Sempre terá de permanecer *dentro da Criação* e esforçar-se para compreendê-la com acerto! Aí tem, aliás, bastante o que fazer. E se, finalmente, conseguir chegar até o reino espiritual, terá perdido, com essa ascensão, a pretensão de querer saber coisas cuja compreensão vai além de sua capacidade. Somente então, em respeitosa devoção, intuirá a proximidade de Deus, onnipotente e todo-poderoso!

Portanto, fique tranquilo com relação a isso. Quanto mais perfeito V. S.^a se tornar espiritualmente, tanto mais compreensivo se tornará a seu próprio respeito. Com isso, pouco a pouco desaparece a presunção causada pela restrição que, hoje em dia, domina predominantemente o espírito humano. Tornar-se-á paulatinamente cada vez mais humilde perante a magnitude de Deus, cujo reconhecimento lhe chega de modo progressivo.

O espírito humano pode se considerar feliz por esquecer, dessa forma, a sua grotesca mentalidade actual, pois do

contrário teria de envergonhar-se disso eternamente. Sentir-se-ia ridículo numa visão retrospectiva, com relação à sua actual presunção. Dessa presunção francamente pueril, proveniente da ignorância, origina-se também o empenho dos chamados “sabidos” em apresentar a todo o custo o Filho de Deus, Jesus de Nazaré, como sendo um espírito humano que, a partir da própria humanidade, *se desenvolveu para cima*. Sentem-se ainda engrandecidos no reconhecimento de que Jesus devia ter sido um homem especialmente agraciado e destacado, que se elevou até o nível de profeta.

Na realidade essas pessoas sabidas são tão ingênuas, a ponto de não chegarem ao pensamento natural de que também um enviado do divinal, ao descer para a Terra, tem de aguardar o amadurecimento do corpo que lhe é estranho, sendo igualmente obrigado a aprender a se utilizar desse utensílio terreno, antes de poder iniciar a sua missão. Deverá também saber utilizar o seu cérebro, necessitando para isso de um determinado tempo, como é de nosso conhecimento, especialmente pelo facto de um enviado como esse não poder ser classificado entre os médiuns que, inconscientemente, muitas vezes actuam além da condição de seu próprio espírito. Tampouco deve ser contado entre os chamados inspirados, como muitos grandes artistas. Um enviado de Deus, porém, actua *conscientemente* de si próprio, já que traz a fonte *em si*.

Nisso reside também uma grande diferença na necessidade do desenvolvimento terreno, com isso também a explicação da incompreensão de muitos seres humanos com relação à vida e à actuação do enviado de Deus.

E, mesmo assim, reside nisso nitidamente reconhecível somente a imensa megalomania do espírito humano imperfeito, que imagina possuir qualidades intrínsecas tais, que permitam uma evolução até o mais sublime, isto é, pertencer ao mais sublime de tudo o que existe!

Ele não quer admitir, sob nenhuma circunstância, que exista algo que *não* seguiu o processo de evolução de baixo para cima, *mas sim vem de cima*, de uma altura que o ser humano nunca poderá alcançar, nem jamais compreender. Nisto repousa a tão desprezível e reprovável presunção do espírito humano, que nem deseja tomar em consideração seriamente tais possibilidades, porque não pode compreendê-las.

Tampouco lhe vem à mente que justamente nisso se encontra a prova natural de que se trata de uma altura, para cuja concepção lhe falta capacidade!

Tão pequeno é o ser humano, no espírito!

Também na sua pergunta se encontra uma certa estreiteza, uma vez que pressupõe a Criação representando *tudo*, excepto Deus. Quão longe se encontra com isso da compreensão da verdadeira grandeza de seu Deus!

A Criação, à qual pertence o espírito humano, é, apesar de sua imensa extensão como Criação, apenas uma das obras da viva vontade de Deus. Como obra, também tem seus limites. No infinito, impossível de ser compreendido pelo espírito humano, ela parece somente como uma partícula de pó; não mais do que uma estrela nesta Criação!

Paralelamente a *esta* Criação, à qual pertenceis vós, espíritos humanos, vibram ainda outras Criações, não menos imensas, de espécies completamente diferentes. A história da Criação conhecida dos espíritos humanos, mas em parte ainda não compreendida correctamente, refere-se *unicamente* à génese *desta* Criação, isoladamente, da qual os seres humanos podem pressentir somente a mínima parte ao contemplar as inúmeras estrelas. A história não se refere, de modo algum, aos efeitos da grande vontade de Deus no todo!

E esta Criação conhecida de vós representa um todo por si, porém, em sua própria constituição, contribui, por sua vez, somente com uma pequena parte para a *grande* harmonia da Criação, representando nela apenas um elo isolado, com uma missão definida, da qual, no entanto, se faz sentir, de modo perturbador na harmonia global, uma enfermidade, como o actual falhar do espírito humano. Por isso a ordem tem de ser restabelecida agora, mesmo que seja pelo preço da amputação de um membro tão enfermo, se não puder ser de outra forma.

Procure V. S.^a concentrar-se nesse pensamento, e apenas conseguirá segurar a cabeça, tomado por uma vertigem.

É melhor que o ser humano, finalmente, aprenda agora primeiro a se ocupar consigo mesmo e com tudo aquilo que *esta* Criação contém, na qual ele se encontra, à qual ele pertence, a qual, unicamente, pode e deve servir para o seu desenvolvimento. Então, pouco a pouco, se tornará perfeito como *espírito humano*, com o que também acabará o desejo de querer ser algo diferente daquilo que, na melhor das hipóteses, pode tornar-se... um espírito humano útil!

Como tal, torna-se desnecessário para ele qualquer pergunta semelhante, porque finalmente reconhece a si mesmo! E com isso vem a humildade que tanto lhe falta hoje. —

12.9 Diversos temas dignos de menção

Parece estranho, mas lamentavelmente é facto que a maior parte das pessoas nem sequer sabe o que significa quando eu digo que a Palavra deve ser “examinada” criteriosamente por cada um, para que possa, por convicção interior, viver de acordo com ela. *Examinar não é criticar*, porém, é algo que é muito mais difícil para o ser humano: *o vivenciar intuitivo interior!* E nisso se encontra o primeiro entrave. O ser humano não conhece mais um vivenciar intuitivo sem preconceitos, mas aproxima-se de cada coisa com seu próprio pacotinho de sabedoria, para com ele medir tudo o mais. Esse erro é cometido quase por cada um individualmente. Sobretudo pecam nisso associações e principalmente redacções de jornais, na ilusão de que *devam* dizer algo, quando um sócio ou um leitor pergunta, apesar de que muitas vezes não têm tempo para aprofundar-se seriamente numa questão.

Se, então, o pacotinho de sabedoria própria não for suficiente, como apenas é natural com relação à Palavra viva, então se faz gracejos e escárnios, “querendo ser” mais ou menos “espirituoso”, em parte realmente convicto em sua estreiteza, em parte para encobertar assim sua própria incapacidade. Quem, então, for tão comodista e der algum valor a uma sabedoria terrena desse tipo, orientar-se por ela ou deixar-se irritar por ela, torna-se uma vítima dessa comodidade para ele perniciosa,

negligencia o momento em que a salvação o tocou, e se perde. Naqueles, porém, que levianamente divulgam tal desgraça através de seus “lampejos intelectuais”, que de muito bom grado fazem brilhar, querendo instruir, pendurar-se-ão tais vítimas no Além, como peso, de modo que poderão chegar a uma ascensão somente quando *todas* as vítimas ainda tenham encontrado seu caminho para as alturas, não antes! O que isso significa, cada um dos que procuram pode facilmente imaginar.

Nesse entrave da comodidade de dar ouvidos a outros, de buscar primeiramente a opinião de outros, fracassam novamente muitos, da mesma forma que no entrave de uma incapacidade de um exame *correcto*.

O examinar *correcto*, que eu tantas vezes exigi, condiciona de antemão a aplicação de faculdades *próprias*, de força *própria*! E com isso, ao mesmo tempo, também está ligado estreitamente na reciprocidade... o despertar de cada um por si, individualmente. A bênção do esforço, portanto, segue imediatamente. Isso, porém, nunca pode acontecer quando alguém toma para si a opinião de outrem como base.

O examinar, portanto, o sério vivenciar intuitivo, cada pessoa deve fazê-lo por si só, bem silenciosamente em seu interior. Ele deve *escutar o seu íntimo*! Deve ouvir atentamente, verificando se lá se manifestam sons análogos, contrários a uma convicção de até agora!

Um chamado de Deus é dirigido directamente a cada espírito humano individual! Porque cada um também deve arcar por si mesmo com a responsabilidade por tudo o que pensa e faz! Nisso consiste a impossibilidade de que associações possam se formar, lá, onde se tratar de uma Palavra da Verdade, porque nisso cada um tem que procurar por si próprio chegar a uma conclusão! Não pode encostar-se em outros, ou pedir conselhos a eles. Quem mostra tais dependências, já está, de antemão, perdido para uma *vida própria*. Ele não mais precisa esforçar-se, pois nunca alcançará a meta final. Se ele se perde agora, neste instante, ou somente mais tarde, isso não representa nenhum papel importante para ele! Seria errado, deixar ao espiritualmente indolente esperanças desnecessárias, que não se cumprirão.

No mais, refiro-me também aqui ao esclarecimento final. Quem não puder seguir espiritualmente a Mensagem, para este é melhor que continue a trilhar desatentamente o seu caminho, do que querer mostrar aí os seus lampejos de sabedoria; pois não tardará a hora em que então, *tarde demais*, quererá ainda mudar de opinião, no que, porém, sua actual presunção pueril formará uma pedra, que o detém. — —

* * *

A Mensagem do Graal atinge todos os seres humanos no ponto mais fraco: na sua auto-presunção, alimentada por milénios! Por isso tanta sensibilidade, muitas vezes um sorriso escarnecedor, ainda mais tolerância na aparente superioridade, da qual fala nítido demais o aborrecimento mais profundo, e o que, por fim, apenas comprova exactamente tudo o que a Mensagem do Graal fala sobre a humanidade. Em todo o virar, torcer, inverter, escarnecer, bradar, em todo ódio e pretensa esperteza mostram, ao observador que pensa, como num claríssimo espelho, tudo aquilo como factos existentes, o que não querem reconhecer e combatem! A luta, porém, é totalmente em vão! É lamentável a força gasta para isso, pois esta Verdade se mantém inexoravelmente firme e vence. O resistir e contorcer-se de nada vale desta vez aos seres humanos.

Eles apenas paralisam aí a si próprios e, na conseqüente extenuação, perecem dentro de si ou devem dignar-se a entrar no caminho certo. Já agora, isso se encontra encravado em muitas almas, para sua salvação, mesmo se inicialmente se faz sentir apenas em inquietação, até que algum dia inesperadamente a chama luminosa do sagrado reconhecimento irrompe através das escórias que hoje ainda residem sobre ela, cumprindo, apesar do antagonismo, sua finalidade, ao desenvolverem ainda, pela forte resistência, toda a força da fagulha que arde neles para a maior intensidade. Portanto, também o mal agora deve tornar-se útil ao bem. —

* * *

Todos aqueles que não puderem mais intuir dentro de si o chamado de Deus, serão mandados embora da porta do reino espiritual, quando, mais tarde, quiserem entrar. Devem retornar para a escuridão e o horror! Podem, então, buscar em vão, conselho e ajuda daqueles em cujos discursos confiaram cegamente, somente para não ter de esforçar-se espiritualmente por si mesmos, bem como por medo de qualquer tipo de responsabilidade. Eles não podem mais ser ajudados, pois lhes falta, para isso, “vida” espiritual. Pertencem aos mortos que não acordam mais.

Como poderiam entrar no Reino de Deus, pois se fecharam para ouvir o chamado, preferindo agarrar-se na comodidade de dogmas religiosos, que não fazem o esforço do movimento espiritual *próprio* e do *despertar* exigido por Deus! Tal auto-superação não é para qualquer um, pois ela exige *toda* a força que o ser humano é capaz de empenhar, antes de tudo também um reconhecimento mais humilde de si próprio! —

12.10 Redactores de Jornais

Pergunta: Quando será que os diversos redactores de jornais finalmente pararão de aborrecer os leitores com seu infundado escárnio e gracinhas a respeito das alusões sobre a seriedade do tempo vindouro e das catástrofes iminentes?

Resposta: Como alguém pode irritar-se com observações tão insignificantes das redacções? Estas se acostumaram tanto a contestar assuntos que não podem compreender, que provavelmente ainda conseguem fazer uma observação escarnekedora, quando as paredes de seu quarto já se encontram desabando sobre elas, apenas para, no final, não terem de admitir, quanta desgraça com isso provocaram para muitas pessoas, que provavelmente teriam sintonizado o seu interior de modo diferente, tendo também se prevenido em muitas coisas. Apenas receio, que em breve tenham oportunidade para isso e que talvez recebam de seus leitores, em sua primeira ira e no desespero, *aquela* recompensa indesejada que é adequada a tal comportamento prejudicial. No mais, não deveria agora ser dada mais atenção a pessoas que comprovam uma tal estreiteza tão desesperadora. Pois está por romper um novo tempo, no qual palradores fúteis não mais poderão salientar-se. —

12.11 Esclarecimento final

É-me absolutamente indiferente o que os seres humanos dizem hoje sobre a minha Mensagem e sobre as minhas respostas a perguntas. Indiferente, se é do seu agrado ou não. As mais cálidas aprovações afectam-me tão pouco, quanto cartas aconselhadoras bem-intencionadas ou também ataques ferrenhos, sejam estes de espécie decente ou abominável. Eu sei que para muitos espíritos humanos não está mais longe a hora na qual eles, por aflição anímica, romperão violentamente a restrição de sua incapacidade de compreensão. *Unicamente com isso* aprenderão a entender e compreender as minhas palavras, facto a que são obrigados, se não quiserem sucumbir no seu actual enredamento.

Inatingível por amizade ou por ódio, sigo o meu caminho. Por isso, não compreendo esse alvoroço todo de pessoas individuais e círculos inteiros; pois quem não desejar a minha Palavra, precisa apenas deixá-la! Eu não a imponho a ninguém; também não tenho a intenção de fazer um “negócio” com ela. Que cada ser humano veja a que conclusão chega a esse respeito.

Pentecostes 1928.

Abdruschin.

12.12 Transmissão de Contos

Em tempos muito remotos, quando céu e Terra ainda eram um só, quando a mortalidade ainda era desconhecida e o próprio Allah, em toda a sua magnificência, caminhava com os seus nesta Terra, ele tinha então um amigo e servo, do qual nunca se separava e diante do qual a sua alma não conhecia segredos. Chamava-se Omkar e era tão iluminado e elevado, que todas as sete bem-aventuranças encontravam-se abertas diante dele.

Certa noite, assim falava Allah com profunda tristeza ao seu amigo e servo: “Veja, a mim é revelada a transformação e o fim de todas as coisas. Eu vejo a queda do género humano, vejo suas atrocidades e vejo o pecado. Em breve teremos de tirar nossos pés deste globo terrestre e fugir dele. Cada vez mais profundo afundarão os remanescentes, até que nenhum caminho conduza mais deles para cima, até nós!”

Falou Omkar e seu coração estremeceu: “Então não há salvação para esses infelizes?”

Inclinou Allah a sua cabeça eterna e falou: “Sim, quando um dos nossos, na hora mais escura de sua perdição, se misturasse voluntariamente entre eles, e soprasse forte como uma tempestade a última, mísera centelha de luz dentro deles para uma chama sussurrante que, consumindo as trevas, gera o novo tempo, – então — —”.

Omkar jubilou e implorou: “Oh, Senhor, deixa que seja eu, se me consideras merecedor, a levar a luz até eles!”

Sorriu o Todo-Bondoso: “Seja como tu pediste, mas quero dar-te tempo para reflectir e tempo para colher experiência, pois o caminho dessa missão leva através de todas as profundezas e dores.”

— — — O dedo de Allah acertou uma nova hora universal. Distante da Luz girava o globo terrestre em profunda escuridão; apenas como uma vaga saudade vivia em alguns poucos ainda a lembrança do passado luminoso de sua estrela.

Chamou Allah, o Eterno, seu servo e amigo à sua presença.

“Prepara-te”, assim falou seriamente, “para descer, para viver lá o tempo que eu te dei como tempo de reflexão. Pois estranha e hostil à tua alma luminosa é a noite espiritual lá em baixo. Somente então me dize, se tuas forças poderão ser suficientes para a obra solicitada”.

Prostrou Omkar sua face no chão, agradeceu e cumprimentou o Eterno.

Desceu então ao encontro da Terra, e nas mãos de Allah ficou retido o seu saber a respeito da Luz e de seu nascimento na Luz.

Na terra mágica das mil fragrâncias o seu pé pisou esta Terra. Desconhecido hálito soprou ao redor do estranho na Terra, indescritível saudade da Pátria despedaçou de modo

inconcebível a sua alma. A sua tribo elevou-o, o cavaleiro mais audaz e guerreiro mais destemido, para seu xeque. Ele emprestou seu braço forte aos oprimidos e fracos, lutou em inúmeros combates pela justiça e verdade, despreocupado com o poderoso inimigo no Nilo, que com isso criou a si e ao seu povo.

Cada dia via novos combates, novas vitórias, – – às noites, porém, ficava deitado na imensidão de seu deserto, aconchegado ao seu cavalo ou em frente da leve tenda solitária, e acima dele caminhavam silenciosamente as estrelas, que se espelharam nos olhos dirigidos a elas com perguntas desesperadas.

E Allah inclinou-se para baixo e viu o sofrimento e a discrepância na alma de seu amigo e servo, na qual o amor com dureza, a indulgência com severidade se encontravam em eterna inconciliável luta. E ele sentiu tanta piedade que logo chamou o fiel novamente para si.

Outra vez encontrava-se Omkar diante do Eterno, e suas experiências terrenas estavam estendidas à sua frente, tal qual um tapete de orações colorido, para o qual ele olhava meditando.

“Senhor”, assim ele falou tristemente, “bem que renovo a minha ardente súplica de enviar-me para baixo na última hora, porém, conceda-me ainda uma coisa, que o raio de Tua espada afiada e flexível esteja à altura de cada inimigo: tire de mim o

amor e a fraqueza, a misericórdia e a alegre fé no falar e no actuar dos seres humanos!”

Inclinou Allah sua eterna cabeça e mais uma vez acenou aprovação.

“Assim seja”, falou Ele, “que te tornes a espada afiada em minha mão. No entanto, na hora da realização eu devo devolvê-los novamente para ti, para que então estejas novamente uno, mesmo que partido pela fina parede de dois corpos.”

Logo Allah fez cair o seu amigo e servo em profundo sono, no qual devia se efectuar o mistério de tornar-se dois. A noite da inconsciência o envolveu, da qual lhe arrancou um riso que fez assustar a sua alma séria e severa. – Perolava puro, como sinos através dos sete céus de Allah, ecoava despreocupadamente dos sete degraus de Seu trono, vibrava travesso por cima deles até o Universo azul, ao qual, jubilando, se uniu.

Estarrecido parou Omkar, incapaz de compreender que isso pudesse ser um pedaço dele, que pulava em volta dele, envolvendo-o, jubilando e rindo.

Ele fugiu até os degraus do trono e pediu. “Senhor, faça-a descer por um breve espaço de tempo, para que antes eu possa me acostumar a mim mesmo.”

Acenou o Eterno, sorrindo, mais uma vez aprovação, e nenhum riso perolado interrompia mais os pensamentos do iluminado.

Ficou mudo, sufocado. — —

Estranha e solitária no meio de uma das cortes reais mais luxuosas da humanidade, com o olhar vidente para o futuro escuro de seu povo, carregado qual uma maldição – caminhava ela através de seus anos terrenos como que através de uma sepultura. Remindo carma em seu escuro sofrimento, de acordo com as leis eternas, imutáveis de Allah, que Omkar, seu outro eu, teve que tecer em sua existência de guerreiro.

O punhal de seu assassino cortou o último nó de carma que a prendia. Ficaram para trás sofrimento e escuridão com o vestido de seu corpo terreno. Cheio de júbilo lançou-se para cima aos braços de Omkar. Obedecendo à lei de sua unidade, ela jurou nunca separar-se dele. — — Ele olhou para ela, recebendo a felicidade de um sorriso da mão dela. —

— — — Marcou o dedo de Allah uma nova, uma última escura hora terrena! Impenetrável noite pairava ao redor da estrela; ardia a embriaguez de sangue de milhões de assassinados em inúmeras guerras, e os gritos de delírio louco ressoavam até as alturas.

Então chamou Allah seu amigo e servo. Muito sério e preocupado era o seu olhar.

“A hora chegou, o teu desejo será realizado, ide então para baixo em paz!” e virou o seu rosto para esconder uma lágrima.

Novamente o saber da Luz do mundo ficou nas mãos de Allah, que somente podia devolvê-lo ao experimentado e consciente. Myriam, cheia de corajoso orgulho, deixou-o seguir, na certeza de, em breve, poder segui-lo.

No centro do novo tempo, no reino do pôr-do-sol, pisou agora o seu pé; mas inconscientemente foi impelido mais uma vez para o local, onde há milhares de anos terrenos ele lutou e sofreu. Sentia-se irmão dos camaradas selvagens e escuros, cujo burnus branco crepitava ao vento em vertiginosas cavalgadas, olhava os rostos delgados e audazes como se estivesse olhando num espelho.

No entanto, ele escutava e procurava em vão, nenhuma voz se fez ouvir para dar-lhe resposta. Foi impelido para diante, para novos países, a povos distantes, como que sob o chicote de um antiquíssimo sangue de nômades. —

— — — Entretanto havia chegado o tempo em que também Myriam teve que vir para baixo. Chamou-a o Eterno à sua frente, e quando ela veio, olhando para Ele, sorrindo alegremente, fluiu o Seu amor sobre ela e Ele falou assim:

“Myriam, minha filha, segue então também tu para baixo, para junto dele, a quem tu pertences como o corpo à cabeça, a árvore às raízes que a ela conduzem a força. Em tuas mãos coloco do radiante amor universal do Criador, para que cures as feridas que ele, a meu serviço, em cumprimento da Palavra,

deve abrir, quando se cumprir a hora. Abençoadas sejam as tuas mãos com a força curadora, criadora de meu amor universal!”

E Allah abençoou-a, aquela que estava próxima de seu coração e ordenou a Seus anjos que acompanhassem a criança em formação e velassem fielmente junto dela. Assim aconteceu que Myriam caminhou, maravilhosamente conduzida, através do período de sua existência terrena, que ela teve que passar sozinha, sem Omkar e, na encruzilhada, que o dedo de Allah desenhara como lugar de encontro, se encontrou com ele, infantilmente.

Longo e penoso tinha sido o seu caminho, cansado e empoeirado, carregado com pesado fardo de amargas experiências terrenas, ele se encontrava diante dela!

A cegueira terrena ainda embargava os olhos de ambos; somente igual anseio mexia-se advertindo em seu peito. Eles se deram as mãos e começaram corajosamente, sem olhar para trás, a subir o caminho estreito que diante deles seguia rumo ao céu e o qual eles reconheceram como sendo o seu. — — —

Chegou, então, o tempo em que começou a bater a décima segunda hora!

O próprio Eterno retirou a venda dos olhos de Omkar e Myriam, na qual o género humano vinha tecendo diligentemente por milénios, para a qual tinham imaginado cada vez novos e

sonantes nomes, em honra de si próprios e de seu actuar insensato.

A parede cedeu! Era como outrora em tempos muito remotos: eles caminharam na Terra; seus olhos, porém, pousaram firme e sem ofuscar na magnificência eterna de Allah.

O círculo dos acontecimentos movimentou-se, início e fim aspiravam ao encontro da unificação.

Omkar, agora sábio, olhou para trás para o rastro de seu caminho terreno e inclinou-se, calado, diante da omnisciência da condução, que o havia incandescido, martelado e temperado como aço nobre.

“Que eu seja a boa espada em Tua mão”, murmurou ele, olhando para o Alto e o reconhecimento de sua missão bateu nele como um raio electrizante. Em flamejante entusiasmo, aquele que havia tornado ser humano, afirmou milhares de vezes a decisão de tempos remotos. E Allah recebeu esse novo juramento e enviou ao fiel multidões de guerreiros luminosos, para ajudá-lo na luta decisiva a iniciar-se agora.

Pois, visível à distancia, estava ele agora em resplandecente defesa, que não era desta Terra, porque na hora do cumprimento, os dedos de Allah tiraram o manto escuro de seus ombros.

Em eterno ódio das trevas, contra tudo o que é luminoso e puro, começou a ferver aos seus pés e aumentou borbulhando ao seu encontro, para destruí-lo.

Tremendo pela força contida e impaciência, ele se embrenhava onde as trevas se avolumavam mais raivosamente, partindo-as qual um raio, abrindo brecha, na qual conseguiram lançar-se os exércitos luminosos que o seguiram. Ao seu lado Myriam, servindo com amor, curando as feridas que ele teve que abrir, obedecendo à Palavra.

Sem probabilidades parecia de início esta luta, travada, por assim dizer, no próprio solo fértil das trevas, que cuspiam cada vez novas, intermináveis massas de seres humanos, que lutavam em obstinada raiva e cegueira, semelhante a animais selvagens, contra aquilo que não conseguiram compreender e que ameaçava os seus ídolos, que, com esforço, erigiram para si por milénios.

Muitos, porém, nos quais ainda ardia soterrada profundamente uma pequena centelha da Luz de Allah, ficaram atentos! Um anseio de tempos muito remotos despertou e cresceu rapidamente, nutrido pelos ensinamentos do profeta. Eles afluíram a ele, chegaram jubilosos ao encontro do libertador de um pesado subjugar espiritual, e, no horror do presente, aguardavam com fé o tempo prometido da Luz.

E quando finalmente aconteceram os sinais há muito prometidos, quando o globo terrestre, qual uma bola na mão de uma criança brincando, foi lançado para longe do seu antigo trajecto de milhões de anos, quando o astro subiu no novo céu,

puxando largamente a cauda luminosa atrás de si, sob o qual já uma vez uma humanidade, em adoração, caiu de joelhos com o rosto no chão, – aí subiu, dos gemidos e da destruição, um grito de júbilo vitorioso de milhões de vozes, em agradecimento para o Alto, até o trono de Allah!

— — — O pó do que existira tornou-se apenas adubo para o novo. Nada mais lembrava a embriaguez de ouro e sangue do passado escuro. —

Em luminosa clareza girava o globo terrestre aos pés de Allah, do Sempiterno, cujos olhos abrangiam a estrela com agrado e amor, no qual Omkar, o guerreiro e vitorioso servia-O agora como sacerdote, até que uma excessiva saudade da Pátria impeliu aquele que estava cansado da Terra novamente para o Alto.

Allah, porém, nos degraus de seu trono, mandou preparar uma festa para o servo e amigo fiel por ocasião de seu retorno, cujo brilho, em noites claras, resplandecia até em baixo, até a Terra, derramando no peito dos seres humanos um ardente, indizível anseio pelas alturas...

13.1 Uma grande dor passa por todos os países

Pressentindo de modo apático, encontram-se agora todos os seres humanos diante de algo incompreensível. Até o ponto em que ainda podem pressentir, isto é, intuir. Chamo mais uma vez para o despertar, finalmente, do turbilhão absurdo da superficialidade intoleravelmente vazia! *Pela última vez!*

Que escárnio e zombaria sejam a resposta a isso. Em breve, emudecerão subitamente, e a desgraça abater-se-á pesadamente sobre todos os zombadores.

E quando o medo, por fim, lentamente tomar conta dos seres humanos, que tentem então limpar-se mais uma vez com os subterfúgios do cérebro deformado. Que confiem na sabedoria escolar, à qual tantas vezes recorreram, que tomem suas condecorações, seus títulos, honrarias, glórias, os médicos, pregadores, juízes e governantes! Também todo o ouro e o que mais ainda supõem possuir! Que procurem também aqueles, que falsamente se deixam intitular de guias e profetas, ou que o queiram ser – que lhes peçam auxílio como prova de sua missão – nada será capaz de alterar sequer um fio de cabelo daquilo que tem de vir; pois todo o saber terreno, toda a força e poder dos seres humanos existem somente na sua imaginação, não são nada diante de Deus. Serão varridos agora todos os vermes das trevas! Destroçada toda a vaidade humana.

Contudo, àqueles poucos, dispostos a ouvir, seja dito: epidemias só podem alastrar-se lá, onde lhes é aberto o caminho para isso. A maré não sobe nenhuma polegada a mais do que lhe fora pré-determinado. O fogo das entranhas da Terra e de cima não lança a sua destruição nem a largura de um pé além do permitido. As tempestades rugem seu curso bem determinado. E quando a Terra, até agora firme, tremer, quando montanhas tombarem, novas surgirem, quando regiões inteiras forem destruídas... nada acontece sem a firme condução da vontade divina! Que isto lhes seja um consolo!

Pentecostes 1929.

Abdruschin.

13.2 O convocado pela Luz

Pergunta: Tive ocasião de presenciar a maneira pela qual a Mensagem do Graal é estudada em várias cidades, por leitores que se reúnem em círculos. Chamou-me a atenção a diferença existente entre eles. Enquanto num círculo eram discutidas várias tendências, fazendo-se então comparações com a Mensagem do Graal, o orador de outro círculo baseava-se exclusivamente na Mensagem, não admitindo nenhuma outra coisa. Qual dos dois dirigentes representa, então, o convocado mais indicado para os seres humanos?

Resposta: Existem os convocados pela Luz, os escolhidos pelos seres humanos e também aqueles que se julgam convocados. Há nisso uma grande diferença quanto ao efeito. O convocado pela Luz serve a Deus, conhecendo por esta razão somente a vontade de Deus, vontade essa que desde o início foi, é e permanecerá imutável, não admitindo, portanto, concessões de nenhuma espécie, nem oferecendo possibilidade alguma para desvios, actuando por isso de modo severo. Ele não pode admitir outra coisa senão a vontade de Deus, que não se deixa torcer.

O escolhido pelos seres humanos, porém, ou aquele que por si mesmo se considera convocado, serve em primeiro lugar aos seres humanos, fazendo-lhes, por esta razão, concessões. Se ele tomar a sério a sua tarefa, então procurará guiar os desejos dos seres humanos, pouco a pouco, para um único desejo, a ponto de

levá-los a deixarem prevalecer apenas a vontade de Deus, tornando-se assim também capazes de compreender correctamente o convocado pela Luz. Assim, não mais sentirão, intuitivamente, nenhuma severidade no ensino deste, mas sim reconhecerão o caminho certo.

Onde só há um caminho, *deve-se* naturalmente ir por ele, se se desejar alcançar a meta. É errado dizer que muitos caminhos conduzem à Luz. *Só um único* caminho conduz para lá: aquele que consiste no cumprimento incondicional da vontade divina. Nenhum outro. Visto que a vontade divina é expressa de maneira *bem determinada*, não há compromissos com os desejos dos seres humanos. Para o ser humano é diverso apenas o *modo de trilhar esse caminho* e os meios auxiliares que nisso usa, os quais se orientam de acordo com as suas capacidades individuais desenvolvidas. Esses diversos modos de seguir, porém, não modificam o caminho, menos ainda sua direcção.

É errado, também, afirmar que aquele que serve aos seres humanos também serve com isso a Deus. Como é sabido, só se pode servir a *um* Senhor. Por outro lado, no entanto, o convocado que serve a Deus sempre serve simultaneamente aos seres humanos. Que essa ajuda nem sempre está de acordo com os desejos do seres humanos é evidente, porque auxílio verdadeiro raramente coincide com a realização de desejos.

Aqueles que servem aos seres humanos, naturalmente, são mais bem-vindos aos mesmos, porque lhes são mais cómodos. Mas são muitíssimos mais fracos. A maioria deles sempre se tornará vítima de seus adeptos.

13.3 Servir ao Graal

Pergunta: O que é servir ao Graal?

Resposta: Servir ao Graal é cumprir a vontade *divina*, sem tomar em consideração a vontade e os desejos dos seres humanos. —

O conceito “Servir ao Graal” não deve ser ampliado arbitrariamente. Um adepto da Mensagem do Graal não se encontra, simultaneamente, servindo ao Graal, pois ele tira exclusivamente para si próprio o proveito do ensino da Mensagem, para encontrar o caminho que conduz à Luz e percorrê-lo. Agindo desse modo, ele alcança o Reino de Deus, sem que se possa falar aí de um Servir ao Graal.

Servir ao Graal, propriamente dito, exige muito mais. É verdade que o caminho para ele acha-se aberto para muitos espíritos humanos, mas somente a poucos é dado alcançar realmente essa meta. Mesmo para os espíritos humanos que já se acham no reino puro-espiritual, o Templo do Graal encontra-se ainda tão distante, que não se pode imaginar terrenamente. Somente o facto de compreender *acertadamente* o “renunciar a si mesmo” é um passo que muitos espíritos humanos acreditam ter dado, mas... só na sua imaginação. Esse acto de renunciar a si mesmo não é de maneira nenhuma uma dissolução de si próprio ou entrar em um Nirvana visionário, imaginado ao modo oriental, mas sim é a mais forte actividade, inteiramente

consciente de si mesmo, que se possa imaginar, é o grau máximo de actuação *pessoal*. Algo inteiramente diferente do que imaginam os espíritos humanos comodistas. Um estado que vai muito além da compreensão humana actual. De tudo o que até agora foi imaginado a esse respeito pode-se supor justamente o contrário, para se alcançar o certo. Os leitores, porém, devem contentar-se em achar o caminho para a Luz e poder ascender. E isso já constitui a almejada bem-aventurança, o que de mais elevado o ser humano realmente bom pode aspirar. É a coroa da vida humana.

13.4 Antroposofia

Pergunta: Segue a antroposofia o caminho certo? Muitos de seus adeptos desejam discutir sobre a Mensagem do Graal.

Resposta: Os adeptos de cada seita estão convencidos de sua autenticidade e especialmente de sua própria sabedoria. Eles lêem e ouvem tudo apenas nessa convicção unilateral, portanto não mais procuram e por essa razão também não podem encontrar nada. Tornaram-se cegos e surdos. Até a mais límpida verdade considerariam e rejeitariam como sendo uma hostilidade intencional, caso não estivesse de acordo com sua própria sabedoria.

Por isso estou satisfeito por não precisar responder a perguntas tais como a sua, uma vez que já entramos *naquela* época em que cada pessoa em breve *experimentará* em si, se está trilhando o caminho certo, de onde *unicamente* lhe pode advir auxílio, ou se apenas supõe trilhá-lo. *Dessa* forma, e não por palavras, os falsos profetas serão desmascarados e cairão. Além disso, acredita V. S.^a que Steiner já deveria ter deixado a Terra, *antes* da grande, difícil época, se fosse “Aquele” por quem os seus adeptos o querem apresentar de tão bom grado? Não deve ser muito difícil considerar que justamente esse “Um” seja terrenamente indispensável no acontecimento principal, assim como também todos os realmente grandes! Portanto, fique V. S.^a ainda calmamente observando esse curto espaço de tempo.

Dentro em pouco obterá uma opinião infalível. Inclusive sobre a antroposofia.

Deixe, portanto, os seres humanos discutirem sobre a Mensagem do Graal. Cegamente irritados, muitos fanáticos querem até achar contradições na Mensagem, justamente onde se mostra a objectividade lógica da forma mais nítida. Aprofundando-se, porém, um leitor sério, em tais contradições afirmadas por adversários, reconhecerá logo que essas contraposições só constituem um reflexo da incapacidade de compreensão do respectivo agressor ou um testemunho de quanto o mesmo se enterrou na insensatez de seus próprios conceitos, os quais, numa teimosia irreductível, não quer abandonar. A uma observação mais apurada, esses ataques evidenciam-se somente como atestados da pobreza espiritual de tais seres humanos que, com isso, querem fazer brilhar a sua sabedoria. Na maioria dos casos, estas pessoas nem leram *toda* a Mensagem, tagarelando, porém, simplesmente a respeito, logo após haverem tomado ligeiro conhecimento de partes isoladas, revelando com isso o temor e a preocupação de que sua suposta grandeza pudesse sofrer prejuízo por parte de alguém que o saiba melhor.

Alguns vão tão longe nessa atitude ridícula, que até querem afirmar que a Mensagem não contém nada de novo. Sobre esse ponto é desnecessária qualquer resposta. Penso que justamente essa afirmação já traz em si o julgamento certo dos mesmos, que

permite reconhecer que lhes falta completamente qualquer possibilidade de compreensão e que, com a sua capacidade de percepção, nem estão à altura de assimilar o verdadeiro conteúdo da Mensagem. Tais pessoas devem tranquilamente continuar pertencendo às associações de carácter mais superficial.

Entretanto, de nada lhes serve qualquer ataque, qualquer sarcasmo e qualquer escárnio... todos eles ficarão soterrados sob os escombros de sua falsa, pretensa sabedoria, sendo rapidamente esquecidos, para sua sorte, enquanto que a Mensagem subsistirá.

13.5 Resposta a hostilizações

Pergunta: Não quer Abdruschin responder as hostilizações que lhe são dirigidas de vários lados? Como indagador, sei, por acaso, que em muitas coisas ser-lhe-ia fácil inverter as lanças dirigidas contra ele.

Resposta: Minha palavra é para mim demasiadamente valiosa para que a desperdice em tais coisas. Também não tenho necessidade disso, pois as respostas virão de um lado completamente diferente. Fique tranquilo, que nada, por mais insignificante que seja, ficará sem resposta. De uma tal maneira, que por certo servirá de lição permanente para toda a humanidade. Para isso em nada preciso contribuir.

E com relação aos muitos “pontos de vistas”, opiniões e até revelações dos chamados etnólogos e grafólogos, anexos a sua pergunta, que querem reconhecer em mim precisamente um judeu de raça pura, justamente com isso não podiam eles dar melhor testemunho da incapacidade de seu “saber”, pois não existem muitas famílias mais germânicas e, como também se diz, mais cristãs, desde tempos bem remotos, do que aquela da qual descendo. Mas isso não teria tido nenhuma importância para mim, pois eu só levo em consideração *seres humanos* e não julgo por raças, nações ou religiões. Isto é demasiado mesquinho e indigno do verdadeiro ser humano. Acreditam esses indivíduos poderem, um dia, entrar no Reino de Deus com

cores nacionais e hinos nacionais? Não, tais conceitos restritos não me podem induzir a dar uma resposta.

Mas também virou moda, em certos círculos, procurar apresentar simplesmente e sem escrúpulos, como sendo empenhos pró-judaicos, muitas coisas, as quais poderiam tornar-se um perigo para os próprios desejos e ideias, a fim de impedir muitos de se ocuparem com isso e, numa auto-protecção barata, não perder propriedades, mas sim poder favorecer objectivos próprios com meios não exactamente louváveis.

De mais a mais, como são unilaterais os etnólogos, que procuram julgar o ser humano exclusivamente pelas exterioridades, pela matéria grosseira, enquanto que o verdadeiro ser humano *é o espírito*, como *exclusivamente determinante*. E esse espírito é mais velho do que o actual e o anterior corpo terreno. Consideremos o assunto de modo puramente terrenal: uma pessoa boa será sempre a mesma, ainda que mude de roupa várias vezes. Em trajes semanais é exactamente a mesma que em trajes dominicais. Não é diferente com relação ao espírito, o verdadeiro ser humano. E parece francamente ridículo, quando se sabe que esses mesmos orgulhosos etnólogos, juntamente com todas as pessoas que actualmente odeiam os judeus, em encarnações anteriores eram, entre outros, *realmente judeus!*

Assim como, aliás, uma grande parte dos alemães. Enquanto que justamente eu *nunca* fui um judeu. Ó esses queridos conhecedores! Sinto repugnância quando reflecto sobre esses absurdos. E em que se baseia todo esse orgulho, toda a presunção com que muitos se arrogam em face dos judeus, entre os quais existem pessoas a quem se desejaria apertar as mãos, amigavelmente, com muito mais prazer do que a tantos cristãos contemporâneos? Sobre o que se baseia, afinal, o cristianismo? Unicamente no judaísmo! O cristianismo só tem profetas judeus do Velho Testamento para apresentar, não há outros. Os Dez Mandamentos vieram somente por intermédio de um judeu. Os discípulos eram judeus. E aqueles que outrora condenaram e crucificaram Cristo, estão *hoje* encarnados como alemães e são assim chamados cristãos, que se mostram indignados da maneira mais fervorosa sobre aquele crime. E se os espíritos do povo alemão, em parte, em encarnações anteriores não tivessem sido judeus, então o povo alemão não poderia ter nenhuma probabilidade de ser o povo convocado do futuro. Os actuais judeus, no entanto, antigamente não eram judeus.

O futuro trará, com relação a esses esclarecimentos, ainda muita coisa, sobre o que os queridos actuais zombadores terão de se envergonhar de suas opiniões e do seu saber de hoje. Virão muitas horas para eles, nas quais desejariam haver ficado calados, em vez de se haverem enfatuado com sua mísera presunção. Está prometido que “tudo tem de se tornar novo!”

Muitos se regozijam com esse cumprimento. Existirá, porém, condenação mais terrível do que justamente essa promessa? Não se encontra nisso a realidade de que tudo, tudo mesmo está errado, uma vez que tudo deverá tornar-se novo, portanto diferente, a fim de finalmente estar certo? E nessa época encontramos-nos agora! Realmente, não existe coisa alguma, de tudo o que os seres humanos pensaram e produziram, que não seja falsa desde os alicerces. Maior prova para isso do que a presente decadência e a actual desoladora confusão certamente não é necessária.

13.6 Maus pensamentos

Pergunta: Procuvo viver de acordo com a Mensagem do Graal. Várias vezes, porém, sou assolado por maus pensamentos, que de nenhuma maneira desejo. Muitas vezes quero até o contrário. Os maus pensamentos assaltam-me, então, com maior intensidade, quase retumbando aos meus ouvidos. Atormenta-me e sofro muito com isso, e quase desanimo ao perguntar a mim mesmo como tudo isso acontece e se eu, talvez, seja mau no íntimo.

Resposta: V. S.^a mesmo escreve que todas as vezes *pensa* diferentemente do que deseja. Portanto, o seu íntimo deve ser melhor do que seus pensamentos momentâneos. Certamente também *agirá* sempre de modo como *quer* e não de acordo com os seus pensamentos. Igualmente, existem poucos seres humanos, aos quais isso não acontece. Não deve se inquietar com isso. Tais pensamentos, com os quais o próprio querer não concorda, têm pouca força. As formas, que com isso são criadas, dissolvem-se rapidamente, sem poder causar danos. Pressupondo-se, naturalmente, que V. S.^a não lhes forneça, pelo muito cismar sobre isso, sempre nova força. Preste menos atenção a esses pensamentos indesejáveis, então eles logo se afastarão por si mesmos. Senão, uma oração breve e profunda ajudará.

13.7 Por que muitas pessoas não encontram nada na Mensagem do Graal?

Pergunta: Como é possível que tantos seres humanos nada conseguem encontrar na Mensagem do Graal, quando ela, juntamente com a Bíblia, representa tudo para mim?

Resposta: Na maioria deverá tratar-se de sectários, não, porém, de seres humanos intimamente ainda livres. Quem diz que a Mensagem do Graal é fácil ou não oferece nada de novo, esse não a conhece e mesmo que a tenha lido, dela nada colheu, em poucas palavras, justamente ele não a compreendeu. *Ela foi difícil demais para ele, e por isso a considera fácil.* Com isso está dito praticamente tudo! Um tal ser humano, porém, pode se consolar com o facto de que a Mensagem não se destina a ele. Àquele a quem a Mensagem nada dá, recebe assim justamente aquilo que merece. Faz parte da selecção. As experiências posteriores hão de mostrá-lo claramente.

13.8 Deus castiga?

Pergunta: Por que Deus castiga às vezes tão severamente?

Resposta: Deus não castiga de forma alguma! Ele também não ameaça, nem engoda. Tudo isso são falsas concepções humanas. Também os Dez Mandamentos, dados por intermédio de Moisés, constituem exclusivamente guias, indicando como o ser humano pode chegar a uma vida bem-aventurada. Apenas o ser humano, em sua ordem social, impõe punições. Mas impõe-nas, como tudo por ele inventado, de modo errado, imperfeito, e *mais* imperfeito ainda na execução. A palavra castigo, em resumo, foi inventada pelo próprio ser humano, em sua restrita concepção.

Tomemos um exemplo de espécie bem terrena, a fim de que seja mais facilmente compreensível. Um comerciante associa-se a outro. Um amigo seu é mais perspicaz e possui melhor conhecimento dos seres humanos. Inquirido pelo comerciante a respeito de várias dificuldades em negócios, aquele amigo adverte-o, aconselhando-o a dissolver o quanto antes a sociedade comercial, por ter o sócio más intenções e querer cuidar, sem escrúpulos, apenas de seu próprio proveito, em prejuízo do comerciante. O amigo declarou em poucas palavras ao negociante que a inobservância do seu conselho lhe acarretaria grandes prejuízos. O comerciante, porém, *não* seguiu

esse conselho, por não ter ainda observado sinais que provassem a veracidade dos receios do amigo.

Somente alguns anos depois positivaram-se as advertências desse amigo. O comerciante sofreu grandes perdas por causa do seu sócio, o qual pôde executar, mui habilmente, um plano bem premeditado, em prejuízo do outro. O comerciante denomina esse facto de punição, porque não obedeceu as advertências do amigo, e procura interpretar essa punição como um castigo consequente.

Assim sintonizam-se os seres humanos em relação à Luz. Dela emanam para eles inúmeras advertências, com antecedência, cuja observância poderia protegê-los de muitos males. Eles, porém, imaginam que representa um castigo de Deus, quando por própria culpa o mal os atinge, mal que teve de se manifestar, por não quererem eles ouvir ou por desobedecerem. Consideram-se ainda muito grandes, quando suportam essa “punição” com paciência, esperando ainda, em virtude disso, uma recompensa especial de Deus, mesmo que seja apenas numa intuição de elevação íntima pelo seu bom comportamento.

Tudo isso é uma auto-ilusão, uma mentira, pois Deus não os castiga com isso, mas sim eles próprios, com sua obstinação, criaram para si o mal. Da Luz pode ser observado quando um ser humano ou toda a humanidade toma um caminho errado,

que, incondicionalmente, tem de conduzir a um fim bem determinado. Esse fim, que o ser humano às vezes não pode, ou melhor, não quer ver, é reconhecível exactamente pela Luz. O ser humano ou a humanidade são advertidos. Se os seres humanos não prestam ouvidos, continuando em seu caminho obstinadamente, é natural que devem, num determinado tempo, chegar a esse fim. Esse fim, porém, não é causado pela Luz como castigo, mas sim já estava pronto com a escolha do caminho pelos seres humanos, e a Luz somente se esforçou em deter os seres humanos, a fim de conduzi-los para outro caminho, onde se evitaria o mau fim e onde os aguardaria um fim feliz.

Portanto, Deus não castiga, mas sim o próprio ser humano é que provoca tudo, quando não aceita as advertências. Por isso, é um grande sacrilégio dizer-se: “Deus, como castigas severamente!” E também é errado lamentar-se: “Como pode Deus permitir que tal coisa aconteça!”

13.9 Espírito e alma

Pergunta: Que diz Abdruschin a respeito das afirmações de que espírito e alma moram lado a lado no ser humano?

Resposta: Quem afirma isso não tem nenhuma ideia da Criação. Espírito é a origem, o núcleo e a meta final do ser humano. Espírito é o próprio ser humano sem invólucro de outra espécie. Alma é esse mesmo espírito, envolto com um ou mais invólucros de espécies diferentes, porém sem o invólucro de matéria grosseira, o corpo terreno. A alma, portanto, tem de conter o próprio espírito, por ser o verdadeiro ser humano vivo. Logo que o espírito, pouco a pouco, se tenha libertado dos invólucros fino-materiais e enteais, ascendendo com isso cada vez mais, encontrar-se-á finalmente como espírito humano somente com um delicado invólucro espiritual, podendo assim ingressar no reino espiritual, no Paraíso. Sobre isso ainda virão mais tarde explicações mais detalhadas.

13.10 Que são difamadores?

Pergunta: Que são difamadores?

Resposta: São seres humanos que deformam habilmente os factos, a fim de dar-lhes um falso sentido, em prejuízo de outras pessoas. Aqueles que inventam estórias novas, espalhando-as com o mesmo intuito, não são difamadores, mas sim mentirosos. De acordo com as leis divinas, tanto uma coisa como a outra é igualmente condenável. Tudo isso pertence à classe dos assassinatos morais, tentados ou executados, onde o carma é tão pesado quanto num assassinato perpetrado na matéria grosseira, na maioria dos casos até mais pesado ainda, pelo facto de as feridas da alma serem mais persistentes. Especialmente porque em muitos casos também outras pessoas são atingidas. Também, *qualquer* dano moral, tentado ou executado, pouco importando se tenha sido com ou sem fundamento, é de penosa expiação pelo carma. Isso deveria ser facilmente compreensível, visto que uma tal acção, em si, sempre pressupõe também um carácter baixo, pois um carácter puro ou tão-somente nobre não o faria, repelindo para longe de si tais pensamentos, numa repugnância natural. A impureza, pois, em tais coisas, logicamente sempre estará do lado do praticante, o qual, com isso, automaticamente se caracteriza como tal.

13.11 Posicionamento de Abdruschin a respeito de associações existentes

Pergunta: Por que razão Abdruschin não aceita ligar-se com associações existentes? Seria fácil, pois, em muitos casos, estabelecer-se um acordo. No esforço para ascender, todos deveriam dar-se as mãos e actuar em conjunto, com o que, muito antes, se alcançaria o sublime alvo.

Resposta: Não estou aqui para conduzir os seres humanos para fora dos erros que eles próprios criaram para si, explicando ou discutindo e argumentando com eles, mas sim eu *trago uma Mensagem*, na qual os seres humanos podem apoiar-se para sair de seus erros. Aí não existem “acordos”, mas unicamente: “sim ou não!” Tampouco existe uma actuação em conjunto, mas sim, na melhor das hipóteses, um seguir. Quem for incapaz de compreender isso, pode também deixar tranquilamente de lado a Mensagem do Graal, pois ela de nada lhe serviria. Quem não a considerar como um presente de Deus, nunca a compreenderá. Ela também não se destina a ele. Não procuro “persuadir” uma única pessoa sequer. Também *não* tenho a intenção de fundar uma “associação” ou comunidade, para viver de suas contribuições anuais.

Por esse motivo, permaneço independente e nem pretendo estudar todas as afirmações formuladas pelos seres humanos, em

parte inteiramente insensatas, para depois sempre e sempre de novo refutá-las argumentando penosamente. De acordo com minha opinião, isso seria honrar demasiadamente a ridícula arrogância de muitos seres humanos.

Deus mostra a Verdade, *como ela é* em Sua Criação. Ela se encontra no meio da irremediável e perigosa confusão que a humanidade produziu. Reconhecer a Verdade como tal, e aceitá-la, é problema unicamente dos seres humanos, que devem aplicar com o máximo esforço todas as forças, para conquistar para si esse preciosíssimo bem, sem o qual estão irremediavelmente perdidos. O ser humano tem de fazer *tudo* para esse fim, pois Deus não corre atrás dele; jamais se rebaixa a um servo do ser humano! Contudo, é isso que o ser humano até agora espera, em sua estranha maneira de ver as coisas. *Ele* sempre exige provas! Que *ele* então se esforce em reconhecer a Verdade! Trata-se unicamente de *seu* próprio proveito. E aquele que procura de modo verdadeiramente sério, esforçando-se *sinceramente* por isso, *encontrará* o reconhecimento!

Para isso, entretanto, faz-se necessário, em todos os começos, *aquela* indispensável humildade, que reconheça a si mesmo. E isso é quase o que há de mais amargo para um ser humano da actualidade. Já nisso ele fracassará; pois não é capaz disso, isso ele *não quer*! Consequentemente, ele força o Juízo. Observemos apenas o ser humano, como ele, carregado com toda a

quinhilheria da vaidade terrena, anda pavoneando-se pela existência terrena! Onde haverá aí lugar para a humildade?

Por fim ainda imagina que a luta da Luz contra todas as trevas, agora iniciada, só se trava por sua causa! Mas a grande luta *não* se trava *em prol dele* pessoalmente. A ascensão que lhe fica possibilitada com isso é apenas uma *consequência*! Deixando ele de aproveitar com todas as suas forças esta última oportunidade, não querendo ouvir o chamado, então ficará atolado no pântano por ele mesmo criado, e morrerá asfixiado. Não haverá tristeza por sua causa!

Carregado com aquilo que a mentalidade humana criou, nunca reconhecerá o caminho certo.

Eu, porém, sigo o meu caminho só, no cumprimento por mim reconhecido da minha missão. Pois não é necessário que alguém me siga, sem estar voluntariamente disposto a isso. Penso, pois, que minha linguagem sempre tem sido bastante clara. Um compromisso de minha parte, por mais simples e superficial que seja, é totalmente impossível em qualquer sentido. Ligações com associações, seitas ou igrejas jamais entram em consideração, elas também não são reconhecidas por Deus, pois com as denominações templo de Deus, igreja ou catedral é subentendido algo bem diferente, muito maior, do que uma organização sobre a Terra! —

13.12 Palestras públicas

Pergunta: Por que Abd-ru-shin não continua proferindo grandes palestras públicas?

Resposta: Porque, para mim, a minha palavra é valiosa demais para isso. Quero uma vez dizer-lhe algo. Suponhamos que V. fará hoje uma grande viagem e será levado nisso a um lugar, de cuja existência as pessoas têm conhecimento, porém, sobre o qual nunca souberam algo mais detalhado, porque ninguém ainda esteve lá realmente. As pessoas, porém, tinham imaginado quadros do mesmo, conforme os seus próprios conceitos e discutiam irritados, qual deles seria o certo. Por uma circunstância extraordinária, V. foi trazido àquele lugar e constata que nenhum dos quadros imaginados pelas pessoas correspondia à realidade, mas que tudo era bem diferente. Após muitos anos V. pôde retornar e contou agora entusiasmado do real estado desse local desconhecido das pessoas. O que V. acredita que aconteceria depois! Aquelas pessoas que, até então, não tinham se importado com isso, aceitam então os seus relatos também de modo indiferente, por não terem interesse nisso. Todas aquelas, porém, que tinham se esforçado para dele obter algum quadro claro, não aceitariam acaso alegremente o relato de suas vivências naquele lugar, por trazer a realização de seu esforço, mas todas elas irão então subitamente esquecer suas próprias desavenças mútuas e lutas irritadas e... tornar-se-iam

unâнимes opositoras e inimigas de V., somente porque V. não pode lhes fazer o favor, de relatar os factos daquela forma como aquelas pessoas, em seu desconhecimento, pensaram a respeito. Irão declará-lo por isso um elemento pernicioso, no melhor dos casos fantasioso ou espiritualmente histérico, mas provavelmente tentariam cunhá-lo como mentiroso e impostor, apenas para eles próprios poderem ter ficado de algum modo com razão. V. tem que ser “neutralizado” de qualquer forma, não importando os meios, por V. trazer inquietação com seus factos, pondo em perigo a fama e as fontes de receitas de muitos dos que até então quiseram ser sabedores. —

Um outro quadro: Simplesmente imagine V. que de um determinado lugar nenhuma pessoa tenha saído ainda, e os habitantes também não tenham lido nada. Um deles, porém, chega finalmente a países longínquos, nos quais veio a viver por muitos anos, retornando depois alegremente. No caminho, porém, teve que deixar para trás tudo o que tinha trazido de lá, e por essa razão apenas pôde relatar sobre o vivenciado e acontecido. Falará de estranhas árvores, flores e de animais desconhecidos. Se encontrar então algumas pessoas que queiram, de bom grado, acreditar nele e também se alegrar com isso, então bastará apenas uma única pessoa entre todas as outras para, com observações sarcásticas, desconfiadas, abalar e fazer desmoronar a convicção, sim, com o tempo, destruí-la totalmente. Muito prontamente ele será considerado um

fanfarrão e mentiroso, que quer falar de si, e muitas simplesmente negarão que, além de tudo aquilo que elas vêm na localidade, existissem coisas que sejam diferentes. Com riso irónico também negarão a ele, com calma determinação e orgulhoso querer saber melhor, a existência de palmeiras, tigres, leões. Agora imagine V. os sentimentos daquele que por muitos anos viveu sob palmeiras, quando as pessoas a ele se opõem arrogantemente com grande gesto em consciente presunção de saber, afirmando que não é assim, apontando para ele com desdém, condenando. Não deve subir nele um asco, que por outros não pode ser intuído suficientemente grande? Apenas procure intuir e colocar-se nessa situação. Não creio que então ainda sejam necessárias muitas palavras para explicação. Uma tal pessoa calar-se-á por fim, desviando-se da ignorância com encolher de ombros. —

Todavia, esses quadros mencionados certamente não condizem nem comigo e nem com a minha Mensagem, mas com a humanidade, com a qual com isso me defronto. —

Como deve sentir-se agora alguém que, como iniciado, entra na Criação até às pessoas, enviado para esclarecê-las sobre os erros que elas seguem e, por fim, necessariamente torná-las-ão vítimas dos mesmos. Aquele que vem para adverti-las e salvá-las disso!

Como ele, para esse fim, usa a vestimenta delas (o corpo), falando também a sua língua, crescendo entre elas e aprende a sua maneira de expressão, ele parece-lhes da mesma espécie, e isso, por si, é suficiente para rejeitá-lo e a sua mensagem, como já ocorreu com Cristo. Com o que, certamente, caracteriza-se claramente em todas as pessoas em primeiro lugar a desconfiança contra a insuficiência do próprio querer saber. E, todavia, uma mensagem não pode ser dada a elas diferentemente do que nessa forma. O sacrifício, que com isso terá que fazer é então, infelizmente, justamente aquilo sobre o qual os seres humanos terrenos constroem as suas maiores dúvidas.

13.13 Conselhos terrenos práticos

Pergunta: Por que razão Abdruschin, em suas dissertações, não trata também uma vez de coisas terrenas práticas?

Resposta: Os seres humanos têm muito mais necessidade daquilo sobre o que falei até agora, como se revelará dentro de pouco tempo. Não me oriento de acordo com os desejos deles. Deixo isso por conta de todos aqueles que escrevem por “interesses comerciais”.

13.14 A Mensagem do Graal rompe seitas

Pergunta: Posso afirmar que em minha procura, com máxima seriedade e objectividade, dentro das possibilidades humanas, atravessei os diversos domínios do ocultismo, um após outro, estudando com zelo a teosofia e mais tarde a antroposofia. Em todas essas doutrinas achei muito de belo, de verdadeiro e de estimulante, mas o coroamento de tudo trouxe-me somente a Mensagem do Graal, pela sua clareza e principalmente pelas suas conclusões simples. O que eu havia encontrado de bom em todas as outras, tornei a encontrar na Mensagem do Graal. Havia recebido até o momento apenas fragmentos; agora, entretanto, encontrei algo *completo*, abrangível numa sequência lógica compreensível, que me deu uma imagem clara e somente com isso a certeza de meu saber. Todas as partes isoladas de até então tornaram-se, pelas combinações acertadas e pelo preenchimento das lacunas até agora existentes, um só corpo, vivo. Falei então sobre isso com meus antigos conhecidos, teósofos e antropósofos, mas nenhum deles quis compreender-me. Eles nada de novo viam na Mensagem do Graal, apesar das muitas novidades, até então ainda não apresentadas por ninguém. Eles interpretavam a simples clareza como mediocridade. O que se pode fazer nesse caso? Os seres humanos têm de saber, pois, que não se pode fazer muito com partes isoladas, por melhores que sejam, e que somente pode ser mestre *aquela* que nos ensina a maneira de compô-las e com isso o aproveitamento total de

tudo, como sucede na Mensagem do Graal. Desde o puro ensinamento de Cristo eu não havia encontrado tal clareza e profundidade.

Resposta: Para que precisa ainda uma resposta? V. S.^a responde a si mesmo na própria pergunta. Deixe que esses indivíduos trilhem tranquilamente seus caminhos. A Mensagem não é para eles! Além disso, a Mensagem do Graal não foi composta, mas ela é, por si só, inteiramente autónoma, independente. A esse respeito já me referi várias vezes. V. S.^a também não é o único com relação à sua carta, pois já chegaram diversas no mesmo sentido, até com termos parecidos. Com essa experiência, V. S.^a unicamente conseguiu a confirmação de que a Mensagem do Graal exige, para a sua compreensão, maior seriedade e zelo do que os seres humanos superficiais o imaginam, e que ela sempre se dirige única e directamente à *alma individual*, dando-lhe *aquilo de que ela justamente necessita* para a ascensão. Nessa vivacidade não-esquemática, a Mensagem naturalmente tem de destruir toda e qualquer seita, tornando-se com isso um grande perigo para a existência delas, visto que a Mensagem forma seres humanos autónomos, *livres interiormente*, que logicamente têm de ser inimigos de todo e qualquer sistema sectário. Quando organizações, agremiações ou seitas se opõem à Mensagem, ignorando, escarnecendo, diminuindo-a ou hostilizando-a, trata-se de um impulso pressentido de auto-

conservação. A Mensagem, porém, “é” e “permanecerá”, quando tudo o mais desmoronar; não se deixará deter por nada em seu caminho, caminho esse que até *será* fortalecido por qualquer ataque.

13.15 O que é procurar seriamente?

Pergunta: O que é procurar seriamente?

Resposta: Justamente *nada* daquilo que hoje é designado como tal! Quem procura pela Verdade de modo sério, isto é, *sinceramente*, precisa primeiro purificar-se internamente de modo completo, isto é, esvaziar-se de tudo o que até agora aprendeu e leu, colocando-o completamente de lado, inclusive excluir quaisquer pessoas, e depois, silenciosamente, sentir intuitiva e intimamente a “Palavra”, como uma criança que se encontra diante de algo novo. Não é em vão que o ser humano encontra muitas vezes nas crianças o julgamento mais infalível de coisas e de pessoas, porque as crianças enfrentam tudo isso de modo ingénuo e sem preconceitos.

Isso parece fácil, mas é a coisa mais difícil para o ser humano actual. Não existe para ele maior obstáculo que justamente esse. E como eu exijo a procura *séria, como condição fundamental* para a possibilidade de assimilação do verdadeiro conteúdo da Mensagem do Graal, faço isso com a maior exigência que, aliás, poderia ser apresentada ao ser humano. Procedendo assim, com toda a certeza excluo simultaneamente, de antemão, todos os enfatuados do próprio saber. Trata-se de uma selecção, na qual só o humilde poderá receber, em lógica reciprocidade, a palma do verdadeiro reconhecimento, enquanto que os outros nada recebem.

Reconhecer tudo isso pelo *raciocínio*, somente é reservado, com poucas exceções, à *nova geração*, geração que sobreviverá à época actual, pois somente o raciocínio purificado e libertado *forçosamente* de todas as escórias da confusão e vaidades actuais, pela vivência, condiciona a possibilidade de compreensão livre de influências!

Essa *nova geração*, porém, não deve ser aguardada para só daqui a séculos, pois ela já vive, tornando-se nova somente pelo facto de seus membros, de várias idades, saírem *purificados* das engrenagens e mós que agora já começam a moer! Enquanto que todos os outros serão triturados.

Um tal pesquisador sério não procurará associações nem se juntará a seitas, tampouco teria necessidade disso. Ele elaborará tudo em si próprio, porque nenhum outro poderá auxiliá-lo nisso. Só *assim* tudo se tornará vivo nele e será sua propriedade, que não pode ser repartida com outros. —

13.16 Campo da Medicina

13.16.1 Cancerologia

Pergunta: Li a brochura “**O Mestre Universal como guia da ciência**” do Dr. Kurt Illig, de Berlim, que escreve na qualidade de cientista da ciência natural exacta. À ciência, todavia, pertence também a medicina. Nesse campo, contudo, ainda não encontrei nada na Mensagem do Graal. Um guia da ciência, porém, deveria apoiar incondicionalmente os esforços também nesse campo tão importante para o bem dos seres humanos, mediante indicações e directrizes. Como, por exemplo, precisamente na cancerologia! Por que isso não é feito?

Resposta: Porque ainda não chegou a época para isso, pois os dirigentes da humanidade e os próprios seres humanos estão agora muito mais ocupados com todas as outras coisas do que com uma reconstrução sadia. Numa condução para fora dessa confusão caótica em *todos* os campos e da ilimitada presunção de saber dos ignorantes, apesar disso existente, não se pode pensar. E essa presunção primeiro tem de desmoronar por si mesma, infalivelmente, a fim de que seja finalmente admitida a ignorância. Somente após o malogro total desse saber, seguir-se-á a ascensão. As coisas são demasiadamente preciosas para serem jogadas no presente pandemónio das mútuas bajulações, onde, por pura vaidade, provavelmente seriam ignoradas.

E já chegou a hora, em que *não mais* se deve correr atrás dos seres humanos, a fim de auxiliá-los, facto considerado equivocadamente até agora como sendo cristão ou humano. Os seres humanos não suportam tal amor. Ele somente os acostumou mal, causando uma auto-presunção insana. Agora serão obrigados, finalmente, através da mais amarga vivência, a aprender a distinguir a lantejoula do ouro puro, a fim de que nem todos se percam totalmente.

Como, porém, a pergunta acima contém ironia, excepcionalmente deverá ser dada uma indicação, à qual recorreremos mais tarde para um tratamento mais profundo: *cada tumor canceroso é condicionado pela incapacidade e actividade insuficiente do fígado!* Nesse sentido deve ser dirigida a atenção. Um fígado sadio com actividade realmente normal não permite surgir nenhum tipo de câncer. Por isso, já na infância, devia-se dar especial atenção a um modo de vida correspondentemente sensato. Também para os já doentes, deve-se dar especial atenção a isso! Com a cura do fígado fica quebrada a força da doença, pouco importando o lugar em que se encontra.

(Mais tarde, perguntas sobre medicina serão tratadas mais detalhadamente e na revista “Der Ruf” será mantida uma secção especial para isso, como também para todas as outras ciências.)

14.1 Palavras de introdução

Vibra uma Voz pelo Universo!

Seu som é trazido pelo raio do sol para o mundo? Ele cresce no cintilar dos astros? Carrega-o a ventania e o conduz até os seres humanos ou chega ele no bramido das águas?

A voz é, de eternidade para eternidades! Cada espírito humano pode ouvi-la, se ele quiser!

E compreender esse som das leis eternas na Criação, robustecer-se nele e tornar-se totalmente consciente de todos os caminhos dos seres humanos, para isso deve servir a revista, que com esta edição inicia sua existência.

14.2 Sentimentos de inferioridade

Pergunta: Tenho uma pergunta a fazer, talvez algo estranha; espero, porém, merecer uma resposta, uma vez que tantas pessoas falam disso e, como pude observar, atormentam-se e afligem-se muitas vezes com isso: O que são realmente sentimentos de inferioridade?

Resposta: Como esta pergunta é de interesse geral, será respondida aqui. Complexos de inferioridade, como se costuma dizer, aparecem onde o espírito não pode se desenvolver livremente. Em muitos casos, isso é até uma prova de que tal pessoa é espiritualmente mais forte do que consegue manifestar-se, por isso sofre sob a pressão de um obstáculo por ela desconhecido. Leia a minha dissertação “O mistério do sangue”, publicada neste caderno. Aí poderá encontrar muita coisa relacionada justamente com essa pergunta.

Mas existe ainda uma outra causa para isso, onde pouco se pode auxiliar: trata-se da preguiça do espírito! Este poderia, em muitos seres humanos, superar a si mesmo e desfazer-se da opressão, se apenas quisesse. Mas ele é comodista demais para isso e gostaria que outros o fizessem. Além disso, com o tempo sente-se, na verdade, completamente à vontade em sua exibição, e sentiria faltar-lhe alguma coisa, se a opressão quisesse ceder. Ele quer que se tenha compaixão dele, pede sem dúvida por conselhos e ajuda em muitos lugares, mas ficaria pouco

agradecido àquele que pudesse realmente libertá-lo da sua opressão costumeira.

A primeira espécie pode sem dúvida ser auxiliada, a segunda, porém, não, porque na realidade eles mesmos não o querem.

14.3 O tolo puro

Pergunta: Tenho visto e ouvido muitas vezes a ópera “Parsival”, mas permanece sempre em mim uma incerteza sobre o conceito “o tolo puro”. Se conseguisse pleno esclarecimento sobre isso, a impressão certamente seria ainda mais forte.

Resposta: Nas minhas dissertações sobre os planos espirituais já falei também a esse respeito. Essas dissertações ainda não foram publicadas em forma impressa, porque mais tarde serão reunidas num livro colectivo, mas por enquanto já foram reproduzidas.

Em todo ser humano que pensa *profundamente*, a figura apresentando “o tolo puro” deve produzir uma incerteza, pois essa incerteza se manifesta, porque a expressão bem como a apresentação inteira da figura constituem um erro, que eu fundamento nas minhas dissertações.

Essa resposta levaria longe demais, por isso contento-me em indicar que Parsival “é o *portal* puro”, mas não o “tolu” puro.*(*Nota de tradução:* trata-se aqui da palavra “Tor”. Conforme os artigos utilizados, “Der” ou “Das”, muda o significado. “Der reine Tor” significa o *tolu* puro. “Das reine Tor” significa o *portal* puro.) Nisso reside tudo, e o saber disso também lhe dará, com um outro conceito, o sossego. Parsival é na realidade o mediador para a Criação; portanto, também para os seres humanos, e é o Portal da Verdade e da Vida para todas as Criações em ordem descendente.

15.1 “Olhos de raios X”

Pergunta: Muitas vezes li nos jornais a respeito de seres humanos com olhos de raios X. Sobre esse fenómeno nunca pude formar uma ideia clara; também nunca tive oportunidade de ouvir algo mais concreto sobre o assunto; posso, porém, imaginar que um ser humano, dotado de facto de tal faculdade, tenha uma sensibilidade intuitiva muito mais delicada do que qualquer instrumento construído. Será possível obter uma explicação detalhada a respeito?

Resposta: O facto de tais faculdades já é muito conhecido através dos jornais, e também não é mais contestado, porque dificilmente pode ser negado. Médicos também já se interessaram pelo assunto, para estudar a fundo esse fenómeno que ainda parece misterioso, e utilizá-lo então em auxílio da humanidade.

As pesquisas, porém, ainda não obtiveram um solo bastante firme, para que pudessem ser consideradas e aproveitadas como um saber definitivo. E esse solo firme, no sentido até agora habitual da ciência, também nunca poderá ser conseguido dessa forma; pois essas faculdades, já por si bastante raras, são de espécies tão diferentes nos diversos indivíduos, que nem podem ser consideradas uniformemente.

Se V. S.^a reunir cinco pessoas, de tal modo dotadas, verificará que cada uma, individualmente, actua de uma maneira para ela

toda particular, mais ou menos clara e nem sempre “vendo” a mesma coisa que as outras. Aí colabora demasiadamente a respectiva singularidade da pessoa dotada, como também o seu grau de cultura forma o modo de expressão e até influencia intensamente o “ver”.

Quanto menos uma tal pessoa tiver adquirido determinados conhecimentos pelo estudo, tanto menos influenciada, portanto, mais segura e claramente poderá usar tal dom, do contrário interpõem-se a ela, totalmente inconsciente, formas de concepções adquiridas, que deixam parecer o verdadeiro quadro da doença então de forma diferente.

Por outro lado, porém, pode acontecer que um ser humano não influenciado por algo aprendido veja acertadamente e sem distorção o quadro da doença, mas não consiga se expressar de maneira a poder interpretá-lo correctamente.

Ambos os casos têm, pois, desvantagens, que muitas vezes impedem uma descrição *exacta*, podendo por isso trazer até perigos, quando a pessoa irreflectidamente se entrega a essas coisas.

O melhor seria se, nisso, cooperassem o dom e a ciência, naturalmente não reunidos em uma só pessoa. Se, portanto, um médico colaborasse com uma pessoa dotada dessas faculdades, cujas descrições do quadro da doença ele, com o tempo,

aprenderia a compreender de forma exacta e associaria então o seu saber e suas experiências na prestação do auxílio.

Dessa maneira pode se desenvolver disso uma actividade muito benéfica. Contudo, sem exame minucioso de um quadro de doença “visto” por meio de tal faculdade, não é aconselhável, sem mais nem menos, confiar nele incondicionalmente.

Como em toda a parte, naturalmente também aqui existem excepções que, no entanto, são muito raras. Desejar-se-ia denominar essas excepções de faculdades excepcionalmente fortes não apenas de pessoas dotadas, mas sim agraciadas. Estas, porém, nunca deixarão de aconselhar a consulta a um médico que, em seu actuar, levará em consideração o quadro da doença visionado.

Naturalmente, também seria errado se um médico, devido a qualquer preconceito, rejeitasse tais auxílios extraordinários. Isso, porém, nunca fará um médico, que é médico “por vocação íntima”, e que em primeiro lugar deseja *ajudar* aos seres humanos.

Todavia, ainda há algo para acrescentar:

Essas faculdades ou dons podem aparecer nos seres humanos e, depois de certo tempo, simplesmente desaparecer novamente! Isso está ligado estreitamente, como muitas outras coisas, à modificação da composição do sangue; pois somente uma bem determinada irradiação do sangue permite “ver com os olhos do

espírito”, como pode ser denominada a faculdade dos olhos de raios X, surgida repentinamente.

Os assim chamados olhos de raios X não são os olhos do corpo terreno, mas sim, expresso figuradamente, os olhos da alma, que primeiro necessitam que lhes seja aberto um caminho, para que *possam* ver tais coisas. E para isso serve a irradiação de uma bem determinada espécie de composição sanguínea, que pode se formar e depois também se modificar novamente. Com isso surge e desaparece simultaneamente essa faculdade tão frequentemente admirada. Nisso também se encontra a verdadeira explicação!

Aliás, é bastante conhecido o facto de que também médiuns famosos perdem repentinamente as suas faculdades extraordinárias ou que estas se enfraquecem, sem que até agora se encontrasse um motivo para isso.

Onde isso acontece, modificou-se simplesmente a composição do sangue de alguma forma e, por conseguinte, também a sua irradiação. E unicamente na espécie da irradiação do sangue é que repousa *toda* faculdade mediúnica, cujas diversidades provêm, por sua vez, das diversas pontes formadas pelas respectivas irradiações do sangue.

A chave de todas essas coisas é, portanto, o sangue! Mas não é apenas uma composição sanguínea bem determinada que favorece as capacidades mediúnicas, mas existe apenas uma

determinada *espécie fundamental* com muitas ramificações, que possuem diferenças finíssimas, talvez às vezes mal reconhecíveis.

Ainda há de se tornar um saber todo especial e de máxima importância para o benefício da humanidade, o saber dos efeitos das irradiações do sangue e o saber da possibilidade de uma modificação desejada dessas irradiações. *Nisso repousa para o ser humano tudo o que é terreno!* Sua saúde corporal e o completo desenvolvimento do seu espírito na Terra. É o auxílio terreno *mais importante* que pode ser dado, que abrange tudo e que encerra em si a felicidade e a paz.

É com muito acerto que se pode hoje em dia falar da expressão muitas vezes usada: “sangue envenenado”, porque realmente é o caso, somente de modo diferente do que os seres humanos pensam a respeito.

A ponte para tudo, assim também para essas faculdades excepcionais, é, portanto, a irradiação do sangue! Eu devo mostrar aí ainda muitos caminhos, a fim de compor um quadro completo a respeito da extraordinária importância desse campo de actividade até agora desconhecido, campo esse que em breve se abrirá para *aquelas* pessoas que, pelo desejo de auxiliar, se esforçam para pesquisar os mistérios ainda existentes da Criação, a fim de então, verdadeiramente *servindo*, actuarem

dentro de um novo saber, mas não para com isso adquirirem um “renome” para si.

Quero ainda chamar especialmente a atenção sobre um ponto: com o assim chamado olho da alma reconhece-se, na maioria dos casos, a irradiação mais fina da doença, não somente o aspecto visível corporalmente. Este último, visível ao médico, isto é, ao olho corpóreo, tem aí somente um papel secundário, se é que seja possível vê-lo. Mas justamente essa espécie *mais fina* da visão é a mais valiosa e a mais importante, pois ela reconhece o *foco de uma doença*, o verdadeiro ponto de partida que, como tudo o mais, consiste de finas irradiações, as quais, só então, produzem os efeitos que se tornam visíveis aos olhos terrenos.

Nisso consiste a vantagem e a maior importância da utilização de tais “visões”, e se a um tal agraciado ainda for dado, igualmente por intermédio da irradiação de seu sangue, procurando ligação, também poder “intuir” o que neste ou naquele caso possa servir para a cura ou pelo menos para um alívio, então isto é uma graça que mal pode ser avaliada e que realmente pode produzir milagres.

Uma vez, porém, que a maior parte dos seres humanos de hoje está acostumada a sempre procurar apenas sua vantagem e assim também considerar tudo da mesma forma nos outros, já que muitos deles só supõem o pior de seu próximo, facto que, aliás, é apenas um reflexo do *próprio* íntimo, que, por sua vez,

os impossibilita de acreditar em seres humanos de pensamentos ideais, então tais agraciados se retraem timidamente, porque para eles o dom dessa capacidade de auxiliar é demasiadamente sagrado, seu querer é demasiadamente puro, a fim de expô-lo a conspirações.

Por outro lado, não deve ser suposto que uma actuação nesse sentido deva ser prestada de modo completamente gratuito; pois nem todos os assim dotados são também ao mesmo tempo tão agraciados com bens terrenos, que possam prestar tais auxílios constantemente sem retribuição. Opiniões diferentes a este respeito são doentias, injustas e arrogantes.

Não se deve, igualmente, degradar o que é legítimo, pelo facto de também existirem indivíduos que se aproveitam de tais campos promissores para procurar fazer negócios inescrupulosos, isto é, em troca de pagamentos não prestam a contrapartida certa ou talvez até nenhuma. Onde existe, afinal, um campo de actividade humana, no qual não existam tais abusos? Procurar-se-á certamente em vão.

Por todos esses motivos, fica sendo compreensível por que uma ou outra pessoa realmente agraciada, que poderia trazer grande bênção, se retrai com suas faculdades, não proporcionando tal ajuda aos seres humanos.

Na pergunta, contudo, reside certamente, embora não directamente expresso, o desejo de saber se é aconselhável aproveitar tais faculdades, quando se apresentar ocasião.

Se for recebido da maneira como já expliquei, então deve ser aconselhado, sem dúvida, pois a cada ser humano é proporcionada imensa tranquilidade, quando lhe é informado, por tal lado, de como está o estado de seu corpo. Dessa maneira foram localizadas muitas coisas, cujo conhecimento era muito necessário, e muitos males, que talvez mais tarde pudessem ser muito prejudiciais, puderam assim ser facilmente remediados.

Aqui é como em muitas coisas da vida humana. Frequentemente o ser humano passa diante de oportunidades, sem aproveitá-las para si, e mais tarde anseia por elas, quando não mais as tem. Como uma pressão indefinida, pesa-lhe o pensamento de haver perdido algo.

16.1 A tentação do Filho de Deus no deserto

Pergunta: Muitas vezes reflecti em que teria consistido a *verdadeira* tentação de Lúcifer na vivência do Filho de Deus, Jesus, no deserto; não cheguei a nenhuma compreensão satisfatória. Abdruschin poderia esclarecer-me a respeito?

Resposta: É bom que finalmente essa pergunta seja feita, pois nunca se tratou a fundo esse assunto. Provavelmente também nunca foi encontrado o sentido certo daquela tentação, porque o ser humano se mostrou nesse caso, como em todos os assuntos espirituais, demasiadamente superficial. Aliás, a capacidade de compreensão correcta pressupõe o conhecimento de minha Mensagem. Tentarei dar uma explicação mais profunda.

Jesus fora ao deserto, a fim de, na sua solidão, estimular e facilitar o necessário desabrochar do reconhecimento da sua própria origem divina, o que era indispensável para o cumprimento de sua actuação.

O pressentimento da força decorrente infundia-lhe progressivamente grande impulso que queria manifestar-se, sem que ele já pudesse ter consciência plena disso. Teriam faltado apenas poucos dias ainda, e também o saber de seu poder sobre os efeitos grosso-materiais ter-se-ia revelado diante dele com toda a clareza.

Então já teria sido tarde demais para o tentador querer induzir Jesus a algo que de antemão tivesse de trazer algum prejuízo para a sua actuação.

Como sempre, também nessa ocasião o tentador escolheu, habilmente, um momento propício para suas intenções. Nesse caso, só poderia ser a época de transição entre o intuir da força de Deus que desabrochava, e o consciente aproveitamento da mesma, na Luz da sabedoria de Deus, que simultaneamente pressionava para desabrochar.

A sabedoria conhece as leis inflexíveis que a vontade de Deus colocou na Criação, das quais se originou a Criação e pelas quais também é mantida.

Lúcifer *conhecia* as leis e baseando-se nelas elaborou seu plano. Escolheu mui habilmente o momento em que Jesus se tornava cada vez mais consciente de sua missão e de sua origem, não tendo, porém, ainda, um reconhecimento bem nítido; portanto, enquanto ainda havia nele um estado de efervescência. Essa era a única oportunidade e possibilidade de colocar armadilhas que poderiam induzi-lo a algo inconsiderado, prejudicial à sua futura missão, e que de antemão tornariam sem efeito, ou pelo menos muito enfraquecido, por um longo tempo, o seu surgir perante os seres humanos.

Assim, achou também rapidamente o ponto mais vulnerável para tal ataque, o qual se encontrava no indizível amor do Filho

de Deus pelas criaturas humanas. Jesus queria, pois, ir ao encontro da humanidade com os braços abertos, ajudando alegremente, uma vez que era a corporificação do amor de Deus na Terra.

Assim adulou o tentador: “Se és o Filho de Deus, então faz com que essas pedras se tornem pão!” A isso ligou-se o sentido mais profundo de que os seres humanos iriam então cheios de júbilo ao seu encontro, para se abrirem de bom grado à sua Palavra, que ele queria trazer-lhes para a salvação através do saber. Jesus, assim, logo com a sua apresentação, teria ganho para si as criaturas humanas e tido, desse modo, uma actuação mais fácil.

Nisso estava a tentação! Era, de facto, um alvo tentador para o Amor que queria ajudar com a Palavra, o qual, naturalmente, trazia em si a vontade de poder actuar tanto mais rápido e tanto mais eficiente quanto possível.

Se tivesse sido realizável dessa maneira, então nem se falaria de uma tentação, mas tudo se teria apresentado como um auxílio para uma mais rápida realização da actuação do Filho de Deus, o que, porém, não era absolutamente intenção de Lúcifer.

A tentação consistia em induzir Jesus a algo que não lhe era possível, decepcionando assim os seres humanos! Tal, contudo, apenas poderia ter acontecido enquanto Jesus ainda não estava “pronto para sua actuação terrena”, quando, sim, já sentia

intuitivamente dentro de si a força sobremaneira poderosa para a actuação milagrosa, pressentindo também sua origem divina, mas ainda não tinha alcançado os reconhecimentos necessários para uma actuação consciente. Com isso também ainda não podia ter uma visão global das leis automáticas firmemente ancoradas na Criação pela vontade de Deus, nas quais ele podia e... devia depositar o seu poder, porque essas fluem de Deus-Pai, através da Vontade, e são perfeitas, não podendo por isso ser alteradas.

Por esse motivo, Jesus jamais poderia ter transformado as pedras em pão, porque tal possibilidade não existe nas leis da Criação, tampouco poderia ter se deixado cair da mais alta plataforma do templo, sem que com isso seu corpo terreno tivesse se machucado.

A tentação, portanto, consistia no facto de que Lúcifer queria incitar Jesus a alguma coisa que o fizesse malograr, para que assim de antemão ele solapasse a fé em sua missão junto às criaturas humanas.

O tentador conhecia as leis da Criação, conhecia o restrito pensar dos seres humanos terrenos, o que hoje ainda está muito generalizado, com a ilusão de que o perfeito Deus, em Sua onipotência, executaria actos arbitrários, em oposição às Suas próprias e perfeitas leis na Criação!

Aproveitando tudo isso numa época em que o auto-reconhecimento já havia amadurecido em Jesus, a ponto de desabrochar, manifestando-se fortemente nele, porém ainda não com toda a clareza, Lúcifer queria com as suas insinuações desfechar, de antemão, um pesado golpe na actuação do Filho de Deus, ou torná-la de todo impossível, escolhendo como campo apropriado o amor ainda incontido de então e a vontade de Jesus em ajudar, estimulando-os ainda mais. *Nisso* consistia para Jesus, na época de seu desenvolvimento, a tentação, visando abalar profundamente, já desde o início, toda a obra auxiliadora.

Justamente devido ao estímulo recebido, irrompeu no mesmo instante também o saber no Filho de Deus, e ele repeliu o tentador.

É, pois, realmente estranho que diversas associações religiosas cristãs considerem como máxima fé ver-se a perfeição de Deus bem como Sua onipotência *no facto* de simplesmente poder fazer *tudo*, sem se ater às Suas próprias leis da Criação, nas quais reside Sua onipotência. Assim também, sem mais, aceitar que Jesus, como Filho de Deus, pudesse transformar pedras em pão.

Mas exactamente com o facto de classificarem e também reconhecerem essa insinuação de Lúcifer como sendo uma “*tentação*”, elas próprias comprovam a veracidade das explicações das leis da Criação na minha Mensagem! Pois se

fosse correcta sua crença de que Jesus, como Filho de Deus, pudesse ter feito aquilo, então a proposta de Lúcifer não seria uma “*tentação*”, mas sim um *auxílio* realmente grande.

Uma tentação, porém, sempre deverá trazer prejuízo, o que realmente constituiu o propósito de Lúcifer. Querer, portanto, considerar tal acontecimento como sendo uma tentação e simultaneamente ensinar a crença incondicional em milagres, contém uma contradição intransponível, mostrando nitidamente que a tais doutrinas falta completamente um saber real e que elas são tratadas com ilimitada superficialidade.

Assim, em milhares de coisas, patenteiam-se as lacunas nos ensinamentos professados até agora por instituições religiosas, trazendo à Luz do dia, automaticamente, muita ignorância inconsistente, já com um leve exame.

16.2 Existe uma “providência”?

Pergunta: Existe uma “providência”, ou será que esse conceito nasceu somente do intuito de facilitar aos indecisos a peregrinação pela vida terrena?

Resposta: Providência nada mais é do que reciprocidade, em cujas rotas severamente delineadas se encontram auxiliares que ajudam *aquelas* pessoas que trilham seus caminhos acertadamente. Nisso repousa também a predestinação de um caminho terreno. Providência é, na realidade, a *consequência* de resoluções anteriores na vivência! O ser humano, porém, que com visão curta quer acreditar somente numa *única* vida terrena, denomina por esse motivo essas consequências naturais de providência; com isso, porém, refere-se realmente apenas às influências dos auxiliares que se encontram nesses caminhos, prontos para ajudar os seres humanos de boa vontade, pelo que muitas vezes se fala de uma “providência benévola”.

Não é absolutamente errado, portanto, usar a palavra “providência”, desde que os seres humanos não formem uma imagem errada a respeito. Na realidade, porém, a assim chamada providência representa somente uma parte do essencial.

16.3 Expulsão do Paraíso

Pergunta: De que maneira se realizou afinal a expulsão do Paraíso?

Resposta: Antes de responder, tenho de colocar uma outra pergunta: sua pergunta se refere ao processo do desenvolvimento natural da Criação ou ao acontecimento relacionado com o “pecado original”? São duas coisas completamente diferentes, sem nenhuma relação entre si.

Para simplificar, quero responder as *duas* coisas. Tomemos em primeiro lugar o processo do desenvolvimento da Criação. Trata-se nesse caso da saída dos germes espirituais inconscientes dos limites do assim chamado Paraíso, a fim de poderem regressar completamente conscientes.

É um processo inteiramente natural que, aliás, será denominado melhor com a expressão “expelimento”. Ainda seria melhor defini-lo pela palavra “ejecção”.

Na formação da Criação, em seu permanente desenvolvimento, isso representa a saída dos germes espirituais inconscientes, o desprendimento autónomo da região do sedimento espiritual nos limites do Paraíso, devido ao anseio de se tornarem conscientes, portanto o início da peregrinação através das materialidades para o desenvolvimento de sua consciencialização.

Isso, porém, não é nenhum castigo, mas sim uma graça. E isso, como parte integrante do saber da Criação, já mencionei minuciosamente na minha Mensagem.

O castigo, porém, que se seguiu ao *pecado original*, foi um acontecimento por si, que, no entanto, como tudo, processou-se também de modo inteiramente natural, referindo-se a espíritos humanos já desenvolvidos.

O pecado original aconteceu na Terra e está ligado ao despertar do raciocínio, que deveria ser dado por Lúcifer aos seres humanos, para a sua elevação na materialidade. Mas não para que o ser humano se curvasse a esse raciocínio ao elevá-lo como se fosse o que há de mais sublime. Ele queria, por meio dele, dominar e escravizou-se a ele, em vez de transformá-lo num instrumento finamente acabado para a sua peregrinação através das materialidades, de modo a enobrecer e elevar em amor tudo o que é matéria, em gratidão ao Criador.

Sendo o raciocínio *preso à Terra*, e sempre permanecerá, o espírito humano atou-se através dele e cortou assim toda a ligação com as alturas luminosas, sua verdadeira Pátria.

Expropriou-se da ligação com a Luz, tão necessária para ele, e com isso cortou para si o regresso à Pátria. Assim que o próprio ser humano colocou o raciocínio como o mais elevado, assemelhou-se a um saco fechado em cima, porque com isso interceptou sua vista para as alturas.

O raciocínio, pois, como um produto do cérebro terreno, só pode compreender aquilo que, como ele, pertence à matéria grosseira, dela provém ou está estreitamente ligado a ela.

Por esse motivo recusa naturalmente o que não pertence a essa materialidade, ou então se encontra “sem compreensão” frente a essas coisas, o que equivale a “não poder reconhecer”.

Essa separação de tudo o que é mais elevado, não-material, equivale ao desligamento do Paraíso, o que, sem mais, há de ser perfeitamente compreensível a qualquer ser humano que pensa. Nesse acontecimento o ser humano se encontrava na Terra, mas não no Paraíso, do qual ele se desligou.

Também a expressão: “No suor de teu rosto deverás comer agora o teu pão” não é difícil de entender. Na realidade, essas palavras não foram pronunciadas, pois isso não era necessário, porque a consequência natural se deu automaticamente.

Logo que o ser humano, através do domínio do raciocínio, se desligou do Paraíso situado no reino espiritual, e de tudo o que é mais elevado, extra-material, porque não podia mais compreendê-lo e conseqüentemente não mais saber disso, então todo o seu pensar e actuar *teve* que se dirigir, de acordo com o raciocínio, apenas a tudo o que é preso à Terra. Dessa maneira surgiu o anseio *unicamente pelas coisas em si inferiores!* A visão do ser humano terreno se desviou, portanto, das alturas, dirigindo-se à Terra e a todas as necessidades terrenas, nas quais

esgotava toda sua força, não podendo finalmente fazer outra coisa do que lutar pelo pão de cada dia com o suor de seu rosto e em luta com o seu próximo.

Nisso consistiu o castigo, que se realizou, no entanto, automaticamente, por ter se desviado de Deus e de Suas alturas luminosas, dirigindo-se à matéria grosseira, na qual tinha que conquistar penosamente o que desejava.

Esse acontecimento em si automático e lógico foi descrito figuradamente no pecado original e na expulsão, a qual outra coisa não foi do que uma auto-separação do Paraíso espiritual.

A sedução não ocorreu no Paraíso, mas sim *na Terra*, pois a cobra nunca poderia ter chegado ao Paraíso, sem considerar ainda que os espíritos que vivem no Paraíso nem poderiam ser seduzidos dessa maneira, porque eles vibram e actuam apenas *na intuição*. Lá não precisam do raciocínio, que pertence exclusivamente à matéria, e ao qual se destinou a sedução.

17.1 Trabalho sem alegria

Pergunta: Acontece frequentemente que um ser humano, devido a circunstâncias externas, é desviado do caminho que se havia proposto seguir. Tem de aceitar um emprego ou outros serviços que não estão de acordo com seu objectivo real, e perde assim muito tempo, que tem de reconhecer como inútil para ele. Se, além disso, a execução dos serviços ainda representar um sacrifício, não causando alegria, então certamente não trará nenhum proveito para o seu amadurecimento espiritual.

Resposta: O fiel cumprimento dos deveres sempre traz proveito espiritual. Naturalmente, esse proveito será vivificado e aumentado, quando houver também vontade e amor ao trabalho. Muitas vezes, porém, tais serviços são pontes necessárias que o respectivo ser humano ainda necessita para poder alcançar um alvo mais elevado, que o satisfará então inteiramente, trazendo-lhe assim também alegria.

É natural que nesses serviços transitórios, que às vezes podem durar muitos anos, nem sempre possa haver satisfação e alegria, muito menos ainda, quando o ser humano tiver necessidade desses trabalhos para o seu próprio desenvolvimento e para o seu progresso espiritual!

Muito mais tarde verificará, então, que justamente aqueles anos, que ele considerara desperdiçados, e onde julgava estar afastado do caminho que se havia proposto, foram os mais

importantes para ele, dos quais não desejaria prescindir por nenhum preço no seu caminho terreno, porque necessitou imperiosamente daquelas experiências para alcançar um alvo mais elevado.

Então agradecerá com toda a alma pela sábia condução que aparentemente o desviara.

17.2 Alma colectiva

Pergunta: O que se entende sob a expressão alma colectiva? Li frequentemente essa expressão em diversos livros, mas nunca encontrei uma explicação verdadeira, que pudesse propiciar uma imagem certa.

Resposta: Com essa pergunta toca-se sem dúvida num ponto, cuja explicação exigiria uma série inteira de dissertações, e que naturalmente não pode ser enquadrada numa simples resposta.

Apesar disso, quero, pelo menos em largos traços, delimitar este assunto. É melhor eu inserir, ao mesmo tempo, uma outra pergunta existente, que é a seguinte:

“Exceptuando os seres humanos, possuem também os animais, plantas, etc., almas que necessitam percorrer um desenvolvimento, e como é no seu desenlace?”

A esse respeito deve dizer-se que nada existe na Criação que possa ficar sem desenvolvimento, pois isso a lei do movimento não permite. Assim, desenvolvem-se também as almas dos animais, que se originam de uma espécie singular do círculo enteal, que é o primeiro a envolver as materialidades.

A esse respeito não posso evitar de chamar a atenção para as minhas dissertações referentes aos vários círculos ou planos da Criação, uma vez que o conhecimento dos mesmos é absolutamente necessário para a compreensão dessa resposta,

visto que um quadro mais delimitado não pode ser dado, porque nesses planos tudo está e permanece em movimento.

Assim, portanto, as almas dos animais sobre a Terra, que provêm do círculo mais baixo do enteal e não são de natureza espiritual, desenvolvem-se cada vez mais. Por conseguinte, também estão sujeitas às modificações correspondentes.

Nas fases iniciais, essas almas, ao ocorrer o desenlace terreno, regressam para uma central colectiva, ou melhor dito, são atraídas por ela, com o que perdem novamente a sua forma e penetram nela. Não existe apenas *uma única* central colectiva, mas sim existem centrais para cada grau de maturidade. Também nesse caso tudo se reúne em graduações, conforme a maturidade correspondente, obedecendo à lei da igual espécie.

Todavia, com um desenvolvimento mais elevado das almas animais, a forma da alma conserva-se por um tempo cada vez mais longo, depois da morte terrena, e pode então se encarnar novamente, sem ser absorvida por uma central colectiva.

Nesse caso a afeição, a fidelidade ou o amor é a força de conjunção que, por meio da saudade, mantém a forma.

O conceito “alma colectiva” abrange espécies de entealidade inferior, da qual se desprendem as almas dos animais, para, depois da morte terrena, aí voltarem, uma vez que são atraídas por esses núcleos de concentração. Consoante os conceitos terrenos dos seres humanos, trata-se de uma massa sem forma,

da qual se desprendem partes que tomam forma como almas e; ao voltarem, são absorvidas novamente nessa massa, perdendo as formas.

Na realidade, porém, essas almas colectivas compõem-se de muitas formas indistintas que flutuam entrelaçadamente, modificando-se continuamente.

Explico isso apenas dessa maneira, para dar uma ideia aproximada disso, uma vez que para maiores detalhes faz-se necessário a leitura das minhas dissertações.

Somente uma coisa seja ainda lembrada: as almas aqui mencionadas pertencem somente às criaturas que podem locomover-se, como os animais, com o que têm a possibilidade de se protegerem.

As plantas e pedras, porém, não possuem uma alma própria, mas sim servem apenas como moradias para criaturas enteais, como os elfos, etc., que delas podem se distanciar à vontade, sem sentirem dores directamente, quando suas moradias são danificadas.

Essas criaturas enteais cuidam e tratam dessas moradias cedidas a elas, as quais não podem deslocar-se autonomamente, beneficiam-nas e alimentam-nas mediante irradiações, o que então parece aos olhos humanos como se essas plantas tivessem uma vida autónoma.

Se eu quiser entrar em detalhes, deveria escrever um livro a respeito, o que também acontecerá, assim que o tempo para isso tiver chegado. Por isso, deverá contentar-se por enquanto com essa breve visão geral.

18.1 Erros apesar do melhor querer

Pergunta: Esforço-me, já há muito tempo, em querer sempre somente o melhor; contudo, verifico constantemente que cometo erros e mais erros. Assim chega-se quase ao desespero e deve-se supor que um amadurecimento espiritual aqui na Terra nem é possível?

Resposta: É melhor cometer erros, na boa vontade, do que nada fazer por medo de que poderiam ser cometidos! Um ser humano que comete erros, apesar de tudo geralmente progride, desde que para o futuro tire ensinamentos desses erros, para não os repetir sempre de novo. Sem dúvida seu espírito amadurece com isso, logo que sua vontade seja boa e que não queira o mal propositadamente.

18.2 Não-reconhecimento da actuação de Deus

Pergunta: Qual o motivo por que tantos seres humanos não conseguem reconhecer a actuação de Deus na Criação, mas sim vivem de tal modo, como se Deus não existisse?

Resposta: Porque tais seres humanos não se abrem! É necessário, porém, um enorme embotamento, para que um ser humano não possa ver na Criação uma actuação mais elevada. Tal estado, porém, não é devido a uma incapacidade do espírito humano, é, simplesmente, superficialidade ou indolência! Comem e bebem, sim, pensam na obtenção de vantagens terrenas, mas em nenhum momento perguntam de onde se origina a bela Criação, como ela se mantém, e à qual eles mesmos pertencem. Tomam e usufruem, sem querer investigar a respeito do Doador.

Tais seres humanos valem perante o Criador menos ainda que animais, porque têm sobre estes a vantagem de possuírem a possibilidade de um reconhecimento e são apenas demasiado comodistas para aproveitar essa faculdade especial. Isso pode parecer áspero e duro, mas corresponde aos factos. Na realidade são vadios, zangões na Criação, mesmo que sejam considerados, entre os seres humanos terrenos, como sendo aplicados e importantes.

18.3 Morte natural e violenta

Pergunta: Qual a diferença que apresenta uma alma humana, quando a separação do corpo se dá por meio de uma morte natural e quando se dá por meio de uma morte violenta?

Resposta: A alma que passa para o Além devido a uma morte súbita é como uma fruta que cai da árvore *antes* do amadurecimento, precisando por isso ainda de amadurecimento posterior. Essa alma que chegou ao Além prematuramente, deverá recuperar de alguma forma, correspondente à sua espécie, o que deixou de realizar na Terra.

Mas pode ser também que uma morte, considerada normal pelos seres humanos, seja prematura para a alma, se o ser humano terreno negligenciou seu corpo de matéria grosseira ou tenha sido muito descuidado, isto é, se não tratou dele devidamente, como um bem que lhe fora confiado, ou até mesmo o prejudicou, o que pode acontecer mui facilmente por excesso de bebida ou fumo e também por outros pendores ou hábitos que não correspondem às necessidades sadias do corpo.

Onde está o ser humano que saiba em quantos anos, muitas vezes, é abreviada uma existência terrena, por qualquer hábito tolo e aparentemente inocente, sem falar das paixões ou dos excessos de ambição desportiva.

Provavelmente é a metade dos seres humanos terrenos “civilizados” de hoje, cujas almas, devido a todos esses usos e abusos, terão de abandonar o corpo terreno demasiado cedo para o chamado Além, não tendo podido, por isso, cumprir o tempo de sua peregrinação terrena, se é que pensaram realmente num cumprimento e num objectivo mais elevado da existência terrena no sentido certo.

18.4 Graça e Justiça

Pergunta: O que é Graça, e como ela se relaciona com a Justiça?

Resposta: Segundo o conceito humano, Graça é um acto arbitrário, segundo o sentido divino, não o é. A Graça de Deus reside nas leis automáticas da Criação, que contêm a vontade de Deus, vontade que simultaneamente também é Justiça. Em Sua Justiça, essas leis propiciam aos espíritos humanos decaídos a possibilidade, pelo resgate, de chegar novamente à ascensão.

Esses efeitos das leis automáticas de Deus na Criação contêm em si Justiça e Amor, e constituem ao mesmo tempo também a Graça que Deus oferece aos seres humanos.

19.1 Destino dos incas

Pergunta: Conheço a história dos incas, dos “Filhos do Sol”. Eles eram bons, não obstante, encontraram um fim tão terrível através do mal-afamado Pizarro. Será que esse povo estava carregado de um carma tão pesado, que, em sua pureza e infantilidade, não pudessem tê-lo resgatado simbolicamente? Como se pode explicar, com sua vida tão inofensiva, o horrível cataclismo que desabou sobre eles?

Resposta: Muito simples! No estado inofensivo, em que viviam os incas, teriam chegado a uma estagnação! Sentiam-se bem com isso e não tinham nenhum impulso de continuar o seu desenvolvimento por vontade própria.

Levavam a vida como cordeiros inofensivos. Na Terra, porém, encontravam-se também outros seres humanos, que já tinham se entregado à influência sinistra do domínio do raciocínio, assemelhando-se por isso a lobos. É sabido, porém, que entre lobos, cordeiros não podem viver em paz.

Além disso, o indagador deve estar ciente que nem todos os infortúnios podem ser consequências de um carma *já existente*; pois também o carma, um dia, tinha de ter um início.

Cada leitor de minha Mensagem sabe que também hoje, ao lado do carma existente, a cada hora, não somente são

resgatados fios cármicos, como também são formados constantemente *novos*.

Assim, esses seres humanos malévolos, que assaltaram os incas, teceram um novo carma, enquanto que os incas, apesar do infortúnio terreno, tiveram proveito com isso; pois eles *acordaram*, para continuarem a se desenvolver espiritual e terrenamente!

Desse acontecimento, a humanidade pode aprender novamente que é dever dos seres humanos permanecer sempre *vigilantes*. Espiritual e terrenamente. O ser humano terreno pode estar espiritualmente bem elevado, viver muito bem na Luz, mas se ao mesmo tempo não for vigilante também terrenamente, esquece o seu ambiente terreno, onde, pois, tem de viver como ser humano terreno; se ele não quiser atentar a ele, mas sim viver aqui na Terra *unicamente* para o espírito, então deverá e terá de sofrer prejuízos, visto que então concede livre curso aos seus semelhantes malévolos. Ele deixa, portanto, crescer as fraquezas de seus semelhantes e suas falhas e ainda lhes dá a oportunidade para se excederem nisso. Isso é errado!

Também na Mensagem chamei a atenção expressamente para o facto de que na Terra, o terrenal e o espiritual devem andar de mãos dadas.

Vigilância é a melhor defesa e a mais árdua luta!

Isso é importante para cada ser humano terreno.

Na vigilância já pode ser afastado muito mal, ainda antes que este chegue a atacar. *Essa* é a luta *certa*, como é exigida no sentido da vontade de Deus. *Assim* devem lutar todos: dentro e através da *vigilância* ininterrupta!

19.2 Hostilizações

Pergunta: Chamou-me a atenção que justamente contra Abdruschin se desencadeiam sempre novos ataques com uma odiosidade, cujo carácter deve, no fundo, ter um efeito repelente sobre seres humanos educados e que pensam correctamente. Tenho notado isso não somente com relação a diversas seitas, mas também deparei agora com a mesma coisa em relação às igrejas.

Isso me dá muito o que pensar, pois tais procedimentos demonstram justamente o contrário de uma vida modelar cristã, como se deveria esperar e exigir de todos os seres humanos que pertencem directamente a uma igreja e nela servem, se é que se deve acreditar na legitimidade de suas palavras e doutrinas.

De nenhuma maneira está de acordo com o sentido do Filho de Deus, Jesus, em que afinal se baseiam as igrejas cristãs, isso está patente a todo cristão que leva a sério o seu cristianismo. Como se pode entender que tais coisas possam ocorrer, as quais, pela sua espécie, têm de abalar todo o fundamento? Será que de alguma forma penso erradamente a esse respeito?

Resposta: Nessa pergunta já se encontra bem clara a resposta. Está exposta bem logicamente e dispensa outras explicações. Toda a história mundial demonstra, com evidência, que sempre foram somente os representantes das religiões dominantes que lutaram contra os investigadores da Verdade e os portadores da

Luz, logo que estes passassem os limites das prescrições religiosas estabelecidas, para chegarem mais perto da Verdade.

Essas provas da história mundial não podem ser contestadas por ninguém, e com o próprio Filho de Deus não foi diferente, como, aliás, é do conhecimento de todos. Se ele voltasse hoje, acontecer-lhe-ia exactamente a mesma coisa, apenas adaptada às condições actuais. Isso já foi anunciado dos púlpitos por sacerdotes cheios de sinceridade, e certamente quem conhece os seres humanos e seus procedimentos, não esperará outra coisa.

A *espécie* de tais ataques, porém, pouco importando se são às escondidas ou abertamente, poderá sempre apenas caracterizar as respectivas pessoas das quais eles partem, e que também ficam responsáveis perante as leis de Deus, que, de qualquer maneira, finalmente, têm de se efectivar automaticamente contra as mesmas. A *espécie* e a maneira, por si sós, caracterizam as *pessoas*, imprimindo nelas o cunho correspondente. O indagador, porém, não deve com isso culpar as próprias igrejas como um todo.

20.1 Ataques de igrejas e seitas

Pergunta: A resposta a uma pergunta no Caderno 6 induz-me a uma nova pergunta: Deveria ser fácil para Abdruschin elucidar todas as fraquezas e falhas das igrejas ou seitas, com o que, já por prudência, os ataques das mesmas talvez cessariam.

Resposta: Será que o indagador espera que eu aí trilhe os caminhos usuais, escuros e condenáveis, que tão bem caracterizam os antagonistas? Certamente poderia fazê-lo, o que daria material para encher volumes, porém, minha missão não é essa, mas sim consiste em mostrar o caminho aos seres humanos que procuram sinceramente por Deus e pela Verdade e, com isso, ajudando, oferecer-lhes o que procuram.

Isso também responde a tantas perguntas, inquirindo por que eu não me esforço, utilizando os caminhos usuais da propaganda, em angariar leitores e adeptos, aumentando rapidamente o número destes.

Ofereço àqueles que procuram, mas não faço propaganda. Quem realmente procura, *encontrará!* Encontra, porque assim é desejado por Deus e porque forças auxiliadoras das alturas luminosas conduzem a isso cada um que procura com sinceridade. Essas mesmas forças auxiliam dessa forma também a mim e, na hora certa, a humanidade deverá ficar ciente de que eu me encontro sob a santa protecção de Deus. Dessa maneira, a falsidade de todos os ataques também se tornará evidente por si

mesma, e no final será de *tal forma* que justamente esses ataques e todos os procedimentos semelhantes terão contribuído em maior grau para *promover* a minha missão, apesar de terem visado o contrário.

Está inserido na lei de Deus que nessa época também as trevas, com os seus intuitos malévolos, têm de, contra sua vontade, servir à Luz.

Meu próprio saber, na confiança incondicional na minha missão e no seu resultado, outorga-me o direito, mesmo perante aquelas pessoas que pedem, de calar-me quanto aos ataques e deixar que os próprios seres humanos decidam por si mesmos se desejam dar fé a essas odiosidades. Basta que se lembrem das palavras do Filho de Deus, Jesus:

“Por sua *obras* os reconheceréis.” Isso equivale a dizer: “*Pela espécie de sua actuação deveis reconhecê-los!*”

O reconhecimento da verdadeira espécie dos adversários certamente então não é mais tão difícil assim?

Além disso, com essas tentativas de opressão e perseguições peca-se gravemente justamente contra uma das principais leis de Deus: o ser humano deve possuir a livre-resolução em suas decisões, o que é inseparável de sua responsabilidade; pois onde existe responsabilidade, *tem* de haver também a faculdade de livre-resolução! Esta, porém, acaba lá, onde a liberdade de examinar e de reflectir for impedida por aqueles que, com isso,

claramente demonstram procurar manter somente a sua própria influência.

Onde existe realmente a Verdade, esta pode ser tranquilamente iluminada, pois aí nada há a temer, e também não haveria o mínimo motivo para bradar contra coisas diferentes ou novas. Pelo contrário, tudo o que for diferente só pode fortalecer a Verdade.

O mais sagrado dever do ser humano consiste em *progredir* no reconhecimento de Deus, bem como no seu próprio desenvolvimento espiritual. Qualquer impedimento nisso e acorrentamento ao existente representa paralisação, que tem o retrocesso como consequência. O investigar e descobrir científico-racional prossegue constantemente; se a ciência espiritual não mantiver, simultaneamente, o mesmo passo, então com o tempo deve abalar-se e chegar a vacilar, porque falta o equilíbrio para a harmonia entre essas duas espécies diferentes, que devem andar de mãos dadas. O fim então é o inevitável desmoronamento, porque falta à ciência do raciocínio o necessário apoio vivo espiritual; pois o misticismo não pode proporcioná-lo à ciência do raciocínio.

Aparentemente essas considerações não se referem à pergunta, mas só aparentemente. Na realidade, isso aprofunda o sentido da resposta e espero que muitos seres humanos o compreendam.

21.1 Orações

Pergunta: Como leitor sério da Mensagem do Graal de Abdruschin “Na Luz da Verdade”, desejo também vivificar no meu íntimo a importante dissertação sobre a oração.

Nesse ponto sinto intimamente que seria um grande presente para muitos seres humanos, se Abdruschin quisesse dar uma forma fundamental para a oração diária em que as pessoas pudessem se apoiar...

Resposta: Não é a primeira vez que é feita tal sugestão, por isso já forneci, para o círculo dos leitores, a base para uma oração matinal, às refeições e à noite, cujo sentido corresponde à posição que o ser humano ocupa na Criação. Se o ser humano se esforça, não somente para “recitar” as palavras dadas, como acontece com a maioria, mas sim para intuí-las de modo concentrado, isto é, vibrando com as mesmas, então surge *aquela* oração eficiente, que o ser humano está em condições de emitir. Minhas palavras somente devem dar o apoio exterior para esse fim e sustentar a intuição.

São as seguintes as orações:

1. *Oração matinal:*

“A Ti pertença, ó Senhor! Que minha vida seja apenas um agradecimento a Ti. Aceita pela Tua graça essa minha

vontade e dá-me também por este dia o auxílio de Tua força!” Assim seja.

2. *Oração para a noite:*

“Senhor, Tu que imperas sobre todos os mundos, eu Te peço, deixa-me repousar à noite em Tua graça!” Assim seja.

3. *Oração às refeições:*

“Senhor! Tu nos dás, cheio de graça, na actividade de Tua Criação, a mesa sempre posta para nós! Aceita nosso agradecimento por Tua bondade!” Assim seja.

21.2 Milagres de Jesus

Pergunta: Muitos devotos da Bíblia aferram-se muito aos “milagres” de Jesus. Como explica Abdruschin o milagre da alimentação de cinco mil pessoas com poucos pães e peixes? No entanto, é impossível, segundo as leis da Criação, uma multiplicação dos alimentos milhares de vezes.

Resposta: Também sobre esse ponto foi dada uma explicação detalhada nas transcrições sobre a vida de Jesus na Terra. Como sempre e também ainda hoje, surgiram naquele tempo, entre os seres humanos, muitos boatos, que não somente deformaram as palavras faladas por Jesus, mas também teceram ao redor de sua própria pessoa histórias fantásticas, que não tinham fundamentos reais.

O próprio Jesus muitas vezes ficou horrorizado, ao chegar pela primeira vez a um lugar, onde tais boatos já o haviam precedido, o que o deixava desesperado com relação à humanidade. A esses boatos pertencia também a história sobre a alimentação das cinco mil pessoas, que *não* correspondia aos factos. Evidentemente, ouviram-no cinco mil pessoas; ele as alimentou com a *Palavra* de Deus, que representa, para o *espírito*, alimento e bebida, mas não as alimentou com coisas terrenas.

Tudo isso é relatado detalhadamente nos livros “**Despertar de eras passadas**”. *(Venda através da Editora)

Comigo mesmo não se passou diferentemente nos últimos anos. Foram divulgados boatos, ridículos, quando confrontados com a realidade. Muitos deles podem ser considerados como uma ofensa à humanidade, de quem foi exigido acreditar em tais coisas. Mesmo na vizinhança mais próxima de minha residência, os jornais noticiaram a respeito de um palácio, às vezes até de um castelo e de outras coisas mais, enquanto eu resido numa casa bem modesta, o que pode ser comprovado facilmente. Assim, contam-se também acontecimentos que só podem ter surgido de cérebros doentios ou... de *propósitos intencionadamente maus*, para evitar que os seres humanos se aproximem seriamente de minha Mensagem.

O motivo disso, naturalmente, só pode ser, em muitos casos, o medo de que, pelo conhecimento de minha Palavra, os espíritos humanos acordem alegremente e cheguem a reflectir profundamente sobre coisas, cujo esclarecimento encontram em minha Mensagem do Graal, “Na Luz da Verdade”, e em nenhuma outra parte.

Não foi diferente na época da vida terrena de Jesus. Foram inventados e espalhados boatos, em parte originados pela fantasia ou exagero, e em parte, também, pela malevolência. Quando então as pessoas acreditavam nessas estórias e Jesus não podia satisfazer os pedidos correspondentes em outros lugares, porque não estavam de acordo com as leis da Criação, então as pessoas tinham de presumir que ele não *queria!*

Habilmente semearam assim o rancor. Infelizmente esses falsos boatos também foram mantidos para a posteridade, incorporando-se às tradições.

Os seres humanos, porém, precisam somente ser vigilantes e observar *hoje* o seu próximo, então encontrarão facilmente as explicações de muitas contradições de tempos passados, pois hoje os seres humanos ainda são exactamente iguais ao que já eram antigamente.

Se daqui a cem anos alguém ler as notícias de hoje, dos jornais da minha vizinhança mais próxima, não será de admirar se der pleno crédito aos boatos publicados, na suposição de que tudo deva ser verdade, porque foi noticiado na mais próxima vizinhança.

22.1 O cultivo excessivo do cérebro anterior traz prejuízos corpóreos?

Pergunta: Será que o cultivo excessivo e unilateral do cérebro anterior do ser humano, mencionado na Mensagem, traz, além dos desastrosos efeitos espirituais desse pecado hereditário, também prejuízos corpóreos?

Resposta: Muitos, porque o corpo terreno está ajustado para um desenvolvimento *harmonioso* do cérebro, mas não unilateral. Quem conhece a importância do cérebro para o corpo humano, compreendê-lo-á facilmente. Com a conduta errada, muitas faculdades do corpo são oprimidas, faculdades que de outro modo teriam evoluído para grande proveito do ser humano, outras, por sua vez, somente podem desenvolver-se fracamente, enquanto que em geral surgem também muitas doenças, das quais a humanidade, do contrário, teria sido poupada. Tudo isso resulta numa constante e considerável abreviação da vida terrena, que é considerável. Em tempos vindouros a humanidade, depois de realizada a transformação, reconhecerá horrorizada o quanto pecou também terrenamente com esse desvio das leis da Criação e que prejuízo se originou através disso. Muitas doenças desaparecerão completamente e a vida atingirá uma duração surpreendente.

Entrar ainda agora em *pormenores* sobre essas coisas não tem nenhum sentido, pois as transformações aparecerão automaticamente e com tal simplicidade, através do acolhimento da Palavra viva e inalterada, que os seres humanos transformados apenas abanarão as cabeças com referência a esse “alto saber” fictício da época desvirtuada, cuja vacuidade teve de se mostrar por si mesma e desmoronar.

22.2 Avaliação acertada do próximo

Pergunta: Muitas vezes torna-se tão difícil para mim reconhecer meu próximo acertadamente, de tal modo, que seja capaz de avaliá-lo segundo o seu valor interior. E as desilusões são, então, amargas. Pessoas que realmente realizaram grandes obras, revelam-se, depois que as conhecemos mais de perto, em sua índole pessoal como sendo bastante mesquinhas. Como isso é possível?

Resposta: Se um ser humano deva ser reconhecido pelo seu valor interior, e não apenas pelas suas obras terrenas, talvez grandes, deve-se atentar às *pequenas coisas*, que ele demonstra no seu modo de ser.

Justamente as inúmeras pequenas coisas, não observadas, demonstram o *intrínseco*, o lado pessoal do ser humano. É muito raro que um ser humano se *identifique* em suas obras, mas sim na maioria dos casos ele as coloca *diante de si*.

Somente um espírito humano *maduro identifica-se* com suas obras.

Por isso, também, unicamente ele é realmente *vivo* em sua actuação diária, em contraste com os muitos que cumprem o seu trabalho apenas automaticamente, ficando *ao lado* desses trabalhos.

É natural que falte a esses últimos a verdadeira alegria do trabalho. Evidentemente também esses seres humanos podem ser fiéis no cumprimento do seu dever, contudo, eles encaram esse cumprimento como uma obrigação, na melhor das hipóteses uma obrigação *necessária* para a vida; nunca, porém, encontram nesse trabalho verdadeira satisfação, conseqüentemente, também nenhuma alegria, mas sim dirigem sempre olhares cobiçosos para algo diferente.

Esse algo diferente, em geral, pouco tem a ver com *trabalho*, mas sim com a realização de desejos prazerosos, desejos que só deveriam surgir, para o ser humano correcto, do cumprimento do dever e de obras realizadas alegremente, pois a *verdadeira* alegria e o prazer límpido somente provêm da consciência do fiel cumprimento do dever e do trabalho realizado alegremente.

Observai os seres humanos também nesse particular nas pequenas coisas; assim é fácil de se verificar rapidamente, se realizam o seu trabalho *integralmente*, isto é, alegremente, ou de maneira automática. Devem ser avaliados de acordo com isso.

22.3 Dar e receber

Pergunta: Abdruschin fala na sua Mensagem, entre outros assuntos, de uma grande lei da Criação, que somente no dar é que também pode residir o verdadeiro receber. Eu seria grato se pudesse receber indicações mais precisas a respeito, que dirigissem o meu pensar para o caminho certo.

Resposta: Essa lei perpassa tudo. Com um pouco de observação não é difícil reconhecê-la e tirar ensinamentos.

Não se estende apenas ao pensar e ao actuar *consciente* e desejado dos seres humanos, ou à sua actuação nas diversas profissões, mas sim, também, a todos os acontecimentos considerados como naturais, que se realizam até certo ponto automaticamente.

Consideremos, por exemplo, a respiração! Só quem expira correctamente, pode executar e executará automaticamente a inalação sadia e perfeita, sim, através da expiração correcta é levado e obrigado a essa inalação. Isso proporciona ao corpo saúde e força.

Com a expiração o ser humano *dá!* Ele dá algo que representa uma utilidade para a Criação: mencionamos aqui apenas o carbono, necessário à alimentação das plantas. Reciprocamente, ou conseqüentemente, pode *aquele* ser humano, que cuida bem da expiração, inalar profundamente e com satisfação, pelo que

lhe aflui grande força, completamente diferente da respiração superficial.

Em sentido contrário isso não se dá. O ser humano pode inalar profundamente e com prazer, sem por isso ser *automaticamente* obrigado a expirar também profundamente, pois a maioria dos seres humanos executa justamente a expiração de forma superficial.

Eles procuram, sim, tomar com prazer, mas não se lembram de que também devem *dar* algo.

E da falta desse *dar* acertado, isto é, da completa expiração, conclui-se muitas coisas: primeiro, que o ser humano, por esse motivo, nunca pode chegar a um verdadeiro prazer na inalação, e, segundo, que não será expelido ou removido tudo aquilo que é nocivo ou inaproveitável para o corpo, tendo de sobrecarregá-lo ou impedir a sua vibração sadia, pelo que, com o tempo, podem surgir muitos males. Um observador atento reconhecerá também nisso a lei que actua imperceptivelmente.

Não é diferente com as coisas mais grosseiras do corpo. A ingestão prazerosa dos alimentos só pode ser alcançada mediante a digestão, isto é, transformação e transmissão posterior para a nutrição da terra e das plantas. Depende disso incondicionalmente.

Assim como se manifesta nos acontecimentos corporais, igualmente se processa nas coisas espirituais. Se um espírito

deseja colher, isto é, receber, então deve transformar e retransmitir o recebido. A transformação ou formação, antes da retransmissão, robustece e tempera o espírito, que, nesse fortalecimento, torna-se capaz de absorver cada vez mais coisas valiosas, após haver criado espaço para isso pela transmissão, seja por palavras ou por escrito ou outra acção.

Unicamente após a propagação lhe advém alívio, do contrário oprimi-lo-ia, incomodá-lo-ia permanentemente ou o inquietaria, podendo finalmente até deprimi-lo completamente. Somente dando, isto é, retransmitindo, poderá ele receber novamente.

Apenas menciono essas coisas facilmente observáveis e compreensíveis, para com isso dar uma ideia do grandioso e sempre actuante. Todos os fenómenos na Criação estão sujeitos a essa lei. Os efeitos naturalmente sempre se apresentam de maneira diferente, de acordo com a planície e espécie correspondente.

Essa lei também pode ser interpretada diferentemente, elucidada de outra maneira, dizendo-se: quem recebe tem de retransmitir, do contrário surgem congestões e perturbações que são nocivas, podendo tornar-se destrutivas, porque opõem-se à lei automaticamente actuante da Criação. E não existe criatura que não receba.

22.4 Abd-ru-shin é judeu?

Pergunta: Muitas vezes ouvi, partindo da Alemanha, a afirmação de que Abd-ru-shin é judeu. Já há anos ouço repetir essa asseveração e, singularmente, de momento mais do que antes. É evidente o desejo de querer causar com isso algum prejuízo, por isso ficaria grato se Abd-ru-shin mesmo quisesse dar uma resposta, pois, conforme seu costume, conserva-se sempre numa distinta reserva face a todos os ataques, como também nesse assunto.

Resposta: Posso responder sua pergunta com a maior simplicidade: a afirmação de que eu seja judeu é mentira, e até uma mentira muito *grosseira*, porque nesse caso, sem esforço, pode ser provado o contrário, o que nem sempre foi tão fácil, com relação a muitas calúnias habilmente preparadas pela deturpação de factos.

Nesse caso não me interessei pelas origens dessas calúnias, mas se tudo for tão mal fundamentado como esta ridícula mentira, naturalmente mal intencionada, não haverá muita esperança para eles, no futuro.

Com essa mesma intenção, já há anos, um jornal alemão até publicou uma fotografia minha, onde pude reconhecer que a mesma fora retocada para esse fim, isto é, falsificada, pois nem apresentava mais semelhança com o original. Talvez o próprio jornal tenha sido iludido. Contudo, também daquela vez fiquei

calado, porque pareceu-me demasiadamente ridículo perder sequer uma palavra com essa questão.

Quem quiser acreditar nessas coisas e por *tal motivo* rejeitar as minhas obras ou não desejar lê-las, deve fazê-lo tranquilamente, pois não imponho as minhas dissertações a ninguém.

Não obstante considerar isso uma questão completamente secundária, possuo em mãos a documentação de minha descendência ariana, pura, até o século 16. Essas provas foram reunidas por pessoas sinceras e honestas, sem qualquer pedido de minha parte. Essas provas foram depositadas em diversos locais e já apresentadas aos respectivos órgãos para invalidação das afirmações surgidas repetidas vezes.

Minha própria Mensagem, porém, é *objectiva* e dirige-se a *todos* os seres humanos autorizados a passar algum tempo na Terra. Agiria contra a sagrada lei de Deus, se nisso fizesse distinções exteriores.

22.5 Meu alvo é de espécie espiritual!

“Não trago uma nova religião, não quero fundar uma nova igreja, tampouco uma seita qualquer, mas sim dou, com toda a simplicidade, um quadro nítido da actuação automática da Criação, que encerra a vontade de Deus, onde o ser humano pode reconhecer claramente quais os caminhos certos para ele.

Estou totalmente desinteressado de desejos políticos ou “ideias”.

Da Colónia do Graal, no Vomperberg, no Tirol, quero fazer um “Refúgio de Paz” e uma “Fonte de força espiritual” para todos aqueles que sinceramente aspiram por isso.

Criar isso é o meu único desejo, e isso só pode trazer proveito a todo ser humano, com isso também a toda família e a cada Estado.”

23.1 Ressurreição terrena é possível?

Pergunta: Pessoas de crença ortodoxa da igreja, muitas vezes mencionam uma passagem bíblica, segundo a qual, ao Tomé incrédulo foi permitido colocar a mão na chaga lateral do Filho de Deus, Jesus, quando ele apareceu, e que também Tomé a sentiu como sendo aquela ferida. Daí procuram fundamentar que a ressurreição deve ter ocorrido em *carne*, contrariamente às explicações de Abdruschin.

Resposta: É a maneira usual e cómoda dos seguidores da igreja apoiarem suas argumentações, como prova, simplesmente sobre passagens da Bíblia, que na maioria dos casos não compreendem acertadamente e que também até agora nem sempre foram interpretadas de maneira correta.

Também, a simples indicação de uma informação bíblica não representa de maneira alguma uma fundamentação real, que qualquer pessoa de pensar independente pudesse sem mais nem menos compreender.

Jesus, na sua aparição perante os discípulos, andava de início, como qualquer falecido, somente com o corpo de matéria algo mais fina, mas não com o de matéria grosseira. Para poder convencer Tomé de que realmente era Jesus, foi concedida a Tomé a graça de poder, nesse momento, ver e sentir de modo *fino-material*, isto é, deixar actuar seu próprio corpo de matéria fina.

O corpo de matéria fina vê e sente *através* do corpo de matéria grosseira, quando o ser humano ainda se encontra com o invólucro dessa matéria. Isso causa a impressão de que é o próprio corpo de matéria grosseira que actua. O corpo de matéria grosseira muitas vezes também executa de maneira visível os movimentos correspondentes, isto é, os acompanha.

Também hoje pode acontecer assim em situações completamente diferentes, que um ser humano, dotado com faculdades para ver e sentir a matéria fina, pegue em algo e também o sinta, facto que outras pessoas não podem ver.

Não foi diferente com Tomé. Ele via e sentia com o seu corpo de matéria fina e respectivos órgãos, *através* de seu corpo de matéria grosseira, o corpo de Jesus já transfigurado, isto é, algo mais fino, e pelo mesmo motivo via e sentia a respectiva chaga, sem ter sido o espesso corpo carnal.

Esse é um acontecimento completamente natural que, apoiado por auxiliares e forças luminosas com a finalidade de convencer, tinha de actuar sobre Tomé de modo ainda mais natural, principalmente porque o próprio Jesus assim o queria.

Justamente esse acontecimento, porém, comprova bem claramente que não pode ter sido o corpo terreno de matéria grosseira de Jesus, tão conhecido de todos os discípulos, pois do contrário ficaria excluída de antemão qualquer dúvida a respeito.

Portanto, Jesus *tinha* que ter apresentado também exteriormente, em seu corpo de matéria fina, uma *outra* aparência, que permitiu uma dúvida sobre a sua autenticidade, devido à diferença com relação ao seu corpo de matéria grosseira bem conhecido, de tal forma que Jesus ainda quis trazer uma prova especial, a fim de anular a possível dúvida ocasionada pela transformação.

Justamente aquilo que tais ortodoxos querem alegar como base de seu pensar, representa na realidade uma prova contrária! Deve-se apenas abandonar a rigidez de querer se aferrar com indolência ao que é costumeiro ou aprendido, então, na reflexão, surge automaticamente, de todos os lados, o raio que ilumina de tal maneira, que mais tarde nunca se poderá compreender por que não se chegou a essa ideia já muito antes.

E quem, então, conseguir reunir a força para ponderar calmamente sobre todos os aspectos, descobrirá que tudo fala a favor do *novo* e nada a favor do que é antigo, surgido de um pensar indolente ou de um cálculo astuto.

Os seres humanos terrenos vivenciam, no entanto, continuamente o suficiente para poderem, com pequena reflexão apenas, facilmente se compenetrar dos factos. Quem, por exemplo, ainda não teve um sonho nítido, no qual o corpo de matéria grosseira actua também terrenamente? Bate ao seu redor, chora, soluça, grita, geme e fala, enquanto que o sonho, o

verdadeiro vivenciar, ver e sentir não é absolutamente de espécie grosso-material, mas sim muito mais delicada e fina do que a matéria algo mais fina do corpo transfigurado do Filho de Deus, quando do acontecimento com o incrédulo Tomé.

Não obstante, o ser humano, durante a vivência no sonho, está absolutamente convicto de que é de espécie grosso-material; só ao acordar chega-lhe a compreensão de que foi diferente, apesar de ainda deparar com provas de matéria grosseira nas lágrimas e outras coisas.

A “transfiguração” não é a transformação de algo existente, como o corpo terreno de matéria grosseira, mas sim a *retirada* desse invólucro, permitindo o surgimento de um corpo mais delicado, através do qual o próprio espírito humano pode transluzir mais fortemente.

A transfiguração também não se refere, pois, ao corpo terreno, mas sim ao próprio ser humano, que é espírito, e que, após deixar o corpo terreno e todas as demais escórias turvas a ele aderidas, começa a reluzir cada vez mais, através de seus invólucros.

Irrompe uma nova era que eliminará todas as dúvidas e que deixará ressuscitar novamente o saber sobre Deus, revestido de mais pureza, mais vivo, o que não diminui a grandeza do sacrifício de outrora do Filho de Deus, mas ainda o coloca numa luz muito mais irradiante, porque o espírito humano terá se

tornado sabedor a respeito, não permanecendo apenas numa crença confusa, que não traz nenhuma força viva dentro de si.

23.2 Resposta a ataques

Pergunta: Sendo leitor de todas as dissertações de Abd-ru-shin e que procura seriamente, estou indignado com o teor do artigo publicado há poucos dias no jornal “Tiroler Anzeiger”, denominado “Vomp e a Colónia do Graal”, uma vez que esse artigo, diante das reais palavras de Abd-ru-shin, pode ser reconhecido imediatamente como uma obra-prima de deturpação intencional, que deve servir a um propósito definido, nele, porém, inconfesso.

Será que Abd-ru-shin deseja permanecer calado também nesse caso? E não seria oportuno trazer alguns esclarecimentos mais detalhados sobre o culto a Maria, já que isso também deve interessar aos cristãos não-católicos?

Resposta: Por que não deveria eu ficar calado ainda por mais tempo diante de ataques, que em breve terão de se esclarecer pelas leis de Deus que actuam espontaneamente na Criação? A consequência então será que justamente tais ataques não somente recairão sobre os autores, como até contribuirão, mais do que qualquer outra coisa, para fomentar o *contrário* daquilo que fora intencionado.

Como suas perguntas, no entanto, são directamente forçadas por tais ataques, quero pelo menos dar algumas indicações, que possam incentivar cada pessoa para o reflectir e o pensar próprio e que correspondam aos factos.

Ao contrário de sua opinião, o artigo mencionado de modo algum pode ser considerado uma obra-prima de deturpação, mas sim toda a natureza do mesmo lembra vivamente os actos das igrejas da Idade Média, que hoje geralmente são condenados com justa indignação.

O conteúdo e a natureza do artigo demonstram claramente *uma* só coisa: a preocupação talvez compreensível, – não quero dizer justamente medo, – de que alguns seres humanos, também da esfera da igreja, que pensam mais profundamente, pudessem concordar com as explicações lógicas sobre o saber da Criação, contidas em minhas dissertações, pois elas não ficam devendo uma resposta compreensível e convincente para todas as perguntas da humanidade até agora não esclarecidas, não fazem nenhuma alusão ao misticismo.

E essas minhas dissertações, em cada palavra, são trespassadas pela mais pura e consciente veneração a Deus, realçando a Sua perfeição. A perfeição de Deus é, aliás, a base e o ponto de partida de *todas* as minhas dissertações, enquanto que essa particularidade muitas vezes é omitida por outros ensinamentos de até agora; pois perfeição não admite actos arbitrários, que se encontram fora das leis actantes da Criação, visto que as leis da Criação surgiram da perfeição de Deus, do Criador.

Isso, porém, aumenta a adoração a Deus e aprofunda a mesma ainda mais no saber, também não diminui, de maneira nenhuma, a sagrada missão da mãe terrena Maria de Nazaré, que pôde proporcionar o corpo terreno para o Filho de Deus, Jesus!

E quando eu, em reconhecimento e acentuação das leis perfeitas de Deus na Criação, chego à conclusão que em cada nascimento terreno, também de acordo com essas leis, se faz necessária uma geração terrena, então não há nisso nenhuma conspiração, pois do contrário cada maternidade terrena teria de ser considerada como conspiração!

Será então que a humanidade terrena deseja atrever-se a forçar Deus, em suas leis naturais espontaneamente actuates, a subordinar-se às leis sociais humanas, tão diversas e tão variáveis?

Concepção *imaculada* é uma concepção baseada no mais puro amor, em contraste a uma concepção resultante de prazer pecaminoso!

E que Jesus *nunca* poderia ter sido uma criança nascida de prazer pecaminoso é evidente. Eu seria o primeiro a combater com todas as energias um tal pensamento. É necessária uma grande impureza, para também apenas configurar tais interpretações de minhas considerações puramente objectivas.

Com referência à sua segunda pergunta, sobre a espécie do culto a Maria, quero desta vez seguir o exemplo do Filho de Deus, Jesus, e elucidá-la igualmente através de uma pergunta:

Jesus, que ensinava *tudo* aos seres humanos, como deviam pensar e actuar, sim, até como deviam falar e orar, para fazer o certo e do agrado de Deus, alguma vez mencionou, mesmo com uma só palavra, algo a respeito desse culto? E os cristãos desejam sem dúvida guiar-se por Cristo.

Penso não ser necessário mencionar mais nada a respeito. Estou totalmente longe de querer tocar na convicção ou nos conceitos de outros seres humanos, e respeito *qualquer* forma de adoração a Deus, onde a mesma é intuída sinceramente. Da mesma forma, nunca procurei impor o meu saber a qualquer pessoa, mas sim exijo sempre de cada um, de antemão, um exame próprio e sério, já que a própria responsabilidade do ser humano, instituída por Deus, condiciona também a possibilidade de livre-decisão; pois também a justiça de Deus é perfeita; jamais responsabilizaria o ser humano por algo pelo qual ele não pudesse decidir livremente, o que, naturalmente, também nos assuntos religiosos não constitui nenhuma excepção.

E se nesse caso eu quisesse falar uma vez em consonância com a Bíblia, sobre a qual muitos também se apoiam, então Jesus diz, de acordo com o Evangelho de Mateus, capítulo 6:

“E quando orais, não deveis tagarelar muito como os gentios, pois esses presumem que serão ouvidos quando muito falam. Por isso deveis orar *assim*.”

Então lhes deu o Pai Nosso, como ainda hoje é ensinado eorado. Porém, *nada mais!*

Se eu indico ainda para o primeiro *Mandamento*, o qual também Jesus mais de uma vez realça especialmente, onde diz expressamente: “*Eu* sou o Senhor, teu Deus; tu não deverás ter *outros* deuses a meu lado!”, então representa uma adoração devocional a Deus quando é pronunciado; tudo o mais é, então, imaginado pelos seres humanos. E os cristãos, no entanto, desejam seguir somente *Cristo*.

Mas também há muitos anos, ao ser interrogado, expliquei expressamente que não é errado, e até indicado, agradecer aos auxiliadores espirituais por suas inúmeras ajudas. Isto, como tudo o mais, já foi publicado há tempo.

Isso basta por hoje. Quem não possui pensamentos impuros, nunca poderá encontrar algo de impuro no que foi dito por mim, mas sim unicamente argumentações objectivas, baseadas nas leis da Criação, que se apoiam na perfeição de Deus, como, na maioria dos casos, também a história mundial ensina, comprovando.

A história mundial! Sim, essa ensina também ainda muito mais, entre outras coisas também que justamente *sempre* em

primeira linha foram os sacerdotes, pouco importando qual o seu conceito de Deus ou doutrina, que procederam de maneira má contra *todo* portador da Verdade ou investigador do verdadeiro conceito de Deus, visto que com isso se sentiam ameaçados em seu comodismo e influência.

Da mesma forma, foram também os sacerdotes, que importunaram o anunciador João Baptista e mais tarde os discípulos, e, tendo à frente o sumo sacerdote, acusaram o Filho de Deus, Jesus, de blasfemador e o levaram à cruz.

E novamente será a *história mundial* que, ainda em milénios vindouros, informará com clareza também sobre os *factos* da época actual, sem deferência, e descreverá as lutas que, sempre da mesma forma, se travam na actualidade, até que a Verdade da Luz Sagrada irradiante também transpasse os esconderijos mais ocultos das trevas.

24.1 Esforços de alguns ex-discípulos

Pergunta: Abd-ru-shin não tem conhecimento dos esforços escandalosos de alguns ex-discípulos, dirigidos contra ele e com que tantos adeptos são molestados com más intenções?

Resposta: Não tomo nenhuma providência, porque unicamente Deus dará resposta a cada um, no momento certo. Isso não são palavras vazias, mas é certeza.

Além disso, esses seres humanos testemunham, pelo seu modo de agir, a verdade das palavras de minha Mensagem e mostram a cada espírito acordado claramente, qual o caminho que seguem.

Índice remissivo

RESPOSTAS A PERGUNTAS.....	1
TEXTOS COLECIONADOS.....	1
DIVERSOS.....	1
1.1 A religião do amor.....	2
2.1 Imaculada concepção.....	4
2.2 Transformações.....	9
2.3 Boas ações por ambição.....	10
2.4 Responsabilidade dos juízes.....	14
2.5 Pregadores incrédulos.....	15
3.1 Curas.....	16
3.2 A Ordem: O Graal.....	17
4.1 Filiação de Deus.....	19
4.2 “Virgem” Maria na Profecia.....	21
4.3 A Confirmação.....	25
5.1 Aproximação à Ordem.....	28
6.1 Ciência e humanidade.....	31
6.2 Seres humanos divinos.....	36
6.3 Folhetos do Graal.....	37
6.4 Teósofos.....	38
7.1 Aprendizado do ocultismo, alimentação de carne ou alimentação vegetal.....	39
7.2 Magnetismo terapêutico.....	49
7.3 Constitui a velhice um obstáculo para a ascensão espiritual?.....	52
7.4 Quem é o Filho do Homem?.....	55
7.5 Abdruschin.....	57
7.6 Conceito humano e vontade de Deus.....	58
7.7 Considerações sociais e políticas.....	62
7.8 A arte de respirar.....	64
7.9 Freqüência a igrejas.....	65
7.10 Diversos.....	67
7.10.1 Presente e Intermediário.....	67
7.10.2 Reincidência em antigos erros.....	68
7.10.3 Logotipo da Editora.....	73
7.10.4 A expressão “Graal”.....	75
7.10.5 Abdruschin tem adversários?.....	77
7.10.6 Qual formação teve Abdruschin?.....	78
7.11 Comunicado da Editora.....	79
7.11.1 A revista: “O Chamado!”.....	79
8.1 “O Chamado”.....	80
“O Chamado”.....	80
8.2 Morte na Cruz.....	82
8.3 Apocalipse de João.....	85
8.4 Budismo.....	90
8.5 Filiação de Deus.....	93
8.6 Catástrofes.....	95
8.7 Fiéis medrosos.....	97
8.8 Comunicações da Editora.....	100
8.8.1 Manuscritos.....	100
8.8.2 Associações.....	102
8.8.3 Reuniões de trabalho noturnas.....	103
8.8.4 Formação de grupos e a Mensagem do Graal.....	104

8.8.5 Representante.....	105
9.1 O enigma de Konnersreuth.....	106
9.2 O ladrão na cruz.....	122
9.3 Mudança de sexo em reencarnações.....	124
10.1 Natal!.....	125
10.2 Todas as perguntas são respondidas?.....	127
10.3 Cristo foi vegetariano?.....	130
10.4 A Criação propriamente dita e o mundo material.....	131
10.5 Como é visto um místico em relação aos ocultistas e espíritas?.....	133
10.6 É Abdruschin adversário da astrologia?.....	145
10.7 Abdruschin profere palestras em outras cidades?.....	146
10.8 O caso Konnersreuth.....	147
10.9 O que é energia? E o que é força de gravidade?.....	149
10.10 Reconhecimento da encarnação por fotografias.....	160
10.11 Abdruschin é um vidente?.....	161
10.12 Quem foi a alma do enigma de Konnersreuth?.....	163
10.13 Pode ser curado um ser humano possuído por um demônio?.....	164
10.14 Cristo e a reencarnação.....	167
10.15 Comunicações da editora.....	168
10.15.1 Publicações, ou então, reuniões de livros.....	168
11.1 Resumo de perguntas análogas.....	170
11.2 Atração da igual espécie.....	171
11.3 Espíritas.....	173
11.4 Pêndulo.....	176
11.5 Lorber.....	179
11.6 Pedra de toque do ocultismo.....	181
11.7 Sobre o duelo.....	183
11.8 Krishnamurti.....	185
11.9 Sábio, através de compaixão.....	188
11.10 A “Sagrada Cruz”.....	192
11.10.1 Reencarnação e confissão.....	192
11.10.2 O Mestre do Universo.....	195
11.10.3 Seitas e sua atuação.....	200
12.1 Buddha.....	202
12.2 Invocação de santos.....	206
12.3 A Mensagem do Graal em relação a outras doutrinas.....	213
12.4 Onde se situam as trevas?.....	215
12.5 A Mensagem do Graal e os judeus.....	217
12.6 Filho do Homem como juiz.....	224
12.7 Que é Verdade?.....	227
12.8 Como era antes da Criação?.....	230
12.9 Diversos temas dignos de menção.....	235
12.10 Redatores de Jornais.....	240
12.11 Esclarecimento final.....	241
12.12 Transmissão de Contos.....	242
13.1 Uma grande dor passa por todos os países.....	252
13.2 O convocado pela Luz.....	254
13.3 Servir ao Graal.....	257
13.4 Antroposofia.....	259
13.5 Resposta a hostilizações.....	262
13.6 Maus pensamentos.....	266
13.7 Por que muitas pessoas não encontram nada na Mensagem do Graal?.....	267

13.8 Deus castiga?.....	268
13.9 Espírito e alma.....	271
13.10 Que são difamadores?.....	272
13.11 Posicionamento de Abdruschin a respeito de associações existentes.....	273
13.12 Palestras públicas.....	276
13.13 Conselhos terrenos práticos.....	280
13.14 A Mensagem do Graal rompe seitas.....	281
13.15 O que é procurar seriamente?.....	284
13.16 Campo da Medicina.....	286
13.16.1 Cancerologia.....	286
14.1 Palavras de introdução.....	288
Vibra uma Voz pelo Universo!.....	288
14.2 Sentimentos de inferioridade.....	289
14.3 O tolo puro.....	291
15.1 “Olhos de raios X”.....	292
16.1 A tentação do Filho de Deus no deserto.....	300
16.2 Existe uma “providência”?.....	306
16.3 Expulsão do Paraíso.....	307
17.1 Trabalho sem alegria.....	311
17.2 Alma coletiva.....	313
18.1 Erros apesar do melhor querer.....	317
18.2 Não-reconhecimento da atuação de Deus.....	318
18.3 Morte natural e violenta.....	319
18.4 Graça e Justiça.....	321
19.1 Destino dos incas.....	322
19.2 Hostilizações.....	325
20.1 Ataques de igrejas e seitas.....	327
21.1 Orações.....	330
21.2 Milagres de Jesus.....	332
22.1 O cultivo excessivo do cérebro anterior traz prejuízos corpóreos?.....	335
22.2 Avaliação acertada do próximo.....	337
22.3 Dar e receber.....	339
22.4 Abd-ru-shin é judeu?.....	342
22.5 Meu alvo é de espécie espiritual!.....	344
23.1 Ressurreição terrena é possível?.....	345
23.2 Resposta a ataques.....	350
24.1 Esforços de alguns ex-discípulos.....	356
Capítulo 1 Folhetos do Graal Série I, 2º Caderno.....	361
Capítulo 2 Folhetos do Graal Série I, 3º Caderno.....	361
Capítulo 3 Folhetos do Graal Série I, 4º Caderno.....	361
Capítulo 4 Folhetos do Graal Série I, 5º Caderno.....	361
Capítulo 5 Folhetos do Graal Série I, 6º Caderno.....	361
Capítulo 6 Folhetos do Graal Série I, 7º Caderno.....	361
Capítulo 7 Folhetos do Graal Série II, Caderno 3, 4, 5.....	361
Capítulo 8 O Chamado, Caderno 1 e 2.....	362
Capítulo 9 O Chamado, Caderno 3 e 4.....	362
Capítulo 10 O Chamado, Caderno 5, 6, 7.....	362
Capítulo 11 O Chamado, Caderno 8 e 9.....	362
Capítulo 12 O Chamado, Caderno 10, 11, 12.....	363
Capítulo 13 O Chamado, Caderno 13.....	363
Capítulo 14 A Voz, Caderno 1.....	363
Capítulo 15 A Voz, Caderno 2.....	364

Capítulo 16 A Voz, Caderno 3.....	364
Capítulo 17 A Voz, Caderno 4.....	364
Capítulo 18 A Voz, Caderno 5.....	364
Capítulo 19 A Voz, Caderno 6.....	364
Capítulo 20 A Voz, Caderno 7.....	364
Capítulo 21 A Voz, Caderno 8.....	364
Capítulo 22 A Voz, Caderno 9.....	364
Capítulo 23 A Voz, Caderno 10.....	364
Capítulo 24 A Voz, Caderno 12.....	364

Capítulo 1 Folhetos do Graal Série I, 2º Caderno

- 1.1 A religião do amor

Capítulo 2 Folhetos do Graal Série I, 3º Caderno

- 2.1 Imaculada concepção
- 2.2 Transformações
- 2.3 Boas ações por ambição
- 2.4 Responsabilidade dos juízes
- 2.5 Pregadores incrédulos

Capítulo 3 Folhetos do Graal Série I, 4º Caderno

- 3.1 Curas
- 3.2 A Ordem: O Graal

Capítulo 4 Folhetos do Graal Série I, 5º Caderno

- 4.1 Filiação de Deus
- 4.2 “Virgem” Maria na profecia
- 4.3 A confirmação

Capítulo 5 Folhetos do Graal Série I, 6º Caderno

- 5.1 Aproximação à Ordem

Capítulo 6 Folhetos do Graal Série I, 7º Caderno

- 6.1 Ciência e humanidade
- 6.2 Seres humanos divinos
- 6.3 Folhetos do Graal
- 6.4 Teósofos

Capítulo 7 Folhetos do Graal Série II, Caderno 3, 4, 5

- 7.1 Aprendizado do ocultismo, alimentação de carne ou alimentação vegetal
- 7.2 Magnetismo terapêutico
- 7.3 Constitui a velhice um obstáculo para a ascensão espiritual?
- 7.4 Quem é o Filho do Homem?
- 7.5 Abdruschin
- 7.6 Conceito humano e vontade de Deus
- 7.7 Considerações sociais e políticas
- 7.8 A arte de respirar
- 7.9 Frequência a igrejas
- 7.10 Diversos
 - 7.10.1 Presente e intermediário
 - 7.10.2 Reincidência em antigos erros
 - 7.10.3 Logotipo da Editora
 - 7.10.4 A expressão “Graal”
 - 7.10.5 Abdruschin tem adversários?

- 7.10.6 Qual formação teve Abdruschin?
- 7.11 Comunicado da Editora
 - 7.11.1 A Revista “O Chamado”

Capítulo 8 O Chamado, Caderno 1 e 2

- 8.1 “O Chamado”
- 8.2 Morte na Cruz
- 8.3 Apocalipse de João
- 8.4 Budismo
- 8.5 Filiação de Deus
- 8.6 Catástrofes
- 8.7 Fiéis medrosos
- 8.8 Comunicados da Editora
 - 8.8.1 Manuscritos
 - 8.8.2 Associações
 - 8.8.3 Reuniões de trabalho noturnas
 - 8.8.4 Formação de grupos e a Mensagem do Graal
 - 8.8.5 Homens de negócios

Capítulo 9 O Chamado, Caderno 3 e 4

- 9.1 O enigma de Konnersreuth
- 9.2 O ladrão na Cruz
- 9.3 Mudança de sexo em reencarnações

Capítulo 10 O Chamado, Caderno 5, 6, 7

- 10.1 Natal!
- 10.2 Todas as perguntas são respondidas?
- 10.3 Cristo foi vegetariano?
- 10.4 A Criação propriamente dita e o mundo material
- 10.5 Como é visto um místico em relação aos ocultistas e espíritas?
- 10.6 É Abdruschin adversário da astrologia?
- 10.7 Abdruschin profere palestras em outras cidades?
- 10.8 O caso Konnersreuth
- 10.9 O que é energia? E o que é força de gravidade?
- 10.10 Reconhecimento da encarnação por fotografias
- 10.11 Abdruschin é um vidente?
- 10.12 Quem foi a alma do enigma de Konnersreuth?
- 10.13 Pode ser curado um ser humano possuído por um demônio?
- 10.14 Cristo e a reencarnação
- 10.15 Comunicados da Editora
 - 10.15.1 Anúncios referentes à discussão de livros

Capítulo 11 O Chamado, Caderno 8 e 9

- 11.1 Resumo de questões análogas
- 11.2 Atração da igual espécie
- 11.3 Espíritas
- 11.4 Pêndulo

- 11.5 Lorber
- 11.6 Pedra de toque do ocultismo
- 11.7 Sobre o duelo
- 11.8 Krishnamurti
- 11.9 Sábio, através de compaixão
- 11.10 A “Sagrada Cruz”
 - 11.10.1 Reencarnação e confissão
 - 11.10.2 O Mestre do Universo
 - 11.10.3 Seitas e sua atuação

Capítulo 12 O Chamado, Caderno 10, 11, 12

- 12.1 Buddha
- 12.2 Invocação de santos
- 12.3 A Mensagem do Graal em relação a outras doutrinas
- 12.4 Onde se situam as trevas?
- 12.5 Mensagem do Graal e judeus
- 12.6 Filho do Homem como juiz
- 12.7 Que é Verdade?
- 12.8 Como era antes da Criação?
- 12.9 Diversos temas dignos de menção
- 12.10 Redatores de jornais
- 12.11 Esclarecimento final
- 12.12 Transmissão de contos

Capítulo 13 O Chamado, Caderno 13

- 13.1 Uma grande dor passa por todos os países
- 13.2 O convocado pela Luz
- 13.3 Servir ao Graal
- 13.4 Antroposofia
- 13.5 Resposta a hostilizações
- 13.6 Maus pensamentos
- 13.7 Por que muitas pessoas não encontram nada na Mensagem do Graal?
- 13.8 Deus castiga?
- 13.9 Espírito e alma
- 13.10 Que são difamadores?
- 13.11 Posicionamento de Abdruschin a respeito de associações existentes
- 13.12 Palestras públicas
- 13.13 Conselhos terrenos práticos
- 13.14 A Mensagem do Graal rompe seitas
- 13.15 O que é procurar seriamente?
- 13.16 Campo da medicina
 - 13.16.1 Cancerologia

Capítulo 14 A Voz, Caderno 1

- 14.1 Palavras de introdução
- 14.2 Sentimentos de inferioridade
- 14.3 O tolo puro

Capítulo 15 A Voz, Caderno 2

- 15.1 “Olhos de Raios X”

Capítulo 16 A Voz, Caderno 3

- 16.1 A tentação do Filho de Deus no deserto
16.2 Existe uma “providência”?
16.3 Expulsão do Paraíso

Capítulo 17 A Voz, Caderno 4

- 17.1 Trabalho sem alegria
17.2 Alma coletiva

Capítulo 18 A Voz, Caderno 5

- 18.1 Erros apesar do melhor querer
18.2 Não-reconhecimento da atuação de Deus
18.3 Morte natural e violenta
18.4 Graça e Justiça

Capítulo 19 A Voz, Caderno 6

- 19.1 Destino dos incas
19.2 Hostilizações

Capítulo 20 A Voz, Caderno 7

- 20.1 Ataques de igrejas e seitas

Capítulo 21 A Voz, Caderno 8

- 21.1 Orações
21.2 Milagres de Jesus

Capítulo 22 A Voz, Caderno 9

- 22.1 O cultivo excessivo do cérebro anterior traz prejuízos corpóreos?
22.2 Avaliação acertada do próximo
22.3 Dar e receber
22.4 Abd-ru-shin é judeu?
22.5 O meu alvo é de espécie espiritual!

Capítulo 23 A Voz, Caderno 10

- 23.1 Ressurreição terrena é possível?
23.2 Resposta a ataques

Capítulo 24 A Voz, Caderno 12

- 24.1 Esforços de alguns ex-discípulos